

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**POLIANA OLIVEIRA SILVEIRA**

**A ESCOLA MODERNA NO BRASIL E AS CONTRIBUIÇÕES DE LAURO DE  
OLIVEIRA LIMA: AVANÇOS E CONTRADIÇÕES**

**UBERLÂNDIA**

**2019**

POLIANA OLIVEIRA SILVEIRA

**A ESCOLA MODERNA NO BRASIL E AS CONTRIBUIÇÕES DE LAURO DE  
OLIVEIRA LIMA: AVANÇOS E CONTRADIÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto.

Área de concentração: História e Historiografia da Educação.

**UBERLÂNDIA**

**2019**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU

com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S587 Silveira, Poliana Oliveira, 1992-  
2019 A ESCOLA MODERNA NO BRASIL E AS CONTRIBUIÇÕES DE  
LAURO DE OLIVEIRA LIMA: AVANÇOS E CONTRADIÇÕES  
[recurso eletrônico] / Poliana Oliveira Silveira. - 2019.

Orientador: Armindo Quillici Neto.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de  
Uberlândia, Pós-graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2413> Inclui  
bibliografia.

I. Educação. I. Quillici Neto, Armindo , 1962-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Educação.  
III. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

**ATA DE DEFESA**

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 16/2019/686 - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED				
Data:	CINCO DE JUNHO DE DOIS MIL E DEZENOVE	Hora de início:	14 horas	Hora de encerramento:	17 horas
Matrícula do Discente:	11712EDU035				
Nome do Discente:	POLIANA OLIVEIRA SILVEIRA				
Título do Trabalho:	"A ESCOLA MODERNA NO BRASIL E AS CONTRIBUIÇÕES DE LAURO DE OLIVEIRA LIMA: AVANÇOS E CONTRADIÇÕES"				
Área de concentração:	EDUCAÇÃO				
Linha de pesquisa:	HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO SUPERIOR NAS PRÁTICAS DOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA (EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL DE 1ª À 4ª SÉRIES): UMA ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DA SALA DE AULA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA FORMADOS EM PEDAGOGIA OU NORMAL SUPER.				

Reuniu-se no Anfiteatro/sala 1G 145, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro - UFU; Sônia Aparecida Siquelli - UNIFEQB e Armindo Quillici Neto como orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Armindo Quillici Neto, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e

achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Sônia Aparecida Siquelli, Usuário Externo**, em 06/06/2019, às 14:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Armindo Quillici Neto, Professor(a) do Magistério Superior**, em 07/06/2019, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/07/2019, às 08:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1305474** e o código CRC **6E89D296**.

À memória do professor Lauro de Oliveira Lima (1921-2013), quem tanto me inspira nos dias de hoje.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a oportunidade de ingresso a Universidade Federal de Uberlândia na Faculdade de Educação para acrescentar em minha carreira a tão importante formação que a pós-graduação me ofereceu.

Agradeço aos meus amados pais por serem os melhores que poderiam ser na minha vida.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação direta ou indiretamente.

Agradeço as professoras que aceitaram o meu convite de participar da minha banca qualificadora, meus sinceros e honrosos agradecimentos.

Por último e não menos importante, minha dedicação ao meu orientador professor Armindo que me conduziu até aqui me oferecendo seu melhor apoio de mestre. Esta dissertação, eu, ofereço toda a sua pessoa, pois sem você eu não teria chegado até aqui.

Só existem três formas de agir: a) *instinto* (uma espécie de hábito hereditário); b) *hábito* (uma espécie de instinto adquirido); c) *inteligência* (um mecanismo construído de descobrir novos meios e inventar novas soluções). (LIMA, 1981)

## RESUMO

O presente trabalho se insere na linha de pesquisa de história e historiografia da educação tendo como objetivo conhecer o pensamento pedagógico do educador Lauro de Oliveira Lima (1921-2013). O período histórico definido para a pesquisa está entre as décadas de 1960 e 1970, tempo em que o educador mais contribuiu para a educação no país, com mais de 30 publicações referentes à educação. Procuramos analisar e compreender os desafios de Lauro de Oliveira Lima perante os anseios da educação no período proposto, bem como sua reflexão sobre os impasses e reformas na educação. Defrontamo-nos com inúmeros conflitos e desafios vivenciados nas pesquisas bibliográficas, encontramos obras de diferentes vertentes do pensamento pedagógico do autor e uma grande quantidade de obras a serem conhecidas. Outro desafio é a ausência de estudos referentes ao seu pensamento. O objetivo deste trabalho é conhecer a vida e a concepção pedagógica de Lauro de Oliveira Lima, que se fez um pioneiro nos estudos da Psicogenética de Jean Piaget. Ressaltamos que a sustentação das ideias presentes aqui advém de leituras baseadas na história da educação, no Pensamento Pedagógico e nos estudos sobre intelectuais no Brasil. Para elaboração e sustentação deste trabalho, buscamos autores que problematizaram o contexto histórico e a produção do autor. Propomo-nos a analisar a obra *A Escola Secundária Moderna: Organizações, Métodos e Processos*, produzida na década de 1960, que ilustra seu pensamento pedagógico e as questões estruturais da educação, propondo um novo modelo de educação a ser seguido. A obra sugere questões ligadas às perspectivas política, ideológica, metodológica, de organização escolar e de processos de ensino. Portanto fez-se uma análise da obra considerando sua contribuição e mudanças para a educação brasileira no período estudado. A análise da obra também nos leva ao entendimento do pensamento pedagógico do autor estudado. Sobre os resultados notamos as contradições do autor, adapta produz o tempo que está vivendo, se adapta ao discurso tecnicista, profissionalização e institucionalização, passou a oferecer cursos para professores com o viés técnico.

**Palavras-chave:** Educação. Oliveira Lima. Pensamento pedagógico. Pensamento moderno.

## ABSTRACT

The present work is in line with the research history and historiography of education aiming to know the pedagogical thinking of educator Lauro de Oliveira Lima (1921 -2013). The defined historical period for the research is among the decades of 1960 and 1970, time in that the more educator contributed to the education in the country, with more than 30 publications regarding the education. We tried to analyze and understand the challenges of Lauro de Oliveira Lima before the longings of the education in the proposed period, as well as his reflection on the impasses and reforms in the education. We confronted ourselves with countless conflicts and challenges lived in the bibliographical researches, we found works of different slopes of the author's pedagogic thought and a great amount of works to be known. Another challenge is the absence of studies regarding her thought. The objective of this work is to know the life and the pedagogic conception of Lauro de Oliveira Lima, that a pioneer was made in the studies psychogenetic the Jean Piaget. We emphasized that the sustentation of the present ideas here occurs of readings based in the history of the education, in the Pedagogic Thought and in the studies on intellectuals in Brazil. For elaboration and sustentation of this work, we looked of authors that problematized the historical context and the author's production. We intend to analyze the work the Modern High school: Organizations, Methods and Processes, produced in the decade of 1960, that it illustrates his pedagogic thought and the structural subjects of the education, proposing a new education model to be proceeded. The work suggests linked subjects to the perspectives politics, ideological, methodological, of school organization and of teaching processes. Therefore it was made an analysis of the work considering contribution and changes for the Brazilian education in the studied period. The analysis of the work also in the group to the understanding of the author's Pedagogic Thought. About the results we note the author's contradictions, adapts to produce the time he is living, adapts to the technical discourse, professionalization and institutionalization, he started offering courses for teachers with technical bias.

**Keywords:** Education. Oliveira Lima. Pedagogical thinking. Modern thinking.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	13
2	<b>DESENVOLVIMENTO, MODERNIZAÇÃO E EDUCAÇÃO NO BRASIL</b>	19
2.1	Contexto Pós-Guerra	20
2.2	Modernização	26
2.3	Teoria do Capital Humano	34
2.4	Tecnicismo	39
3	<b>OLIVEIRA LIMA VIDA E OBRA</b>	45
3.1	Biografia	45
3.2	Escola “A Chave do Tamanho”: Centro Experimental e Educacional Jean Piaget	48
3.3	O teórico	57
3.4	As obras	64
4	<b>A ESCOLA SECUNDÁRIA MODERNA: CONTRIBUIÇÕES E CONTRADIÇÕES</b>	83
4.1	Materialidade	83
4.2	Trechos Importantes	97
4.3	Análise do pensamento	102
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	109
	<b>REFERÊNCIAS</b>	113
	<b>JORNAIS PESQUISADOS</b>	118
	<b>ANEXOS</b>	119

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Círculos sem academicismo.	25
Figura 2 – Processo de industrialização da escola.	29
Figura 3 – Escola média politécnica.	32
Figura 4 – Abandono escolar.	40
Figura 5 – Professor Lauro de Oliveira Lima.	45
Figura 6 – Escola A Chave do Tamanho.	49
Figura 7 – Carta enviada por Jean Piaget.	51
Figura 8 – O impasse na educação.	65
Figura 9 – Educar para a comunidade.	67
Figura 10 – Estórias da Educação no Brasil: De Pombal a Passarinho.	68
Figura 11 – Pedagogia, reprodução e transformação.	69
Figura 12 – Conflitos no lar e na escola.	70
Figura 13 – A escola secundária moderna.	70
Figura 14 – Escola no futuro.	71
Figura 15 – Escola no futuro.	71
Figura 16 – Dinâmica de grupo.	72
Figura 17 – Mutações em Educação segundo McLuhan.	73
Figura 18 – O <i>Enfant Sauvage</i> de Illich numa sociedade sem Escolas.	74
Figura 19 – Tecnologia, educação e democracia.	74
Figura 20 – A juventude como motor da história.	75
Figura 21 – Piaget para principiantes.	76
Figura 22 – Uma escola piagetiana.	77
Figura 23 – Temas piagetianos.	78
Figura 24 – Os mecanismos da liberdade.	79
Figura 25 – Introdução à pedagogia.	79
Figura 26 – A construção do homem segundo Piaget.	79
Figura 27 – Para que servem as escolas?	80
Figura 28 – Piaget: Sugestão aos educadores.	80
Figura 29 – Por que Piaget? A educação pela inteligência.	80
Figura 30 – Treinamento do professor primário: Uma nova concepção da escola normal.	81
Figura 31 – Na ribeira do rio das onças.	81
Figura 32 – Educar para la comunidad.	82

Figura 33 – A escola secundária moderna popular.	82
Figura 34 – Matéria de jornal “Manual para educadores”.	83
Figura 35 – Palestra do professor Lauro de Oliveira Lima.	85
Figura 36 – A escola secundária moderna 1ª edição.	86
Figura 37 – A escola secundária moderna 2ª edição.	86
Figura 38 – A escola secundária moderna 10ª edição.	88
Figura 39 – A escola secundária moderna 11ª edição.	88
Figura 40 – O professor não ensina.	91
Figura 41 – Círculo de estudo.	95
Figura 42 – Direção geral da classe.	95
Figura 43 – Treinamento de pessoal docente.	96
Figura 44 – Relação recíproca entre indivíduo e meio.	97
Figura 45 – Valores intelectuais a serem propostos.	98
Figura 46 – Ficha de avaliação do comportamento geral do aluno no trabalho escolar.	99
Figura 47 – Aspectos psicológicos e didáticos observados.	100
Figura 48 – Ficha de autoavaliação do rendimento.	102
Figura 49 – Educação moral e cívica nas escolas.	104
Figura 50 – Como selecionar.	106
Figura 51 – Corrupção numa secretaria da educação.	107

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Obras	64
Quadro 2: Obras a que não tivemos acesso	79
Quadro 3: Obras pesquisadas e não encontradas	81

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABE – Associação Brasileira de Educação

CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário

CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança

CFE – Conselho Federal de Educação

CIEG – Centro Internacional de Epistemologia Genética

FUNABEM – Fundo Nacional do Bem-Estar do Menor

IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PNE – Plano Nacional de Educação

ONU – Organização das Nações Unidas

## 1 INTRODUÇÃO

Quando apareceu o livro impresso ameaçou os procedimentos orais de ensino. (LIMA, 1971, p.15)<sup>1</sup>

Esta pesquisa foi motivada a partir de estudos realizados no trabalho de iniciação científica, que originaram um Trabalho de Conclusão de Curso, resultando nos estudos do pensamento de Lauro de Oliveira Lima, no ano de 2015. Desde então, sentiu-se a necessidade de continuar a pesquisa, por acreditarmos que será de grande relevância para a educação brasileira devido ao significativo acervo de obras escritas por Oliveira Lima que não foram estudadas por outros pesquisadores e por se encontrar em um rico período histórico.

A relevância deste trabalho se encontra no levantamento do estado da arte do autor Oliveira Lima, onde não foram encontrados trabalhos científicos que tenham o intuito de compreender o pensamento pedagógico e a sua influência na história da educação. Foram feitas buscas nas principais periódicos de educação do país, tais como: Cadernos de Pesquisa ANDES, ANPED, Associação Nacional de Educação, Associação Nacional de Educação, CEDES/Unicamp, Acervo Digital/Unesp, Educação Brasileira/Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Escola Pública, entre outras, e bibliotecas físicas e digitais<sup>2</sup> como Biblioteca Nacional Digital Brasil. Apenas em 2010 o autor José Luiz de Paiva Mello apresenta a vida e obra do distinto professor como objeto de uma dissertação intitulada “Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro”, como uma vertente descritiva da vida de Oliveira Lima.

O período determinado 1960/1970 é marcado por importantes mudanças educacionais que se relacionam com o pensamento de Oliveira Lima. Sua bibliografia contém mais de 30 livros escritos. Ressaltamos também que Oliveira Lima é um autor citado em alguns artigos que têm propósito de relatar seus estudos sobre Jean Piaget<sup>3</sup>. No entanto, nenhum tem a pretensão de estudar o autor, nem ao menos suas ideias publicadas em obras, muito menos sua atuação pública.

Oliveira Lima teve sua carreira marcada por sua posição sobre o ensino e pela leitura feita sobre Jean Piaget. Outra vertente trabalhada pelo autor são as obras utilizadas no treinamento e dinâmicas de grupo, destacando-se “Dinâmica de grupo no

---

1 A ortografia de todos os trechos do texto original do autor Oliveira Lima foram atualizados pela autora;

2 Todas referências de bibliotecas no anexo I;

3 Biólogo suíço, estudioso do desenvolvimento da inteligência;

lar, na empresa” em 1979, sustentando a aplicação das teorias de Jean Piaget e buscando o aprimoramento do conceito de educação pela inteligência.

Para ser feito o levantamento do estado da arte do autor em estudo, notamos que foi necessário muito cuidado para pesquisar materiais que fazem menção ao seu nome, pois observamos a popularidade dos nomes Lauro, Oliveira e Lima, nomes comuns e fáceis de serem confundidos por existirem outros autores com nomes muito parecidos. Outro agravante desta busca são as referências feitas ao seu filho, Lauro de Oliveira Lima,<sup>4</sup> que tem o mesmo nome do pai e atuante vida pública na política cearense, destacando-se nas questões relacionadas à educação.

O autor em questão, Lauro de Oliveira Lima, nasceu em 1921 e viveu até 2013, na cidade de Limoeiro do Norte/CE. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará. Foi conhecido pela sua atuação política na educação após formar-se em Direito. Em 1949 como aluno de Direito e já concursado como Inspetor Federal de Ensino (1º lugar regional/Ceará), fez uma viagem à Europa para divulgar em Portugal a Organização do Ensino Secundário Brasileiro.

Em 1951 cursou bacharelado em Filosofia pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e dedicou-se à pesquisa no campo educacional. Em 1952 cursou licenciatura em Didática pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, tendo sempre muito interesse pelo ato de educar, como o mesmo se descreve em uma entrevista<sup>5</sup>.

Suas principais atuações na educação em exercícios de cargos públicos foram:

- Inspetor do Ensino Secundário do Ministério da Educação. Port. 139 em 1945;
- Inspetor Federal do Ensino Secundário. Decreto nº 58.741 de 28/07/1966;
- Presidente da Comissão Regional de Fortaleza do Fundo Nacional do Ensino Médio. Portaria nº 1019 em 1955;
- Inspetor Seccional de Fortaleza com Jurisdição no estado do Ceará – portaria nº 13 em 1955;
- Cadeira de Pedagogia (interinamente) no Instituto de Educação do Ceará – 1958. Em caráter vitalício, em virtude do concurso em 1959;
- Diretor do Ensino Secundário, decreto do presidente da república de 19/08/63, D.O. de 20/08/63. Jurisdição Nacional sede em Brasília/DF;

---

4 Biografia de Lauro de Oliveira Lima (filho) disponível em: <http://www.laurooliveiralima.com.br/>, acesso em 20.10.18. O filho de Oliveira Lima atualmente é empreendedor do Colégio Oliveira Lima e presidente da ACEPEME (Associação Cearense de pequenas e médias escolas) fundada desde 1986. Em seu blog usa o lema “Batalhador incansável pela qualidade da educação”.

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QvsSeLigctw>, acesso em 23 Ago 2018.

- Promoção como Inspetor Federal do Ensino Secundário, decreto nº 58.741 de 28/07/1966.

Foi diretor do ensino secundário no Ministério da Educação e Cultura (MEC) no estado do Ceará no início da implantação dos planos nacionais de alfabetização, Presidente da Associação das Pequenas e Médias Escolas do Estado do Rio de Janeiro (APEMERJ) e Diretor de Pesquisas do Centro Educacional Jean Piaget. Dedicou-se a treinar professores, técnicos e empresários por meio de métodos elaborados para dinâmicas de grupo, denominados Grupos de Treinamento para a Produtividade.

Souza & Lara (2013, p.697) citam que em 1963 Oliveira Lima foi nomeado Diretor do ensino Médio do MEC, compondo a equipe ministerial junto a Paulo Freire, Anísio Teixeira, Arnaldo Hidelbrando e Darcy Ribeiro. Como Inspetor Seccional de Fortaleza fez parte de estudos junto a teóricos como Anísio Teixeira e Lourenço Filho que apoiaram a literatura pedagógica que o mesmo propunha para o país.

Durante sua vida tornou-se um pedagogo<sup>6</sup> que desenvolveu estudos sobre Jean Piaget e o Método Psicogenético. Oliveira Lima foi pioneiro nos estudos da teoria de Jean Piaget introduzida no Brasil. Dedicava-se a analisar questões como educação piagetiana<sup>7</sup>, epistemologia genética, psicologia infantil, pedagogia piagetiana, psicologia genética, psicologia piagetiana e sociologia piagetiana.

De acordo com suas obras, Oliveira Lima pretendia desenvolver um projeto de educação moderna no país. A partir disto, são feitos questionamentos sobre as reais situações que o Brasil enfrentará e as questões propostas pelo autor, que nos fazem refletir sobre suas publicações: qual a importância das obras de Oliveira Lima sobre a escola moderna?

Não podemos compreender o presente se não compreendermos as raízes históricas. Isto implica o estudo da gênese. Com a consciência de que a investigação histórica não é desinteressada. Todo suporte de planejamento, execução e escrita deste texto foram feitos a partir da pesquisa bibliográfica.

Esta pesquisa bibliográfica é resultado de estudos das obras do professor Oliveira Lima e outros estudos de livros que nos oferecem suporte para progredir no pensamento que buscamos construir com este texto. Com base em Marconi e Lakatos (2003, p.44) passamos pelas fases da pesquisa bibliográfica, que foram a escolha do

---

6 Pedagogo é um termo usado para se referir-se ao olhar pedagógico de suas obras.

7 O termo piagetiano refere-se ao autor Jean Piaget, utilizado quando referente às teorias produzidas e introduzidas no Brasil por Lauro de Oliveira Lima.

nosso tema de interesse, elaboração do plano de trabalho, identificação e localização do material, compilação e fichamento do material para posterior análise e compreensão das ideias para nossa escrita.

Toda nossa fundamentação partiu de um referencial teórico onde utilizamos a teoria que Oliveira Lima apresenta, na qual avaliamos as ideias que particularmente nos inquietam, partindo da história da educação do período no qual o autor mais publicou (1960/1970), em que aconteceram grandes transformações no cenário educacional, entre elas: primeira Lei de diretrizes e bases (1961), ditadura cívico-militar (1964), reforma universitária (1968), reforma do Ensino de 1º e 2º Graus (1971).

Entre leituras realizadas na história da educação elevamos diversos autores como Demerval Saviani e José Wellington Germano, que descrevem importantes e relevantes características de toda a história da educação para ajudar-nos a desvelar as principais características do período histórico e compreender o pensamento de Oliveira Lima e sua verdadeira essência como educador.

Saviani (2007, p.3) descreve que a história da educação brasileira vem sendo objeto de um razoável número de investigações que, via de regra, a tomam como uma totalidade viva, empiricamente dada, formulando, pela análise de algumas relações que iluminam determinados aspectos da realidade investigativa, enunciados teoricamente mediante categorias simples, isto é, gerais e abstratas.

Oliveira Lima se importava com questões como: existe mesmo um sistema educacional brasileiro? Esse questionamento é feito no livro “Estórias da Educação no Brasil: De Pombal a Passarinho”, publicado pela editora Brasília em 1974. Entre outras questões como industrialização no país e sistema educacional, o autor fazia uma crítica à forma como o sistema nacional foi sendo conduzido com as diretrizes e bases instituídas na época.

No marco histórico do período encontramos, além de diversas transformações no cenário político e econômico, tentativas de reformas educacionais que supostamente buscaram um projeto de educação como instrumento de desenvolvimento intelectual e social. Porém, neste período, não se possuía no país uma pedagogia ou uma visão educacional própria. Este período foi fortemente marcado por influências das concepções europeias e norte-americanas trazidas pelos intelectuais na época.

No tocante às condições ideológicas e o pensamento sobre a crescente padronização, fragmentação e comercialização da vida cotidiana resultado do processo de industrialização, caminhamos sobre o pensamento pedagógico de Oliveira Lima

buscando alinhavar o mesmo com a concepção de educação que o autor propôs em seus livros. O autor tem uma concepção de educação que busca traçar níveis de desenvolvimento baseado em métodos científicos. Dedicando ao estudo de Piaget para o desenvolvimento das concepções sobre o comportamento e a inteligência com base em estudos sobre estratégias e métodos de ensino.

Para a análise histórica permeamos sobre esta definição de intelectuais, pois, refletindo sobre o campo dos intelectuais que têm como princípio de estudos a ampliação da crença da ação social, Vieira (2011, p.2) afirma que a investigação e o acúmulo de discussões nas ciências sociais, da história e da educação se dedicam a compreender o lugar desses sujeitos intelectuais na sociedade e suas imbricações políticas. E, com essa percepção, o caráter mediador dos intelectuais entre as classes sociais e o estado que especifica a compreensão das colocações para a vida social. Como o começo de um movimento intelectual promovido pela situação criada com o golpe em 1964 sobre a educação brasileira.

No contexto das possibilidades e contradições, nossa intenção foi fazer uma ponte entre a escola discutida em todo século XX e os diversos impasses nas reformas na política, na economia e na educação. A intenção é ter suporte de pesquisa nas leis instituídas para entender o processo educacional, político e econômico sobre as influências passadas em todo o processo de transição das reformas educacionais.

As reformas educacionais no Brasil tiveram muito a revelar, pois constituem-se como importantes marcos históricos para entender a história da educação. Vários temas nascidos de um confronto teórico se viram problematizados pela ação político-pedagógica. Oliveira Lima discorre sobre a política e educação afirmando que “só a modificação drástica na concepção de estado leva um país a mudar sua política de educação” (1969, p.203).

Oliveira Lima (1969, p.205) faz a seguinte afirmação referente à política de educação no país: “a política de educação é o próprio espelho da política de desenvolvimento. O sistema escolar é o instrumento político para a realização de metas num mundo tecnológico”. O que nos faz refletir sobre um movimento político que buscava a democracia política.

A parte 1 do texto é a Introdução, na qual se faz a iniciação de uma apresentação do contexto do trabalho e se aponta o desenvolvimento do texto. Na parte 2, recordamos as questões relevantes do contexto histórico do período pós-guerra, modernização,

teoria do capital humano, a educação tecnicista para compreender melhor o cenário onde atuava Oliveira Lima e quais os reflexos deixados em suas obras.

Adiante, na parte 3 apresentamos toda a biografia do autor estudado desde o nascimento até a formação, os caminhos que percorreu em sua vida pública, a escola “A Chave do Tamanho”: Centro Experimental e Educacional Jean Piaget, que foi projetada, planejada e construída como resultado de seus estudos das teorias de Jean Piaget, e as principais obras de que foi autor.

Por fim, na parte 4, em que se faz uma tentativa de apontamento das ideias conclusivas e reflexivas, elencamos a análise de uma de suas obras que julgamos ser um importante material para estudo de seu pensamento e uma importante contribuição para educação. A Escola Secundária Moderna: Organização, Métodos e Processos foi resultado da sua atuação como Inspetor Seccional e foi material distribuído para as escolas pós-ditadura cívico-militar. Quanto à obra, consideramos toda sua materialidade, ressaltando trechos importantes, ilustrações, exemplos descritos pelo autor e diante da nossa perspectiva de pesquisa faremos uma análise do pensamento pedagógico do autor.

Justifica essa opção de sistematização o fato de que os estudos centram no mapeamento do trajeto das teorias de Piaget por Oliveira Lima no Brasil. Por Vasconcelos (1996, p.84), em geral, estudos com essa característica de mapeamento implicam, em função desse procedimento, uma organização de material coletado a partir de critérios emergentes dos próprios dados.

## 2 DESENVOLVIMENTO, MODERNIZAÇÃO E EDUCAÇÃO NO BRASIL

A humanidade sempre teve nostalgia do passado, talvez, porque a memória, economicamente, esquece as experiências dolorosas e guarda, com cuidado, as boas lembranças. (LIMA, 1975, p.43)

Ao analisar o início do século XX, no cenário internacional nos deparamos de imediato com a Primeira Guerra Mundial (1914/1918), em um curto espaço de tempo houve a Segunda Guerra Mundial (1939/1945), período marcado por controles bruscos de transformações de governos, influências internacionais na economia, cultura, política e educação. Após a complexidade do momento, imaginamos o importante papel da implantação de um adequado sistema de educação.

Após a Primeira Guerra, com a industrialização e a urbanização, formou-se a nova burguesia urbana, que exigia acesso à educação. De acordo com Aranha (2006, p.295), após a revolução de 1930 emergiram diferentes grupos sociais e diversas tendências ideológicas como: intelectuais, militares, políticos, burguesia industrial e comercial, onde houve uma dinâmica na indústria brasileira. Após a Segunda Guerra (1939/1945), para defender os direitos humanos e pensar na paz mundial foi fundada a Organização das Nações Unidas (ONU).

O educador Oliveira Lima (1974, p. 168) faz um contexto histórico político e sociocultural da época, o qual podemos utilizar para conhecer os principais movimentos que o autor ressaltava como importantes marcos da época:

- 1930 – Revolução – Extinção da República Velha (fim das estruturas coloniais);
- 1932 – Revolução Constitucionalista de São Paulo (hegemonia do estado de São Paulo);
- 1932 – Manifesto dos Pioneiros (primeiros ideólogos de educação no Brasil);
- 1934 – Redemocratização – Nova Constituição – vigência da reforma Campos;
- 1937 – Estado Novo (1939 – 2ª guerra mundial) – influência dos regimes autoritários;
- 1942 – Reforma Capanema – influência da reforma Gentile italiana fascista;
- 1944 – Força Expedicionária Brasileira (FEB) - influência americana em consequência da vitória dos aliados;
- 1945 – Queda do Estado Novo;
- 1946 – Nova Constituição – Redemocratização após o Estado Novo (1937-1945);
- 1948 – Projeto de Diretrizes e Bases em consequência da nova constituição;
- 1949 – Relatório Capanema contestando o projeto de diretrizes e bases;
- 1951 – Volta de Getúlio Vargas através do voto popular;

- 1951 – Andamento do projeto de Diretrizes e Bases no parlamento;
- 1952 – Projeto da Comissão de Educação e Cultura sobre Diretrizes e Bases;
- 1954 – Suicídio de Vargas – ascensão de Carlos Lacerda;
- 1954 – Projeto Nestor Jost (Reforma do Ensino Secundário);
- 1955 – Projeto n.º 419-55 (Diretrizes e Bases: andamento);
- 1957 – Projeto n.º 2.222-C (Diretrizes e Bases: andamento);
- 1958 – Substitutivo Ministerial (Diretrizes e Bases: andamento);
- 1959 – Projeto Carlos Lacerda (Diretrizes e Bases: andamento);
- 1959 – Brasília (Nova capital – CASEB: inauguração do sistema educacional);
- 1960 – Publicação do Projeto de Diretrizes e Bases. 2.222C no diário oficial
- 1961 – Lei de Diretrizes e Bases (20/12/1961) – aprovação do projeto
- 1962 – Universidade de Brasília (reforma universitária);
- 1962 – Perda da iniciativa administrativa do Ministério da Educação e Cultura – instalação de conselhos;
- 1963/1964 – Criação de Estruturas Governamentais de Educação e Cultura no Plano Nacional;
- 1964/1971 – Reestruturação administrativa do Ministério da Educação e Cultura;
- 1971 – Lei de Diretrizes e Base de 1971 - Lei 5692/71 | Lei no 5.692, de 11 de agosto de 1971;
- 1971 – Reforma do ensino médio (profissionalização);

Em 1948, ao término da Segunda Guerra, houve um movimento de redemocratização. Em consequência de uma nova Constituição iniciaram-se os estudos do futuro projeto de Diretrizes e Bases, propondo a construção das estruturas do sistema nacional de educação. Germano (2000, p.22) aponta que neste período o Brasil investiu muito na esfera econômica com a expansão das empresas estatais e incentivos ao capital privado, e nas ações repressivas de toda ordem para silenciar os opositores ditadura. O autor cita as políticas sociais preocupadas em diminuir tensões e em disfarçar ou compensar desigualdades e injustiças.

## 2.1 Contexto pós-guerra

No período em que foram escritas as ideias do autor Oliveira Lima ora estudadas, predominava na sociedade brasileira a modernidade, propulsão do modo de produção capitalista no qual uma pequena classe era detentora dos meios de produção e decidia as condições de trabalho. Os cenários transformavam-se de campo e agricultura para cidade e indústria. Neste âmbito, a educação passa ser interesse público para

sistematizar a cultura dentre os membros que necessitavam ser escolarizados. Para ilustrar o raciocínio de interesse da burguesia acompanhamos o raciocínio de Saviani (1998):

A educação escolar representa, pois, em relação à educação extraescolar, a forma mais desenvolvida, mais avançada. E como é a partir do mais desenvolvido que se pode compreender o menos desenvolvido e não o contrário, é a partir da escola que é possível compreender a educação em geral e não o contrário. Parafrazeando Marx, se não é possível compreender a renda imobiliária com o capital mas é possível compreender o capital sem a renda imobiliária, dir-se-ia que, na sociedade moderna, não é possível compreender a educação sem a escola, mas é possível compreender a escola sem a educação. (SAVIANI, 2000, p.3)

Segundo Saviani (1983, p. 9), a constituição dos chamados “sistemas nacionais de ensino” data de inícios do século passado. Sua organização inspirou-se no princípio de que a educação é direito de todos e dever do estado. O direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia. Tratava-se, pois, de construir uma sociedade democrática, de consolidar a democracia burguesa.

Ressaltaremos acontecimentos a partir da década de 1930 para analisarmos aqueles referentes às décadas de 1960 a 1970, devido aos acontecimentos marcantes das políticas educacionais. Como deixa-nos claro Saviani (1983):

Em relação ao momento de 30, eu o tomo justamente porque o movimento de Escola Nova toma força no Brasil exatamente a partir daí. A associação Brasileira de Educação (ABE), foi fundada em 1924 e, num certo sentido, aglutinou os educadores novos, os pioneiros da educação nova, que vão depois lançar seu manifesto, em 1932, e vão travar em seguida uma polêmica com os católicos, em torno do capítulo da educação, da Constituição de 34. Esse momento, 1924, com a criação da ABE, 1927, com a I Conferência Nacional de Educação, 1932, com o lançamento do manifesto dos pioneiros, é marco da ascendência escolanovista no Brasil, movimento este que atingiu o seu auge por volta de 1960, quando em seguida, entra em refluxo, em função de uma nova tendência política educacional, que a gente poderia chamar de “meios de comunicação de massa” e “as tecnologias de ensino”. (SAVIANI, 1983, p.54)

Saviani (1998, p.6) descreve que após a Revolução de 1930 começamos a enfrentar os problemas próprios de uma sociedade burguesa moderna. Entre eles, o da instrução pública. Neste momento foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> O Ministério da Saúde só veio a ser desmembrado do Ministério da Educação no dia 25 de julho de 1953, com a Lei nº 1.920. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/historia-do-ministerio>, acesso em 14 Jan de 2019 e surge também o Ministério da Educação e Cultura, com a sigla MEC.

por Getúlio Vargas. Assim a educação começava a ser reconhecida em plano institucional.

O ascendente movimento escolanovista foi sendo marcado. Gerou-se uma preocupação política em torno da escola. De acordo com Veiga (2007, p. 257), com a criação do referido Ministério houve a organização do ensino superior, criando-se as universidades de educação, os institutos de formação de professores. Diante destas necessidades acontece em 1932 o Manifesto dos Pioneiros da Educação, organizado por Fernando de Azevedo e reformadores da educação que propunham uma nova base pedagógica e uma intensa reformulação da política educacional. De acordo com Cunha (2003):

O manifesto deve sua origem à IV Conferência Nacional de Educação, realizada pela Associação Brasileira de Educação, ABE, entre os dias 13 e 20 de dezembro de 1931, na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, os conferencistas discutiram a possibilidade de dar resposta aos discursos lá pronunciados pelo Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, e por seu Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, que solicitaram definições sobre o 'sentido pedagógico' da Revolução. (CUNHA, 2003, p. 40)

São palavras de Oliveira Lima (1974, p.159): a evocação dos pioneiros não faz parte das realizações e dos fatos históricos, mas de esperanças frustradas, o que criou uma ambivalência tipicamente brasileira, nos cursos de formação de magistério. Desta forma, ele pensa que o Manifesto dos pioneiros encurralou Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Loureço Filho e tantos outros escolanovistas. Suas foram salvas pelo gongo, na última hora, quando o Ministério de Educação foi semioficializado, segundo Oliveira Lima (1975, p.34). sendo assim, o autor não fez parte deste movimento e registrou críticas a respeito.

O movimento teve seu encaminhamento sustentado para apreciação das atribuições da IV Conferência, convocada, segundo Cunha (2003, p. 56-57) para discutir unicamente as questões relativas à educação popular na fase primária, não podendo, por isso, permitir o debate em assuntos referentes ao ensino secundário e ao superior, nem, muito menos, o exame do problema geral da educação.

De acordo com Germano (2000, p. 50), a necessidade da expansão do ensino primário, secundário e universitário surgiu com o alargamento das classes médias populares provenientes desse processo de industrialização, oferta de emprego e urbanização. Logo, a Constituição Federal de 1946 definiu o ensino primário como obrigatório, prevendo a possibilidade de organização e instalação do sistema nacional de educação.

Iniciaram-se estudos para a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, após treze anos, constitui-se a primeira LDB, de nº 4.024 em 1961; depois, com a ditadura cívico-militar, foram-se constituindo reformulações e surgiram as reformas: Reforma do Ensino Superior (Lei nº 5.540/68) e Reforma do Primeiro e Segundo Grau (Lei nº 5.692/71).

Saviani (1998, p.11) descreve que na ditadura cívico-militar não se cogitou a elaboração de uma nova LBD. Como ocorreu no Estado Novo, preferiram alterar a organização do ensino através de leis específicas e permanecendo o título de LDB (Lei 4.024/61) relativa às diretrizes gerais, logo sendo anexadas as reformulações referentes ao ensino superior (Lei 5.540/68) e referentes ao ensino primário e médio (Lei 5.692/71). Faria Filho (2010, p.224), descreve seu efeito sobre o cenário educacional dizendo que assim cada governo estabelecia mudanças na orientação educacional e reformas iam-se sucedendo sem continuidade, obtendo avanços e retrocessos.

Em 1961, foi aprovada a primeira LDB. Ressaltando sua importância, Oliveira Lima (1974) cita:

A LDB foi precedida e seguida de amplos e acirrados debates que mobilizaram a melhor parte da inteligência nacional. Caravanas percorreram o país em defesa da escola pública (os “pioneiros” autores do projeto) e em “defesa a liberdade de ensino” (os educadores católicos e os diretores de escolas empresariais). A discussão foi tão viva, no parlamento e fora dele, que terminou engajando o próprio povo na disputa, fato corriqueiro nas democracias. (LIMA, 1974, p. 13)

Conforme Saviani (2007, p.303), outro importante documento para a história da educação foi o Plano Nacional de Educação (PNE), elaborado em 21 de setembro de 1962 e aprovado pelo Conselho Federal de Educação sob os cuidados de Anísio Teixeira, que afirmou que a pretensão era de organizar os recursos financeiros federais para cada nível de educação, pois a LDB tinha deixado a desejar nesse aspecto.

Anísio Teixeira defendia a Escola Nova e foi estudioso das políticas educacionais vigentes. Na Bahia trabalhou em prol do ensino primário e do ensino normal na formação de professores, buscando a melhoria dos prédios escolares. Foi responsável pela implantação do teste de inteligência com a intenção de melhorar a promoção dos alunos. Para Teixeira (1962, p.222), a LDB foi “meia vitória, mas

vitória”.<sup>9</sup> A mesma afirmação é mencionada por Oliveira Lima (1974, p.160), onde ambos fazem uma crítica à lei estabelecida na época.

Para Germano (2000, p.32), o aparelho de ensino junto com as políticas do estado militar e educação veem que a reforma universitária visa essencialmente: à reprodução da força de trabalho, à formação de intelectuais de diversos níveis que, por exemplo, atendem as suas necessidades, à disseminação de concepção de mundo dominante para legitimação do sistema político, com o desenvolvimento capitalista a transferência de tarefas sociais que foram prejudicadas e uma evidente regulação dos requisitos básicos do sistema educacional.

Oliveira Lima também ressalta que deve haver no país centros produtores de ciência e tecnologia e propaga a ideia de que esta indústria, que no caso, seria a escola, nova só pode ser imaginada junto às universidades (1969, p. 104). Saviani (2007, p. 371), de acordo com essas necessidades, deixa claro que há dificuldades enfrentadas pela universidade diante da reforma universitária, havendo dois lados distintos e interessados: a demanda de jovens estudantes e professores que reivindicam a autonomia universitária com mais verbas e, de outro lado, a demanda de grupos ligados à ditadura cívico-militar de 1964, que buscavam vincular fortemente o ensino superior ao mecanismo de mercado capitalista.

Neste ambiente de democracia e modernização, Souza & Ribeiro (2008, p. 153) fazem a reflexão de que é preciso compreender que o contexto nacional foi marcado por acelerados processos de industrialização e urbanização. Os autores citam que a educação escolar deve ser analisada inserida em quadro histórico amplo, observando-se as alterações nas estruturas política, econômica e cultural da sociedade.

Neste período a obra foi um importante veículo sobre as mudanças ocorrentes como podemos ver na notícia:

---

9 Sobre esta afirmação, Oliveira Lima comenta: A ponto de Anísio Teixeira declarar: “foi meia vitória, mas foi vitória” (naturalmente referindo-se à sua implacável vontade de descentralizar o sistema escolar, discípulo que era entusiástico de Dewey e admirador do sistema escolar norte-americano, mas sobretudo, frustrado pelos obstáculos federais que encontrou na reforma do sistema escolar baiano). (LIMA, 1974, p. 189)

Figura 1 - Círculos sem academicismo

## INDEPEN

### Economia e Finanças do Rio de Janeiro

NOTICIÁRIO DO CARP  
Conferência — Comunicamos aos  
colegas que a conferência do ab-

---

### Currículos Sem Academicismo

Currículos flexíveis, capazes de evitar exageros do academicismo anterior à lei de diretrizes e bases, bem como excessos de pragmatismo, em escalas consentâneas com as necessidades nacionais — eis as bases do novo tipo de unidade média que a Diretoria do Ensino Secundário do MEC estimulará em todo o país, a partir de 1964, e às quais denominou «ginásios-modernos».

Abandonando os currículos rígidos, tais escolas poderão oferecer uma nova dimensão visual quanto às tendências e necessidades, dos estudantes e diversificar a área de aprendizado em grande escala. A implantação da rede de ginásios-modernos já é realidade, graças a uma portaria baixada pelo ministro Paulo de Tarso, depois de examinar toda a documentação a ele apresentada pelo diretor do Ensino Secundário, prof. Lauro Oliveira Lima.

Do estudo feito pelo titular da Educação e Cultura resultou a colocação das três diretorias especializadas de nível médio em ritmo de ação conjunta, com larga economia de recursos de pessoal e de material. Assim, os ginásios-modernos se inserirão, definitivamente, na vida educacional do país.

## DENTES

nador Juscelino Kubitschek, foi transferida para hoje, dia 7, às 21 horas.

**Edital** — O presidente do CARP, usando das atribuições que lhe conferem os Estatutos em vigor, e no vida a Diretoria, resolve:

I — Nomear o colega Armando Augusto de Azeu para o cargo de diretor social, em virtude do afastamento da Faculdade do colega Alvaro Ceciliano Filho.

**Convocação** — O presidente do CARP, usando das atribuições que lhe conferem os estatutos em vigor, convoca a diretoria do CA para a reunião extraordinária que realizará-se a no dia 4, às 20 horas.

**Resoluções** — O presidente do CARP, usando das atribuições que lhe conferem os estatutos em vigor, e ouvida a diretoria, resolve:

I — Demitir os colegas José Maria Tuche, Pedro Abelardo Gama e César Augusto A. Santos, por infringirem o art. 79, dos cargos de vice-presidente, diretor cultural e diretor social, respectivamente;

II — Nomear os colegas Celso Kastrup de Almeida, e José Mazzeika, para vice-presidente e diretor cultural, respectivamente;

III — Em virtude do colega Alvaro Ceciliano Filho ter deixado a Faculdade, nomear o colega Nelson Santos de Carvalho para diretor de Imprensa e publicidade.

Assim sendo, fica a diretoria constituída da seguinte maneira:

Presidente — Fernando Pimenta de Almeida; primeiro-secretário — Celso Pozner; segundo-secretário — Eloy Váber Crivelari; primeiro-tesoureiro — Fernando Malheiros dos Santos; segundo-tesoureiro — Eli Meira; diretor cultural — José Mazzeika; diretor de Imprensa e publicidade — Nelson Santos Carvalho; diretor social — José Mazzeika; e bibliotecário — José Zeltzer.

---

### INGLÊS - Prática Individual

Ed. Darke, 13 de Maio, 23, s. 607  
2.500 p/ mês. Fte. T. Municipal

Fonte: Diário de Notícias (1963).

Neste momento o autor coloca em questão propostas de inovadoras apontando uma nova dimensão visual quanto às tendências e necessidades, dos estudantes e diversificar a área de aprendizagem em grande escala, proposta que abandona os currículos rígidos das escolas vigentes no período.

Onde neste mesmo período que Saviani (2007, p.336) chamava de apogeu e crise da pedagogia nova, afirmando que, de modo geral, pode-se considerar que a década de 1960 foi uma época de intensa experimentação educativa, deixando clara a predominância da concepção pedagógica renovadora. Oliveira Lima já se demonstra disposto a novas ideias acreditando no avanço do ensino

## 2.2 Modernização

Ser moderno, eu dizia, é experimentar a existência pessoal e social como um torvelinho, ver o mundo e a si próprio em perpétua desintegração e renovação, agitação e angústia, ambiguidade e contradição: é ser parte de um universo em que tudo o que é sólido desmancha no ar. Ser um modernista é sentir-se de alguma forma em casa em meio ao redemoinho, fazer o seu ritmo dele, movimentar-se entre suas correntes em busca de novas formas de realidade, beleza, liberdade, justiça, permitidas pelo seu fluxo ardoso e arriscado. (BERMAM, p.328)

O termo modernização, sob a visão de Habermas (1991, p.14), enxerga os processos cumulativos e se reforçando mutuamente para a formação de capital e mobilização de recursos. Logo, ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade de trabalho; ao estabelecimento de poderes políticos centralizados e à formação de identidades nacionais; à expansão de direitos de participação política, de formas urbanas de vida e de formação escolar formal: refere-se à secularização de valores e formas.

O termo modernização se tornou o conceito chave. Vários autores expõem análises que se completam, assemelham ou se contrariam diante do cenário complexo da pluralidade contextual. Para Veiga (2007, p.14), é correspondente à paulatina modernização da vida brasileira, sobretudo a partir da década de 1930, que implicou sua crescente industrialização, urbanização e tecnificação e também internacionalização crescente da economia brasileira. Assim, a educação como fenômeno parcial compartilha, contraditoriamente, a tal modernização.

Seguindo para 1950 e 1960, de acordo com Motta (2014, p.10), na produção acadêmica americana destes anos os conceitos moderno, modernização e modernidade tornaram-se conceitos-chave, ao lado do desenvolvimento, com significados muitas vezes indistintos. Motta (2014) refere-se a este termo fazendo relação entre projeto modernizador e golpe de 1964:

Assim, nos debates políticos e culturais dos anos de 1960, era amplo o leque das opções para o futuro do Brasil. Com a vitória da coalizão golpista e a derrota política das esquerdas, acabou por vencer a vertente autoritária e liberal-conservadora do projeto modernizador, que paradoxalmente se apropriou de ideias sugeridas por líderes derrotados em 1964. Os militares tornaram-se agentes modernizadores, tal como previam alguns cientistas sociais e líderes políticos, mas nem sempre seguiram o script que lhes estava destinado, desbordando na direção de práticas repressivas mais drásticas do que desejavam os parceiros norte-americanos, e também ousando afastar-se dos Estados Unidos nos anos 1970. (Motta, 2014, p.11)

Neste contexto, para Souza & Ribeiro (2008, p.153), a observação do processo de modernização nacional mostra que, aqui, priorizou-se, principalmente a consolidação dos mercados de massa e sofisticação do consumo, deixando o bem-estar social em um cenário onde teorias americanas faziam-se acreditar que para o avanço, deveria acontecer um desenvolvimento econômico que implicaria no desenvolvimento econômico e cultural.

Fazendo relação com o termo modernização almejada no sistema escolar, o autor Oliveira Lima (1969) faz algumas indagações:

Pergunta-se: pode um movimento de modernização das estruturas sociais e econômicas ser feito a partir de escolas ou as escolas estão fadadas a servir de caudatárias dos valores sociais vigentes? O histórico da crítica que se tem feito ao sistema escolar brasileiro parece apoiar a segunda hipótese: a escola não muda, mesmo quando é criticada. Até mesmo quando a dinâmica econômica já solicita novo tipo de escola, a superestrutura impede que a escola se atualize. Estaria o sistema escolar ligado ao que há de mais retrógrado na sociedade? Seria exigir muito da natureza humana pedir-se aos catedráticos que renunciassem aos privilégios e que os reitores adotassem limites a seu absolutismo. Por outro lado, os escravos (estudantes) não têm maioria para reivindicar legalmente direitos de cidadania. Mas os tempos modernos destronaram o tabu da “sabedoria dos velhos”. A experiência acumulada já não pesa na bolsa de valores de uma sociedade em permanente mudança. (LIMA, 1969, p.253)

Motta (2014, p.14) responde a este questionamento afirmando que são recorrentes na história brasileira e fizeram parte da cultura política as experiências de modernização, sendo conservadoras e autoritárias, um processo de mudança contraditório, em que o novo negocia com o velho mantendo em vigor traços do passado, enquanto outros são transformados, podendo chamar de: fazer mudança conservando.

Seguindo na linha de pensamento de Bermam (1986, p.329), se conseguir um dia se livrar de seus restos andrajosos e dos desconfortáveis vínculos que o unem ao passado, o modernismo perderá todo o seu peso e profundidade, e o turbilhão da vida moderna o alijará irreversivelmente. Sendo assim, o modernismo pode auxiliar os modernos do presente e do futuro a serem livres, livres para entender a história dos tempos modernos e desprender-se dos erros históricos.

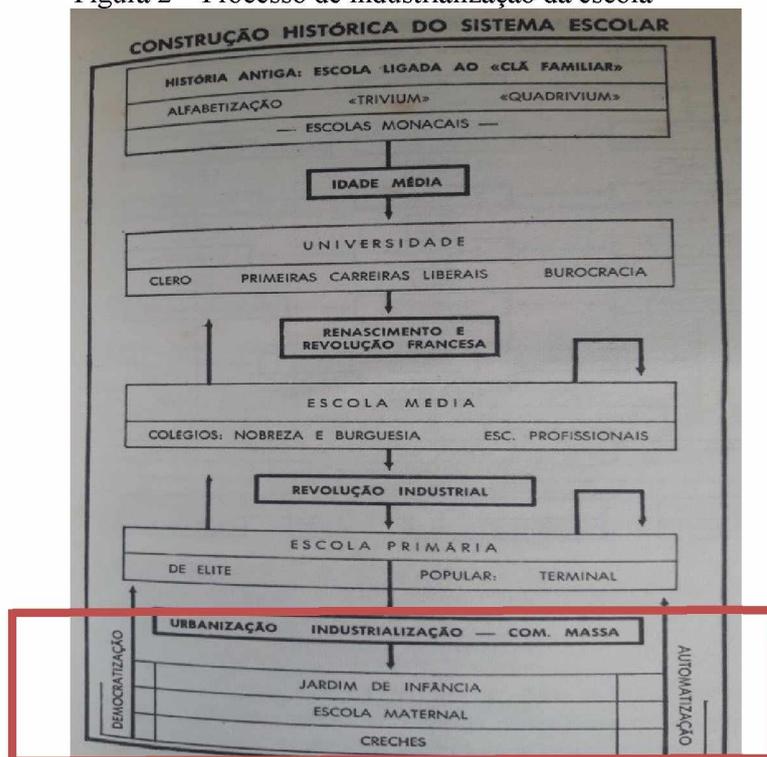
Podemos pensar também, com a análise de Souza e Ribeiro (2008, p.153), em referência à ideia de que a modernização não pressupõe o abandono da tradição, instalando-se um tipo de capitalismo antiliberal e antidemocrático, o que acabou por reforçar como marca do país a coexistência de estruturas arcaicas e modernas. Fazendo a mesma analogia do autor anterior, mantendo o velho e o novo.

Neste contexto sobre modernização, Souza & Ribeiro (2008, p. 153) fazem a reflexão de que é preciso compreender que o contexto nacional foi marcado por acelerados processos de industrialização e urbanização. Os autores citam que a educação escolar deve ser analisada inserida em quadro histórico amplo, observando-se as alterações nas estruturas política, econômica e cultural da sociedade. Para Cury (1989, p.121), o homem, sendo conjunto de relações sociais, torna-se sujeito objeto da educação quando evidencia esse conjunto de exercícios da prática social.

Para entender a relação com o objeto da educação e a estrutura social, o pensamento de Cury (1989, p.121) vai ao encontro da tarefa educativa voltada para a transformação, que não pode se abstrair dessas relações, nas quais existe, e nem pode renunciar às perspectivas da transformação presentes na realidade, como também não pode deixar de se solidarizar com os que lutam pela transformação das estruturas sociais. Oliveira Lima (1981, p. 16) enxergava essa estrutura social de forma que, usando a inteligência, tem-se a capacidade de resolver problemas com os quais o indivíduo se defronta, postulando que a inteligência se constrói numa relação recíproca entre indivíduo e meio.

Observando as alterações nas estruturas sociais comentadas acima, Oliveira Lima (1976, p.661) apresenta um quadro referente às modificações gerais que a sociedade viveu para resultar na estrutura escola aqui discutida. Este quadro é apresentado na obra *A Escola Secundária Moderna* (1976, p.661), na qual ele o apresenta nos anexos da obra, porém não faz nenhum comentário. Apenas apresenta o quadro a seguir, mas podemos perceber como o autor ilustra o processo de industrialização:

Figura 2 – Processo de industrialização da escola



Fonte: Lima (1976), p.661.

Notemos que o autor ressalva a revolução industrial, subdivide a escola primária entre elites e popular, apresenta a urbanização, industrialização e a massa. notamos a visão de inserção da população no sistema de produção. Automação e democratização estão com setas apontando o crescimento. De acordo com Oliveira Lima (1969, p.142), este período também foi marcado pela criação dos jardins de infância, escola maternal e creches para gerar oportunidade para as mães trabalharem, promovendo uma evolução social, econômica e organizacional da sociedade.

Neste período de 1960/1970, Germano (2000, p.101) faz um panorama das necessidades sociais que surgiram da reprodução da força de trabalho (com escolarização e qualificação), formação de intelectuais (em todos os níveis de ensino), concepção de mundo dominante (legitimação do sistema público), desenvolvimento capitalista e regulamento para o funcionamento educacional.

Fizemos este apanhado geral para chegar até as referências educacionais, pois estas discussões formaram necessidades diante das questões educacionais, com todo processo de instabilidade política e desenvolvimento da industrialização, surgiram necessidades de acesso à educação. Aranha (2006) descreve este período escolanovista:

As décadas de 1920 e 1930 foram férteis em discussões sobre educação e pedagogia. Diversos interesses opunham-se, sobretudo, entre liberais e conservadores, ao lado de alguns grupos da esquerda socialista e anarquista e outros da direita, como integrantes, sem nos esquecermos dos interesses dos militares na educação. No meio desse debate, muitas vezes áspero, o governo estruturava suas reformas, nem sempre tão democráticas e igualitárias como sonhavam os mais radicais. (ARANHA, 2006, p.302)

Os conservadores eram representados pelos católicos defensores da pedagogia tradicional e os liberais acreditavam na democratização e transformação da sociedade por meio da escola. Do ponto de vista da ciência e da tecnologia, foram notáveis as transformações: novas fontes de energia, crescente processo de urbanização, automação nas fábricas e campo, desenvolvimento da medicina, revolução nos transportes e comunicações.

Saviani (2007, p.340) nos chama a atenção para que, além de ser um período de Guerra Fria, outros fatores externos ao processo pedagógico, como as consequências dos avanços tecnológicos nos processos de comunicação, também influíram no refluxo do entusiasmo pelo movimento renovador.

Este período em que nos encontramos é um período no qual o chamado “entusiasmo pela educação” enfatiza várias ideias liberais por meio do estado, considerando a escolarização um meio de participação política (SAVIANI, 2007, p.177). Sobre o contexto histórico do cenário político e educacional. Continua relatando, fazendo referência às ideias de Jorge Nagle (1974), que adota duas categorias como fonte de discussão: o entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico, com vistas a dar consistência às diversas tendências que emergiram durante as primeiras décadas do século XX:

Essas duas categorias ocupam um lugar importante no interior da análise de Nagle, pois, ao mesmo tempo, distinguem projetos e os situam num mesmo movimento de constituição da escola pública, mesmo que se considera que a análise de Nagle nas primeiras décadas do século XX, é possível identificar seus ideais presentes durante todo século. (SAVIANI, 2007, p.177)

Aranha (2006) demonstra ao longo de seu texto que estes tópicos apresentam uma visão primordial sobre escolarização e qualificação da força de trabalho para o estado capitalista vigente. Buscaram, assim, projetos para o planejamento e implementação de uma pedagogia, em um contexto marcado pela economia capitalista industrial.

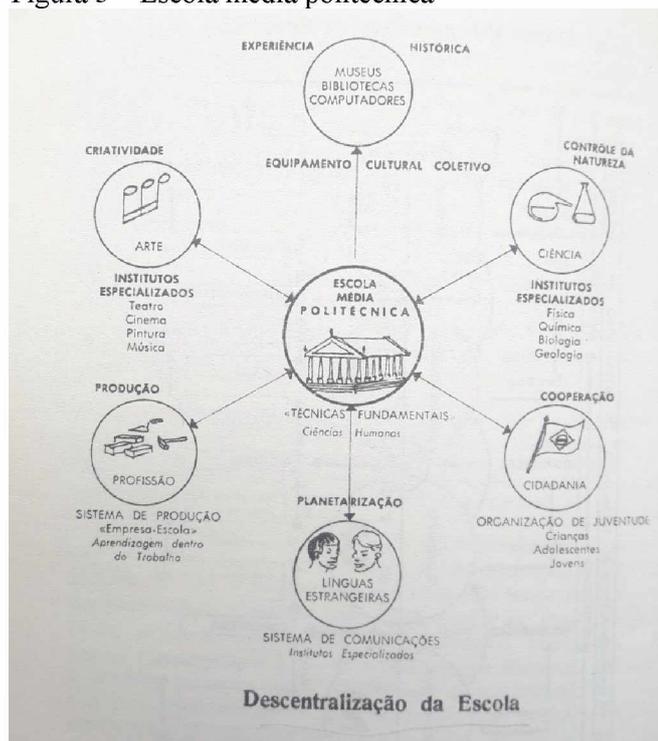
O autor descreve três tipos de escola nesse período: *escolas confessionais*, mantidas por grupos religiosos, geralmente, chamados de colégios de freiras e padres, cujo objetivo era a doutrinação religiosa e ideológica, pagas pela clientela, podendo manter, gratuitamente, uma parcela de alunos pobres a título de caridade. As *escolas empresariais* exploradas pelos capitalistas, visando ao lucro, sem nenhuma colocação ideológica, política ou religiosa. E as *escolas públicas* também foram incluídas pelas federações das indústrias como o Sistema “S”, que hoje está espalhado por todo país. Esse sistema conta com uma rede de escolas, laboratórios e centros tecnológicos, sendo eles o Sesi, o Senai e o Senac, que atualmente oferecem serviços junto aos setores produtivos (indústria, comércio, agricultura, transportes e cooperativas). Essas entidades oferecem cursos gratuitos em áreas importantes da indústria e comércio, relacionados com a visão tecnicista de ensino que Saviani (2007, p.365) define como a preparação de mão de obra por meio do ensino.

Oliveira Lima (1976, p.35) afirma que o problema profissional é uma implicação histórica de caráter socioeconômico, que deve ser resolvida dentro do sistema de produção, assim defendendo a escola politécnica. A escola politécnica que propõem a compreensão teórica e prática, tendo a concepção voltada para o mundo do trabalho e qualificação de mão de obra. Define a escola secundária moderna em dois pontos:

- Conteúdo e politécnico que trabalha termos e conteúdos modernos da sociedade;
- Metodológico, humanística, ficando a profissionalização como variável do caráter histórico, visando à formação da consciência crítica e ao incentivo da criatividade;

Vejamos a imagem a seguir que ilustra a visão do autor:

Figura 3 – Escola média politécnica



Fonte: Lima (1976) p.38

Esta imagem apresenta uma contradição do pensamento do autor, demonstrando uma dicotomia entre escola politécnica e a visão de Piaget. Oliveira Lima descrevia a escola politécnica, afirmando:

A escola, simplesmente, reproduz o mundo em que vivemos. Neste sentido, volta as “técnicas fundamentais”, das quais as mais importantes são a criatividade, a socialização, a consciência crítica, a logicização e a comunicação objetiva, técnicas estas que podem ser adquiridas tanto através de um poema motor, conforme a situação. (LIMA, 1976, p.35)

Para o autor, a escola politécnica não é definida como profissional. O problema da formação profissional é historicamente socioeconômico, dissimulavam o objetivo de modernização, mas o fornecimento da mão de obra implementava o modelo econômico capitalista. Nossa dúvida é entender se a visão do autor legitima a educação para o capital, proporcionando-lhe meios para desenvolver o ensino profissionalizante atendendo as necessidades de mão de obra.

Para Oliveira Lima (1976, p.35), nos países subdesenvolvidos, a escola tende a ser politécnica, por várias razões que não propriamente a mão de obra, destacando:

- a) Porque a industrialização dos países subdesenvolvidos é meta prioritária absoluta de um humanismo lúcido, que não subestima o valor indicativo da renda *per capita* da população;
- b) Porque, sendo politécnica, corresponde às características vivenciais de um mundo dominado pelas máquinas e pela tecnologia;

- c) Porque não são os conteúdos, mas a metodologia, que caracterizam o valor formador de uma escola;
- d) Porque a sociedade democrática elimina o parasitismo e exige a participação de todos no sistema de produção. (LIMA, 1976, p.35)

Contudo, Oliveira Lima chama a atenção para o aspecto de que a mera profissionalização de cunho técnico produz apenas autômatos:

A decisão, pois, é de uma transcendência fundamental: pode-se estar pondo em risco o futuro da nacionalidade. Não se pode confundir tecnologia como ciência e se deve ter, bem claro, se o que chamamos profissionalização é a formação é a formação de cientistas ou o adestramento de futuros perfuradores de cartões para alimentação dos computadores. (LIMA, 1974, p.260)

Para buscar entender estas definições de escola, vamos pensar sobre o cenário que estava se passando, no qual emanou a teoria do capital humano e a educação marcada pelo tecnicismo:

As faculdades de comunicação podem vir a ser, no futuro, as verdadeiras escolas de formação do professor, se é que a função do professor vai sobreviver às mutações pedagógicas que estão em de ocorrer, pelo menos nos países de civilização pós-industrial. (1971, p.6)

A estagnação da educação, já em 1971, se constituía numa preocupação do autor. Oliveira Lima demonstra a consciência de que a educação é um processo de comunicação e melhores possibilidades da didática prospectiva estão na informação, produção e criação mantendo a cooperação como modelo da transformação. Para o autor (1975, p.37), não há decisão individual e a liberdade e capacidade de fazer normas, cooperativamente; as leis não fazem o fato social – disciplinam os fatos em curso.

O pensamento de Oliveira Lima valoriza todo o ciclo didático formado ao longo da história, o que ele chama de esteira de produção educacional, pois são momentos da história que não são isolados e pertence então, a uma “linha histórica”. É interessante pensar nesta linha histórica diante do pensamento de Bermam (1986, p.329), que ressalva que a primazia do diálogo na vida do modernismo não pode jamais romper com o passado: precisa continuar para sempre assaltado por ele, desenterrando seus fantasmas, recriando-o à medida que refazem seu mundo e a si próprios.

### 2.3 Teoria do Capital Humano

A política educacional do Regime Militar vai se pautar ainda, do ponto de vista teórico, na economia da educação de cunho liberal, responsável pela elaboração da chamada “teoria do capital humano”. (GERMANO, 2000, p.105)

Fortemente marcado pela teoria do capital humano, o tecnicismo educacional teve a concepção de educação como pressuposto para o desenvolvimento econômico. Neste contexto, inseriam-se os acordos MEC-*Usaid*<sup>10</sup>. Acordos com intencionalidades de produtividade, que seria alcançada com os investimentos norte-americanos.

Nas palavras de Cunha (1988, p.22):

A concepção de universidade calcada nos modelos norte-americanos *não foi imposta* pela Usaid, com a conivência da burocracia da ditadura, mas, antes de tudo, *foi buscada*, desde fins da década de 40, por administradores educacionais, professores e estudantes, principalmente, aqueles com um imperativo de modernização e, até mesmo, da democratização do ensino superior em nosso país. Quando os assessores norte-americanos aqui desembarcaram, encontraram um terreno arado e adubado para semear ideias. (CUNHA, 1988, p.22)

A compreensão da centralidade da questão educacional no discurso do capital foi uma fórmula de utilização da educação para fins econômicos do capitalismo norte-americano.

De acordo com pensamento de Marx (1968, p.47), o trabalho é o meio pelo qual o capital se torna produtor de lucro, porque ao capitalismo só interessa a mercadoria enquanto fator do processo do trabalho, desde que seja veículo e meio do processo de valorização do capital, em que o valor de uso proporcionado pela posse do trabalho resulta sempre num repositório do seu valor de troca.

As profundas relações capitalistas decorrentes do modelo de educação que supria as necessidades sociais. Saviani (2007, p. 365) cita as ideias que aparecem nas análises do simpósio do IPES em 1964 e também no Fórum “A educação que nos convém” em 1968. Para ele:

---

10 Acordos produzidos nos anos 1960 entre o MEC e a *United States Agency for International Development* (USAID) que visava a estabelecer convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira.

O pano de fundo dessa tendência está constituído pela teoria do capital humano, que, a partir da formulação inicial de Theodore Shultz, se difundiu entre os técnicos da economia, das finanças, do planejamento e da educação. E adquiriu força impositiva ao ser incorporado à legislação na forma dos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, com os colários do “máximo resultado com o mínimo de dispendido” e “não duplicação de meios para fins idênticos”. (SAVIANI, 2007, p. 365)

Esta linha de raciocínio está de acordo com o pensamento de um dos pioneiros da teoria do capital humano, Shultz (1967, p.11), que afirma que a cada dia as pessoas estão investindo fortemente em si mesmas como ativos humanos e que tais investimentos humanos estão constituindo sobre influência do crescimento econômico e que os investimentos básicos seriam educação formal e treinamento:

Um dos pontos centrais da teoria é o de que o capital humano é algo deliberadamente produzido pelo investimento que se faz no indivíduo a partir da educação formal e do treinamento; que a produtividade do indivíduo resulta na maior ou menor quantidade de capital humano que venha este a possuir. (SCHULTZ, 1967, p.11)

Segundo Arapiraca (1979, p.33), o conceito de capital humano foi explicitamente desenvolvido a partir da década de 1960, quando alguns economistas, notadamente os norte-americanos e ingleses, se preocuparam em encontrar fórmulas que compatibilizassem o crescimento econômico, pois antes eles se preocupavam com a questão do emprego do capital na produção de bens e na eliminação das crises cíclicas da economia capitalista.

Para Saviani (2007, p.365), vista a baixa produtividade do sistema de ensino, identificada no reduzido índice de atendimento da população em idade escolar e nos índices de evasão e repetência, considerados um entrave, foi difundida nas escolas a preparação de mão de obra associada ao interesse das empresas por meio dos acordos MEC-Usaid. No campo educacional, os acordos MEC-Usaid foram a união entre Brasil e Estados Unidos, que dirigiram reformas educacionais.

Veiga (2007, p. 282) descreve estes acordos MEC-Usaid, de cooperação americana, que previam a capacitação de técnicos educadores brasileiros e assessorias com a intenção de elaborar planejamentos de ensino e instituir cooperação para publicações técnicas, científicas e educacionais, influenciando diretamente nas organizações de disciplinas, colegiados, coordenação, didática e assistência ao estudante.

Esta é uma característica importante se relaciona com a crise política e econômica, a qual tomou grandes proporções, apontou Germano (2000, p. 50). Tudo

começa com o processo de substituições das importações, ou seja, a industrialização. A industrialização do setor responsável pela produção de máquinas, equipamentos, insumos e toda a indústria pesada aumenta, assim, a demanda de trabalhadores, intensificando os conflitos de capital (GERMANO, 2000, p.50).

Neste período podemos falar sobre a teoria do capital humano, na qual vai nascendo a visão tecnicista de ensino de acordo com as necessidades emergentes, como aconteceu com as linhas de produção em indústrias e serviços. Na história da educação vemos que o avanço da tecnologia exigiu a formação de técnicos especializados e, mais ainda, de uma organização do trabalho voltada para o aumento da produtividade, onde surgiram técnicas de racionalização como taylorismo e fordismo.

Segundo Aranha (2006), esse foi o século do avanço das ciências e da tecnologia, em que o progresso e o conforto se expressam pelo refinamento da racionalidade técnica. Como cita o autor, já se podia falar em uma “era dos organizadores”, em que estabeleceu uma nova hierarquia social decorrente do poder de coordenar o conjunto de dirigir o todo:

O processo organizacional, típico das empresas de indústria e serviços, acabou por se estender à escola quando, por volta da metade do século, a Escola Nova frustrou as esperanças nela depositadas. Começou então, a partir das décadas de 1960 e 1970, a se esboçar a *tendência tecnicista*, de influência norte-americana, cuja proposta tinha intuito de tornar a aprendizagem “mais objetiva”: planejamento e organização racional da atividade pedagógica; operacionalização dos objetos; parcelamento do trabalho, com a especialização das funções; incentivo a várias técnicas e instrumentos, como instrução programada, ensino por computador, máquinas de ensinar, tele ensino. (ARANHA, 2006, p.258).

Outra questão relevante que Saviani (2007) aponta em um glossário de significados disponível no site do HISTDBR<sup>11</sup> é a relação que faz com a obra *A Escola Secundária Moderna*, divulgada em 1960, que destacou-se com força no período de 1970. A obra versa sobre o amparo da pedagogia tecnicista, que é a pedagogia que objetivou o ensino para a racionalidade, eficiência e produtividade, tornando-a objetiva e operacional, dotada de organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas, corrente de pensamento derivada do behaviorismo.

Para Saviani (2007, p.420), “a educação é entendida como o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida

---

11 Disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_pedagogia\\_tecnicista.htm#\\_ftn1](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_pedagogia_tecnicista.htm#_ftn1). Acesso em: 19 Jul 2018.

histórica e coletivamente pelo conjunto de homens”. Assim, Saviani (2007) também demonstra que o conceito de pedagogia tecnicista<sup>12</sup>, a pedagogia que objetivou o ensino para a racionalidade, eficiência e produtividade, tornando-a objetiva e operacional, dotada de organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas, corrente de pensamento derivado do behaviorismo<sup>13</sup>, questões que estarão presentes na linha de raciocínio. Como:

Outra influência na tendência tecnicista aplicada à educação encontra-se na Teoria do Capital Humano (TCH), divulgada sobretudo por Theodore Schultz, autor de *O valor econômico da educação*. Para ele, “as escolas podem ser consideradas empresas” especializadas em produzir instrução. A adaptação do ensino à mentalidade empresarial tecnocrática exige o planejamento e a organização racional do trabalho pedagógico, a operacionalização dos objetos, o parcelamento do trabalho com a devida especialização das funções e a burocratização. Tudo para alcançar mais eficiência e produtividade. (ARANHA, 2006, p.258)

É possível entender o interesse da indústria acerca da educação para a formação de mão de obra e a resistência dos estudantes em não permanecer na escola, pois não tendo ciência, não teria função social. Como exemplo, Saviani (2007, p.369) afirma que a classificação do campo educacional é de espírito do behaviorismo, que busca tratar o ser humano como um organismo, relacionando sua forma de reagir ao seu comportamento e não à sua consciência.

Saviani (2007, p.369) apresenta a visão behaviorista, afirmando que a classificação do campo educacional é de espírito do behaviorismo, que busca tratar o ser humano como um organismo, relacionando sua forma de reagir ao seu comportamento e não à sua consciência. Com os objetivos educacionais, enunciam-se os termos operacionais, os quais se traduzem em comportamentos expressos por verbos que indicam ações observáveis e não atos de consciência, na escola.

Mais uma vez, as inovações das políticas educacionais estão subordinadas a fatores externos ao da experiência em si e de consciência. Neste contexto Oliveira Lima (1969, p. 101) afirma que o que falta não é lucidez dos educadores, mas uma política governamental de criação de “capital humano”:

---

12 Segundo Saviani, disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_pedagogia\\_tecnicista.htm#\\_ftn1](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_pedagogia_tecnicista.htm#_ftn1). Acesso em: 23 Ago 2018.

13 De acordo com Todorov (2012), o behaviorismo, também conhecido como comportamentalismo, é uma área da psicologia, que tem o comportamento como objeto de estudo. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptR&lr=&id=FQNtDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=behaviorismo+comportamento&ots=TtTwOLh2UI&sig=zkrscvu4mLnJMrmULGIRa3TTt\\_A#v=onepage&q=behaviorismo%20comportamento&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptR&lr=&id=FQNtDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=behaviorismo+comportamento&ots=TtTwOLh2UI&sig=zkrscvu4mLnJMrmULGIRa3TTt_A#v=onepage&q=behaviorismo%20comportamento&f=false). Acessado: 18 Jan 2019.

O aumento da produtividade e as mudanças espontâneas resultantes da educação ou até mesmo de mera vulgarização cultural, apesar de gritantemente evidentes, ainda não puderam ser contabilizados rigorosamente, como não se contabiliza oxigênio que permite a combustão numa caldeira propulsora de uma linha de produção. (LIMA, 1969, p.102)

Percorrendo o caminho na história, avistamos no caminho o modelo de educação tecnicista, que tivera em seu horizonte produtivo o fordismo e o taylorismo e orientava-se para a qualificação operacional em forma de organização técnica do trabalho. Oliveira Lima não apresenta caráter capitalista diante da seguinte afirmação:

O imediatismo pseudocientífico dos economistas, que se referem à educação como necessidade do mercado de trabalho e com preparação dos recursos humanos, é insuficiente para interpretar a gravidade sociológica do fenômeno escolar no mundo que se está construindo. (LIMA, 1971, p.18)

Pois sendo, a educação para um conjunto social que avança para além da escola, existe uma necessidade maior de mercado de trabalho dentro das questões sociológicas. Educar já não é prever as necessidades sociais, mas preparar os jovens para o imprevisível. Segundo Oliveira Lima (1971, p.18), toda ideia de treinamento a longo prazo é indébita (embora a curto prazo seja ainda a solução imediatista para um país subdesenvolvido). Esta é uma importante afirmação de Oliveira Lima sobre a formação de professores.

Vejamos, também, que Oliveira Lima se preocupa com a formação de professores:

Por vezes, as crianças e os jovens, em permanente, intenso e prolongado contato com os meios de comunicação de massa, estão ainda mais bem informados que os professores absorvidos pelas tarefas profissionais. (LIMA, 1971, p.10)

Outro pensamento de Oliveira Lima sobre a visão de formação de professores parte de uma reflexão da galáxia de Gutenberg:<sup>14</sup>

O professorado brasileiro não atingiu sequer a “galáxia de Gutenberg”: utilização do livro. Comporta-se, ainda, como um *lector* medieval que “recita” pergaminhos e papiros para alunos analfabetos. A biblioteca não é ainda a fonte de informação: transmite suas “mensagens” oralmente, como faziam os povos pré-históricos, sem tradição de escrita. (LIMA, 1971, p.7)

---

14 Confira em: TEIXEIRA, Anísio. Prefácio. In: MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972. 390p. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/apresentacao2.html>. Acesso em: 13 fev. 2017.

Teixeira (1972, p.390) afirma que baseado identificação das tecnologias de McLuhan na obra, o homem com extensões sentidos, suas formas de ser, oferece uma explicação da transformação do homem da cultura oral e manuscrita no homem da cultura tipográfica e moderna, com um poder de penetração e imaginação não atingido por qualquer outro escritor.

Apresenta também a Galáxia de Gutenberg, com a descoberta da tipografia, desdobrando-se a cultura heleno-latina nas variedades das culturas vernáculas e nacionais, fundindo-se os grupos feudais nas nações modernas. Sendo assim, “McLuhan dá-nos o retrato de toda a época e nos traz até a porta dos tempos de hoje, com a Reconfiguração da Galáxia em face dos novos meios de comunicação” (1972, p.390).

Oliveira Lima defende a afirmação de McLuhan sobre os centros de informação especializada, que funcionarão, no futuro, como um instrumento social de educação, globalizado, e possivelmente haverá um dia em que as crianças aprenderão mais em contato como o mundo exterior do que no recinto escolar. A palavra recinto submete à ideia de confinamento, que não é compatível com a ideia de escola do autor.

#### 2.4. Tecnicismo

Antes da Escola Nova, a pedagogia tradicional, que foi vigente antes e no início do século XX, começou a não atender as necessidades da escola, ao não atender as necessidades sociais, abrindo espaço para a origem de uma Escola Nova. A escola passou a acreditar na equalização social e tratava-se de uma teoria pedagógica que considera que o mais importante não é aprender, e sim aprender a aprender.

A Escola Nova foi se tornando uma dominante concepção teórica sem nenhuma aplicação. Houve algumas escolas experimentais para pequenos grupos de elite. De acordo com Saviani (1983, p.13), esta escola não conseguiu se instituir nos sistemas escolares porque, além de outras razões, implicava em custos bem mais elevados do que a escola tradicional. Assim, enquanto a escola tentava ser instituída, o índice de analfabetismo aumentava.

Diante desse problema, Oliveira Lima (1969, p.50) comenta sobre os programas de aceleração e a necessidade de especialistas em formar crianças fora da faixa etária, bem como adultos, em um curto prazo, como alfabetização de crianças em 18 meses ou

até mesmo o método proposto por Paulo Freire<sup>15</sup> de alfabetizar adultos em 40 horas que houve neste período. Para o autor, deveria haver classes de aceleração até normalizar-se a escolaridade, havendo especialistas em aceleração:

Num país como o Brasil, que acorda tardiamente para a necessidade de educação em massa, durante muito tempo o sistema escolar será perturbado por fenômenos como este. Mas a sugestão não deve servir para mais um processo de discriminação: enquanto não houver especialistas em aceleração, a promiscuidade etária será um mal necessário. (LIMA, 1969, 51)

Esta é uma solução apontada pelo autor para tentar reverter o cenário de exclusão social existente, pois à medida que o aluno aprende, decai a possibilidade de abandono. Germano (2000, p.22) afirma que o elevado grau de analfabetismo e o baixo percentual de escolarização da população economicamente ativa permitiu inferir o interesse do capitalismo brasileiro contribuindo para exclusão social.

Oliveira Lima demonstra em uma tabela, de forma didática, esta situação de exclusão social (os dados da tabela a seguir são referentes ao ano da primeira edição da obra *A Escola Secundária Moderna*, lançada no ano de 1962. A tabela não foi atualizada, assim como todos os dados presentes são da primeira edição):

Figura 4 - Abandono Escolar



Fonte: Lima (1976), p.647.

Após, o movimento da Escola Nova enfraquecer diante da força industrialização, surge a preocupação com os métodos pedagógicos, que foi levando ao caminho da

<sup>15</sup> Paulo Freire afirmava sobre as 4 horas de aulas diárias, perfazendo o total de 48 horas de *aulas especiais*, em que o professor propõe *palavras geradoras*, as quais são retiradas da realidade do aluno, de modo a fazer aumentar a sua consciência crítica. Assim, o aluno pode ser alfabetizado em curto prazo.

racionalidade, eficiência e produtividade, buscando tornar o ensino mais objetivo e operacional, surge assim a pedagogia tecnicista. No modelo de pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer.

Saviani (2007, p.367) ressalva, em suas palavras, que o marco do período tecnicista acontece entre 1969/1980 e descreve, que com o advento da ditadura cívico-militar, ganha força a concepção positivista “Ordem e Progresso”. Influenciador das concepções educacionais, o modelo econômico era associado-dependente dos Estados Unidos, que era um modelo organizacional para preparação de mão de obra:

Difundiram-se, então, ideias relacionadas à organização racional do trabalho (taylorismo, fordismo), ao enfoque sistêmico e ao controle do comportamento (behaviorismo) que, no campo educacional, configuram uma orientação pedagógica que podemos sintetizar na expressão “pedagogia tecnicista”. (SAVIANI, 2007, p.369)

Desta maneira, na década de 1970, o cenário pedagógico assistiu à tecnificação do processo de ensino e aprendizagem. Saviani (1983, p.16) descreve que na pedagogia tecnicista o elemento principal era a organização racional dos meios. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, com concepção de planejamento, coordenação e sobre controle de especialistas, compensando e corrigindo as deficiências do professor e buscando a formação de indivíduos produtivos.

A sustentação teórica da pedagogia tecnicista está relacionada à psicologia behaviorista, à engenharia comportamental, à ergonomia, à informática e à cibernética, que têm em comum a inspiração filosófica neopositivista e o método funcionalista. Isso tudo se resumiria, de acordo com Saviani (1983):

A teoria pedagógica acima exposta corresponde uma reorganização das escolas que passam por um crescente processo de burocratização. Com efeito, acredita-se que o processo racionalizava-se na medida em que se agisse planificadamente. Para tanto, era mister baixar instruções minuciosas de como proceder com vistas a que os diferentes agentes cumprissem cada qual as tarefas específicas acometidas a cada um no amplo espectro em que se fragmentou o ato pedagógico. (SAVIANI, 1983, p.18)

Saviani (2007, p. 371) relata, sobre a consequência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que a incorporação das ideias pedagógicas tecnicistas na organização do sistema começou pelo ensino superior. O autor apresenta esta afirmação a partir de estudos desenvolvidos no âmbito do Conselho Federal de Educação<sup>16</sup> (CFE), criado em 1962 em plena ditadura cívico-militar. Saviani (2007) relata:

---

16 Depoimento do professor Newton Sucupira. *In*: Concepção do educador e da universidade. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1988, p. 93-95). Disponível em: <http://www.dumervaltrigueiro.pro.br/bioconselho.htm>. Acessado em: 25 nov 2017.

A incorporação das ideias pedagógicas tecnicistas na organização do sistema de ensino foi empreendida pelas iniciativas de reformas que começaram com o ensino superior a partir de estudos desenvolvidos no âmbito do então Conselho Federal de Educação (CFE). (SAVIANI, 2007, P.373)

O CFE, com base no parecer elaborado por Valnir Chagas,<sup>17</sup> propõe uma reestruturação das universidades brasileiras, por meio do Decreto-Lei n.53, de 18 de novembro de 1966. A procura pelas universidades aumentou, provocando um deficit no número de vagas, profissionais preparados e infraestrutura adequada, entre outras necessidades, entrando em crise<sup>18</sup> o ensino superior.

De agosto a novembro de 1964, acontecem os simpósios sobre a reforma da educação e o Fórum “A educação nos convém”, organizado pelo IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais). Saviani (2007, p.344) afirma, sobre ambos os eventos, a visão ideologicamente técnica, pois:

Esse sentido geral é traduzido pela ênfase nos elementos dispostos pela teoria do capital humano; na educação como formação de recursos humanos para o desenvolvimento econômico dentro dos parâmetros da ordem capitalista; na função de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho atribuída ao primeiro grau de ensino; no papel do ensino médio de formar, mediante habilitações profissionais, a mão de obra técnica requerida pelo mercado de trabalho; na diversificação do ensino superior, introduzindo-se cursos de curta duração voltados para o atendimento da demanda de profissionais qualificados; no destaque conferido à utilização dos meios de comunicação de massa e novas tecnologias como recursos pedagógicos; na valorização do planejamento como caminho para racionalização dos investimentos e aumento de sua produtividade; na proposta de criação de um amplo programa de alfabetização centrado nas ações das comunidades locais. (SAVIANI, 2007, p.344)

Nestes eventos a preocupação seria a organização de um documento básico em torno do desenvolvimento econômico, situando os novos estudos sobre economia da educação. Saviani (2007, p.340) ressalta que o texto considerava, então, que a própria escola primária deveria capacitar para a realização de determinada atividade prática. Na sequência, o ensino médio teria como objetivo a preparação dos profissionais

---

17 Valnir Chagas atuou no Conselho Estadual de Educação do Ceará de 1956/1962. De 1963/1967, foi membro da Comissão de Especialistas do Ensino Superior para Formação do Magistério, no Ministério da Educação e Cultura.

18 Para Saviani (2007, p.373), respondia duas demandas contraditórias: de um lado, a demanda dos jovens estudantes ou postulantes a estudantes universitários e dos professores que reivindicavam a abolição da cátedra, a autonomia universitária, mais verbas para desenvolver pesquisas e mais vagas para ampliar o raio de ação da universidade; de outro lado, a demanda dos grupos ligados ao regime instalado com o golpe militar de 1964, que buscavam vincular mais fortemente o ensino superior aos mecanismos de mercado e ao projeto político de modernização em consonância com os requerimentos do capitalismo internacional.

necessários ao desenvolvimento econômico e social do país, de acordo com um diagnóstico da demanda efetiva de mão de obra qualificada.

Os resultados do “Forúm” foram apresentar respostas em 1968, por um grupo de trabalho instituído pelo governo para explicar a visão pedagógica que iria ser instituída no ano seguinte. Assim, Saviani (2007, p.340) descreve que, articulada pelos IPES, houve a concepção pedagógica que resultou nas reformas educativas instituídas pela lei da reforma universitária, lei de 1º e 2º graus e pela criação do movimento chamado Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Surge o tecnicismo com uma roupagem de organização e racionalização dos meios, professor e aluno nas posições secundárias, delegando aos mesmos a função de executores de um processo baseado na busca de eficiência do planejamento para maximizar resultados.

Então, esse movimento culminou diante da necessidade de princípios racionais e de produtividade para a construção de uma pedagogia técnica para surgir um novo sistema educacional. Vasconcelos (1996) relata que:

O avanço do behaviorismo, no cenário brasileiro, a partir dos anos sessenta, relacionava-se com a realidade política e educacional do país, onde ocorrera a intensificação do autoritarismo e do tecnicismo pedagógico. No campo educacional, nessa época, o escolanovismo, juntamente com seus pressupostos psicológicos apresentou sinais de exaustão. (VASCONCELOS, 1996, P.101)

Para Araújo (2002, p. 8) as técnicas de ensino não são naturais ao processo de ensinar, mas são condições ao acesso, se interpõem na relação entre o professor e o aluno, submissas à autoridade e à intencionalidade. Assim, se sobrepõem à relação humana como quer a tendência pedagógica, não sendo algo meramente mecânico, mas como condição ao acesso. O conceito de técnicas de ensino sugere diretamente tecnicismo.

Partindo do tema: *técnica de ensino* sugere tecnicismo, e este de tecnologia; por sua vez, esta se constitui associada ao desenvolvimento, e este à modernização; alguns deles lembram capitalismo, e este em nossos horizontes se agiganta como antônimo de progressista. Em tudo isso, há uma preocupação com a sociedade e com o homem que nela vive, ou seja, tais conceitos têm uma significação concreta: a modernização, o desenvolvimento, a tecnologia etc, não podem ser destacados do *para quê* e a *quem* servem. (ARAÚJO, 2002, p.12)

Para Araújo (2002, p.15), o tecnicismo pedagógico significa sobrelevar as técnicas, os processos, os recursos materiais ligados à dinâmica concreta do ensinar e do

aprender. Entendemos que pode ser uma tendência a enfatizar a autonomia dos recursos técnicos. Com essa visão do autor, a educação escolar é concebida em relação ao processo social envolvido com as ideias de racionalização, de eficiência e de eficácia que permeiam todos os níveis do sistema de ensino.

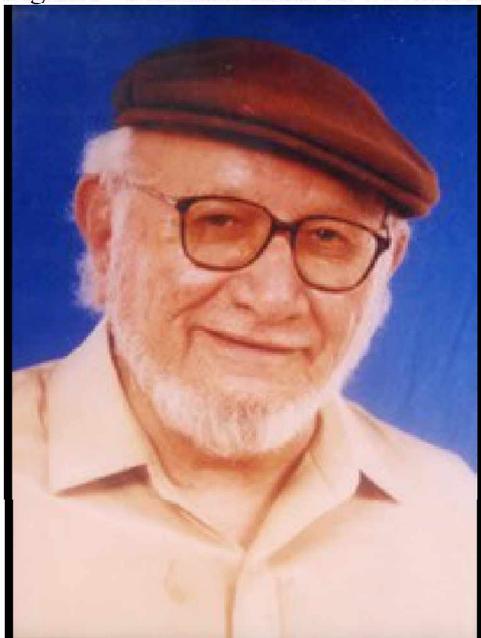
Seguindo na mesma linha de pensamento, Libâneo (1992, p.51) menciona o surgimento de um consenso entre noções de eficácia, racionalidade, organização, instrumentação e disciplina que estão indissoluvelmente ligadas ao poder burocrático capitalista, sendo restritores do processo de democratização, pois veem os educadores como desnecessários.

No entanto, é interessante o alerta de Araújo (2002, p.17) que não se pode esquecer que a Escola Nova seja responsável pelo otimismo pedagógico, uma tentativa de renovação da escola pelos métodos, quando a dimensão técnica já viera sendo sobrelevada. Por sua vez, para Saviani (1984, p.287), o tecnicismo representa um desdobramento radical do escolanovismo, ou seja, a base ideológica do escolanovismo, o liberalismo, é a mesma da pedagogia tecnicista.

### 3 OLIVEIRA LIMA: VIDA E OBRA

Nesta parte apresentamos as vivências encontradas da vida pública do professor Lauro de Oliveira Lima, desde o nascimento até a formação e carreira profissional.

Figura 5 - Professor Lauro de Oliveira Lima



Fonte: Beta (2011).

#### 3.1 Biografia

Nasceu em 1921, na cidade Limoeiro do Norte, estado do Ceará, região do Nordeste do Brasil. Nascido de uma família de agricultores, tinha 12 irmãos e desde criança ajudava seu pai nos afazeres agrários. A religiosidade da família influenciou-o a ser coroinha enquanto criança. Teve um irmão padre e, quando jovem, foi bastante participante nos eventos religiosos da cidade.

Desde criança demonstrou grande interesse pelos estudos. A primeira instituição de ensino onde estudou foi na escola do Mestre José Afonso. Limoeiro do Norte não oferecia mais oportunidades de estudos, surgindo a necessidade de buscar outras alternativas. Pediu ao seu primo ex-bispo<sup>19</sup> que o encaminhasse para o seminário salvatoriano de Jundiá-SP. Dos quatorze aos vinte anos de idade foi seminarista.

Aos vinte anos retornou a Limoeiro do Norte/CE, serviu ao exército como Cabo raso e começou a fazer estudos que validassem seus anos de seminarista. Neste período conheceu Maria Elizabeth Petter Santos, sua futura esposa, de família rica e bem

---

<sup>19</sup> Nas bibliografias referentes ao autor Oliveira Lima, não foram encontrados dados que identifiquem o nome do ex-bispo, apenas essa curta citação.

posicionada na sociedade cearense na época. Maria Elizabeth era filha de Alcides Castro Santos, comerciante e fundador do Fortaleza Esporte Clube<sup>20</sup>, que estudou na Europa e trouxe de lá a paixão pelo futebol. Alcides era filho de Agapito dos Santos, que foi um educador, político e jornalista, que atuou como Deputado Federal em Fortaleza e possuía uma vasta cultura clássica, lecionou matemática e latim na escola normal<sup>21</sup> e foi deputado federal no período de 1900 a 1902.

Ao se casar, em 1947, Oliveira Lima se une a uma família de pessoas ativas socialmente e ligadas diretamente à educação. Maria Elizabeth, formada em Pedagogia pela Universidade Católica do Ceará, na mesma instituição em que fez o Curso de Especialização em Orientação Educacional. Envolvida com cursos de extensão, a professora aprimorou suas qualidades como educadora, participando ativamente da vida comunitária.

Oliveira Lima casou-se com Maria Elizabeth e formaram uma família com sete filhos<sup>22</sup>: Ana Elizabeth, Fred, Giovana, Adriana, Ricardo, Lauro e Liliana. Após casar-se, Oliveira Lima iniciou o curso de Direito na Universidade Federal do Ceará. Depois, cursou Filosofia pela mesma universidade.

A família de Maria Elizabeth foi propulsora na ascensão da carreira de Oliveira Lima como educador devido à forte ligação de todos com a educação. Quando Oliveira Lima casou-se, fundaram juntos o Ginásio Agapito dos Santos (nome do avô de Maria Elizabeth), que foi escola normal modelo, na época em que Oliveira Lima e Maria Elizabeth faziam parte do corpo docente.

Encontramos esta matéria<sup>23</sup> que nos relata características do autor:

Dentre outros feitos seus está a fundação do Ginásio Agapito dos Santos, onde teve a oportunidade de iniciar suas ideias inovadoras na área pedagógica, chegando a escrever nessa época o livro *Escola Secundária Moderna*, que chamou a atenção do prestigiado educador Anísio Teixeira (1963). Foi quando deu reforço à metodologia da dinâmica de grupo e à divulgação de seu método psicogenético. Mais tarde fundaria em Fortaleza o Colégio Oliveira Lima e, no Rio de Janeiro, outro: *A Chave do Tamanho*. [...] Antes do magistério, Lauro foi inspetor federal de ensino. Lauro burocrata? Impossível. Formou-se em Direito e Filosofia. O seu destino estava traçado: magistério/educação. Fundou o Colégio Agapito dos Santos, onde

---

20 Fortaleza Esporte Clube foi fundado em 18 de setembro de 1918.

21 Colégio Estadual Liceu do Ceará é uma escola pública em Fortaleza do estado do Ceará que está funcionando até os dias atuais.

22 Todos os seus filhos seguiram os caminhos da educação. Sua filha Adriana Flávia e Lauro dirigem o Colégio Oliveira Lima e a Escola Nova, em Fortaleza/CE.

23 Publicação no blog de Adísia Sá, jornalista. 12 de Março de 2013. Disponível em: [http://historiaecultura.blogspot.com/2013/03/lauro-de-oliveira-lima\\_12.html](http://historiaecultura.blogspot.com/2013/03/lauro-de-oliveira-lima_12.html) acesso em: 12.10.18.

aplicou o método de Jean Piaget – idealizando o Método Psicogenético de Ensino. (SÁ, 2013)

A família de Oliveira Lima foi de grande propulsão para sua dedicação a educação. Durante todo o processo, já formado em direito, Oliveira Lima vai a Europa e faz questão de conhecer a Universidade de Coimbra. Quando retorna, junto a toda influência do meio educacional, a família inteira se deslocou para Brasília/DF. Como havia sido foi o primeiro delegado do MEC no Ceará por mais de 15 anos e engajou-se no magistério secundário, neste período em Brasília foi diretor do ensino secundário. Em Brasília conviveu com pessoas como Darcy Ribeiro, Paulo Freire e Anísio Teixeira.

Em 1964, inicia-se o período de ditadura cívico-militar. Neste período Oliveira Lima perde o emprego conquistado por concurso, foi preso, cassado, torturado e aposentado compulsoriamente quando ocupava a direção do Ensino médio e secundário em Brasília e trabalhava com Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Paulo Freire. Oliveira Lima havia sido o último de uma geração de educadores a enfrentar a ditadura cívico-militar por impor ideias revolucionárias ao ensino, porém foi o único a permanecer no país.

Em uma entrevista disponibilizada no blog Lauro de Oliveira Lima – Um Educador Brasileiro,<sup>24</sup> relata o período de ditadura militar no país:

Eu fui uma das pessoas perseguidas pelo golpe militar. Não tinha explicação porque os militares me perseguiram. Hoje, não sei explicar porque fui tão perseguido durante a época militar. Eu já tinha filho, já estava casado, de maneira que foi uma coisa dolorosa, para nós, sobreviver perseguidos. Eu perdi meu emprego e lembro que minha mulher assumiu a casa, durante alguns anos. Foi um período, tremendamente doloroso. Esse período em que eu não podia trabalhar porque era perseguido pelos militares. (VÍDEO, 2017)

Foi exonerado do cargo de Diretor da Diretoria de Ensino Secundário, sendo aposentado compulsoriamente aos 43 anos de idade.

Neste período o sustento da família vinha do emprego de Maria Elizabeth, que atuava na FUNABEM<sup>25</sup>, porém não durou muito até que ela fosse demitida, assim que foi descoberta como esposa de um perseguido. Entretanto, persistente, ela conseguiu,

---

24 Disponível em: <https://laurodeoliveiralima.blogspot.com/p/biografia.html>, acesso em: 12 out. 18.

25 FUNABEM : Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, criada em 1964, ano do golpe político que deu início à ditadura militar vigente até os anos 80, iniciou-se um empreendimento inédito na história do atendimento aos menores no País. Pela primeira vez, o governo federal pretendeu traçar orientações unificadas, de alcance nacional. Em 1º de dezembro de 1964, foi criada a órgão normativo que tem a finalidade de criar e implementar a "política nacional de bem-estar do menor", através da elaboração de "diretrizes políticas e técnicas". Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931988000100003>. Acesso em: 13 fev. 2019.

pelas suas qualificações, o cargo de Diretora de um renomado colégio católico do Rio de Janeiro/RJ e mudaram-se todos, mas as informações que encontramos nos relatos dão conta de que, em pouco tempo, foi novamente demitida.

### 3.2 Escola “A Chave do Tamanho”: Centro Experimental e Educacional Jean Piaget.

Mas a posição piagetiana (que não é eclética, como parece, mas combinatória, no sentido matemático) não é muito estimulante, mesmo por que é muito científica. **A ciência não cria movimentos socioculturais.** São os radicais que fazem a história, pelo engajamento que provocam e pela oposição que geram (a adesão incondicional e fanática tem os mesmos efeitos da oposição radical e furiosa: o confronto divide as águas e cria um **potencial energético** que põe a história em ação. (LIMA, 1975, p.37)

A partir da década de 1960, resultado dos estudos desenvolvidos a partir da atuação de Oliveira Lima na Inspeção Seccional junto aos estudos da equipe piagetiana *capta plana* sobre o método psicogenético, teoria piagetiana da socialização e inteligência da criança no desenvolvimento intelectual, foi criado o Centro Experimental e Educacional Jean Piaget, em 1972 no Janeiro/RJ, conhecida como escola “A Chave do Tamanho”.

Figura 6 - Escola "A Chave do Tamanho"



“Brincar é criar.  
E, criando,  
se aprende muito”



Quando se matricula na Escolinha de Arte do Brasil, a criança, junto com os pais, preenche uma ficha, onde, além do nome, idade e endereço, constam os seus principais interesses, atitudes comuns, e tudo que possa identificá-la psicologicamente. Daí ela é levada à classe relativa à sua faixa de idade e é solta. São oferecidas atividades individuais e em grupo. Ela não é coagida a conviver ou trabalhar em grupo. A única coisa que se permite aos professores é tentar proporcionar estímulos para que isso aconteça.

**-CHAVE DO TAMANHO.**

A Escolinha de Arte do Brasil é, para a criança, uma atividade extra-escolar. Mas existem outras que funcionam, desde o maternal até o 1º grau. Nesse caso está a escolinha "Chave do Tamanho", no Leblon, dirigida pelo professor Lauro de Oliveira Lima. Funcionando desde o maternal e na faixa etária de 1 1/2 a 7 anos, os objetivos da escolinha "não diferem muito da Escolinha de Arte do Brasil: desenvolver intelectual e socialmente a criança.

Com a utilização de metodologia elaborada pelo próprio Lauro de Oliveira Lima, os professores — todos de nível universitário e com cursos de especialização na própria escolinha — se utilizam de materiais apropriados capazes de desenvolver a coordenação motora, dar noções da teoria de conjunto e de linguagem. Dentro da sala, o papel do professor é importante como real coordenador. Ele não é um mero espectador, nem sua função é única e exclusivamente tomar conta das crianças.

Para Beta, filha de Lauro de Oliveira e orientadora da escolinha, o papel mais importante do professor é saber lidar com as crianças. Para isso é necessário que ele enxergue a crian-

ça como um todo no seu intelecto. O importante é não separar o raciocínio simbólico do raciocínio lógico, que ocorrem paralelamente, em geral, na idade pré-escolar.

Para as crianças com menos de 5 anos, na "Chave do Tamanho" o tempo é das brincadeiras. Porque brincar é criar. Com as formas também dos jogos de encaixe e de construção.

É comum se pensar que o Aos 5 anos, — diz Beta — a criança já está no estágio da inteligência, que lhe permite a compreensão da matemática e da linguagem escrita. Começa então a alfabetização. Mas a criança não sente que está aprendendo. As letras e os números entram em sua vida como entram as bonecas e as tintas. Quando menos percebem estão lendo e construindo histórias.

Também o inglês é ensinado, por meio de figuras e associação de idéias a partir de um ano e meio. E, ao contrário do que se costuma pensar, o vocabulário estrangeiro é aprendido com mais facilidade nessa idade, e não atrapalha o aprendizado do português.

**FASES IMPORTANTES**

Também a escola Pueri Domus dedica especial atenção ao ensino maternal e infantil. A filosofia de educação pedagógica é muito semelhante à das outras escolas. Sua diretora, Therezinha Gonzaga Ferreira, divide o programa de suas atividades em três partes:

— Nós trabalhamos com as crianças em três áreas: a intelectual, a psíquica e a social. No intelecto, partimos da coordenação motora, seguindo o princípio de que primeiro deve-se desenvolver a inteligência prática. Na parte psíquica, a nossa preocupação é não deixar se dissolver o mundo fantástico da criança, até que ela mesma tome

res afirmam exatamente o contrário.

O professor Augusto Rodrigues explica o problema da seguinte forma:

— Se nós fôssemos educar para criar conflitos e fazer a criança infeliz, poderíamos nos suicidar. Acreditamos que as crianças que tenham uma formação responsável, saberão modificar o meio em que vivem, e não criar conflitos com o mesmo. Se a criança tem sua criatividade totalmente despertada, ela também vai utilizá-la em sua vida prática. Ser criativo não é ser um artista. Mas conseguir criar saídas para qualquer situação que se lhe apresente.

**NO ESTADO, A DOVIDA**

Apesar do interesse e da importância do ensino maternal nos dias de hoje, a Secretaria de Educação do Estado da Guanabara continua alheia ao problema. Ela não sabe sequer se manterá no próximo ano os 111 Jardins de Infância do Estado, onde estão matriculadas 9.482 crianças.

Com a obrigatoriedade do ensino gratuito dado pelo Estado se restringir à faixa dos 7 aos 14 anos, é bem provável que os jardins de infância sejam extintos. Isso porque a Secretaria de Educação já entregou ao Projeto de Supervisão Pedagógica todo o setor maternal do Estado. No entanto, o planejamento do órgão só foi elaborado para vigorar até o fim do ano. E ainda não existem estudos para dar oportunidade às crianças com menos de 7 anos de se matricularem nos cursos maternais.

**CRÍTICAS**

A professora Therezinha Ferreira, do Pueri Domus, faz uma observação:

— Privar a criança de uma educação adequada, assim como de alimentação perfeita, significa o atrofamento de sua inteligência, a destruição de suas células nervosas. E este é um processo irreversível. Se conhecermos estas privações estaremos já predeterminando a criança a um futuro bastante sombrio, que é o dos de intelecto pouco desenvolvido.

O professor Augusto Rodrigues faz uma outra afirmação, tentando com ela despertar todas para o problema:

— A Educação é para a criança um direito, que ninguém pode tirar. Está contido na "Declaração dos Direitos da Criança", da ONU. Acontece que o Estado vê as coisas do ponto de vista econômico e legal. Se a lei só obriga dos 7 a 14 anos, eles irão adaptar os demais às possibilidades econômicas. Mas nós, educadores, vemos a coisa sob o ponto de vista humano. E não nos cansamos de frisar que a educação é obrigação primordial de cada indivíduo que compõe uma sociedade, e não apenas do Estado ou dos Educadores.



esta atitude. Quanto à social respeitamos suas devidas fases. A criança muito pequena, que nós colocamos no maternal (1 ano e 3 meses a 2 anos e meio) não consegue se relacionar com o grupo. Ela ainda está se descobrindo, e seu mundo é interior demais para outras pessoas participarem dele. No entanto, o fato de ela frequentar uma escola onde convive com outras crianças e outros adultos que não seus pais e irmãos já é um grande passo para sua socialização.

**A ADAPTAÇÃO**

Apesar de divergentes em alguns pontos, todas as novas filosofias de educação e métodos utilizados para sua aplicação vertem para um único ponto: o desenvolvimento intelectual e social da criança.

É comum se pensar que o mundo mágico das escolinhas, livre e onde a criança é dona e responsável pelos seus atos entra em choque com uma outra realidade, que é a de situações raras, muitas vezes opressivas e autoritárias. No entanto, todos os orientadores e profes-

Fonte: Diário de Notícias (1974).

O método psicogenético marcou a carreira de Oliveira Lima. Ele dedicou-se a estudar como o ser humano constrói o conhecimento, desenvolvimento da inteligência e pesquisas interdisciplinares sobre a formação da inteligência, compartilhando da essência das teorias de Jean Piaget.

Jean Piaget viveu entre 1896/1980. Nasceu na Suíça, foi biólogo e epistemólogo, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Dedicou-se a estudar como o ser humano constrói o conhecimento e passou a maior parte de sua carreira profissional interagindo com crianças e estudando seu processo de raciocínio.

Diante da morte de Jean Piaget, em 1980, houve o desmonte do Centro Internacional de Epistemologia Genética (CIEG) sediado em Genebra, na Suíça. Neste momento houve um impulso nas pesquisas referentes à didática ativa e operatória de Jean Piaget no país. Oliveira Lima motivou congressos internacionais sobre as teorias piagetianas no Brasil.

Em 1990 a escola cresceu até atingir o ensino médio, com foco nas teorias de Jean Piaget. Três congressos internacionais foram realizados pela escola para apresentar seu planejamento, difundindo assim as ideias de Piaget e as práticas pedagógicas galgadas por Oliveira Lima. Desta forma, ele é conhecido como o responsável por introduzir o método psicogenético no Brasil aplicado na escola com base nos estudos realizados em Piaget.

Muitos estudavam as obras de Piaget e tinham elementos para transformar suas teorias em pedagogia, no método psicogenético. Oliveira Lima conheceu a leitura de *Didactique Psychologique*, de Hans Aebli, que foi propulsor para sua dedicação ao método psicogenético que o mesmo citou ser a junção entre a teoria da equilíbrio<sup>26</sup> por Jean Piaget e a dinâmica de grupo compondo essas teorias, chamada de método psicogenético, segundo Lima (1976, p.14). Vasconcelos (1996) cita que:

Partindo da leitura de Hans Aebli, percebeu o “horizonte didático” na obra de Piaget e, absorvendo também as ideias de Kurt Lewin, passou a aplicar e a divulgar aquilo que dominou método psicogenético, que inclui a concepção de uma didática operatória e dinâmica sugerida por Piaget para o trabalho por equipes em escolas. Neste caso, a teoria piagetiana se apresentava como uma opção de reformulação pedagógica em busca de formação de sujeitos autônomos e solidários, tal como almejava o ideário escolanovista. (VASCONCELOS, 1996, p. 77)

---

26 Seis estudos de psicologia, Jean Piaget (1964) apresenta modelos de equilíbrio e etapas do desenvolvimento mental. Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/01/SEIS-ESTUDOS-DE-PSICOLOGIA-JEAN-PIAGET.pdf>. Acesso em: 2019.

Podemos notar como é impressionante que a educação tenha se transformado tão pouco - frase dita pelo autor na década de 1960. Lauro de Oliveira Lima fez uma análise dos escritos de McLuhan sobre perspectivas educacionais. Naquela obra de 50 anos antes, as mutações sugeridas teriam transformado a educação brasileira em referência mundial.

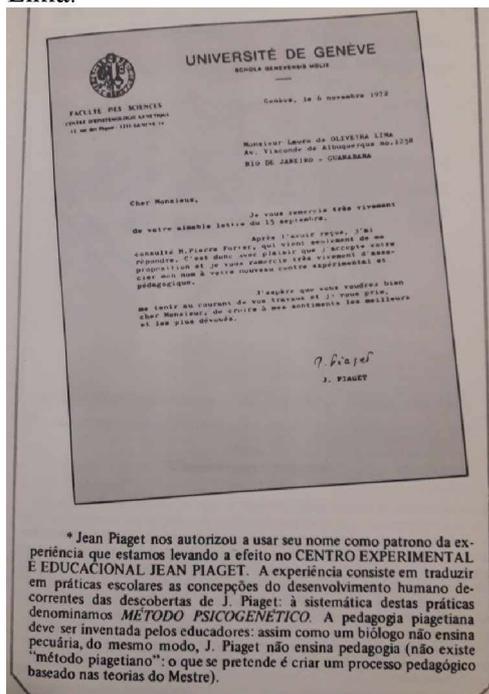
Jean Piaget foi seu orientador e, com autorização e reconhecimento do próprio, surge à primeira escola pedagogicamente piagetiana no Brasil. Conta o autor para Vasconcelos (1996):

(...) tinha um certo contato epistolar com ele. Então disse a ele para patrocinar, do ponto de vista intelectual, uma experiência em que o objetivo era ver se Piaget se traduz em pedagogia ou não, ampliando as sugestões de Hans Aebli. (VASCONCELOS, 1996, p.81)

E Piaget respondeu:

Figura 7 - Carta enviada por Jean Piaget ao Prof. Lauro de Oliveira Lima. *TRADUÇÃO*

*Genebra, 6 de novembro de 1972.*



*Prezado Senhor,  
Muito obrigado por sua amável carta de 15 de setembro.  
Depois de ter recebido, consultei o Sr. Pierre Furier, que acabou de me responder. É, portanto, com grande prazer que associo o meu nome ao seu novo centro experimental e pedagógico.  
Eu espero que você queira me manter informado de seu trabalho e eu rogo, caro senhor, que creia em meus melhores e mais devotados sentimentos.*

J. Piaget

Fonte: Lima (1981).

Oliveira Lima, assim, persistiu na aplicação pedagógica das pesquisas epistemológicas de Piaget, que no caso seriam uma continuação do trabalho de Hans Aebli aplicado no Brasil. Assim foi o início da criação do Centro Experimental e Educacional. Pois, Piaget já havia admitido também a pesquisa de Hans Aebli sobre a didática e a epistemologia genética.

Para Oliveira Lima (1976, p.37), o método psicogenético na educação tem bases nas etapas do desenvolvimento da criança, que são definidos por Piaget em cinco etapas, nas quais associadas à educação são:

- a) Infância (0 a 7 anos): Inteligência prática-simbólica e inteligência intuitiva desenvolvendo a linguagem e motricidade;
- b) Pré-adolescência (7 a 11 anos): Inteligência intuitiva para inteligência concreta;
- c) Adolescência (11 a 15 anos): Inteligência concreta para inteligência abstrata dedutiva;
- d) Pós-adolescência (15 a 19 anos): Inteligência abstrata dedutiva para inteligência abstrata indutiva;
- e) Juventude (19 a 23 anos): Inteligência analítica para inteligência sintética.

Não encontramos outros autores que descrevem o método psicogenético usando os conceitos como Oliveira Lima apresenta: inteligência prática-simbólica para inteligência intuitiva (entre 1 e 7 anos), inteligência intuitiva para inteligência concreta (entre 7 e 11 anos), inteligência concreta e inteligência abstrata dedutiva (entre 11 e 15 anos), inteligência abstrata dedutiva para inteligência abstrata indutiva(entre 15 e 19 anos), inteligência analítica para inteligência sintética (entre 19 e 23 anos). As fases estudadas por Piaget são: período sensório-motor (0 a 2 anos); período pré-operatório (2 a 7 anos); período operatório concreto (7 a 11 ou 12 anos); período operatório formal (11 ou 12 anos em diante).

Todo esse processo foi criticado, a ponto de Oliveira Lima ser acusado de descaracterizar a obra de Piaget:

A formulação do método psicogenético ou método piagetiano, como passou a ser chamado comumente, recebeu críticas de piagetianos brasileiros e de outros países, principalmente Genebra. As principais críticas ocorreram sob o argumento de que as pesquisas de Piaget não eram voltadas para a relação pedagógica, e sim para a construção do conhecimento do sujeito epistêmico. Segundo esses críticos, Oliveira Lima estaria descaracterizando a obra de Piaget ao instituir uma prática pedagógica denominada método piagetiano. (VASCONCELOS, 1996, p.80)

Críticas que se contradizem diante das ideias de Hans Aebli em *Didactique Psychologique*, que conseguiu elaborar práticas pedagógicas que explicitavam as relações de ação e atividade mental e a validação de Piaget, que ressaltava que sua pesquisa não tinha fundamento pedagógico, mas que admitia sua aplicabilidade na educação.

Oliveira Lima era diretor na escola junto à sua esposa Maria Elizabeth. Hoje a escola é dirigida por sua filha Ana Elizabeth. Ela relata no blog da escola que desde o seu surgimento em 1972 até o falecimento de Piaget em 1980 foram enviados relatórios com os resultados que iam sendo obtidos pelo método psicogenético que estava sendo desenvolvido (BETA, 2011). Com a criação desta escola experimental houve grande validação das teorias piagetianas no país.

Atualmente, está disponível toda a descrição sobre o surgimento da escola, feita por Ana Elisabeth Santos Oliveira Lima, filha de Oliveira Lima, no blog da escola<sup>27</sup> onde atua até os dias atuais como diretora e psicopedagoga responsável.

Afirma Vasconcelos (1996, p.131): “A Chave do Tamanho” foi reconhecida pelo poder público como escola experimental, com liberdade para não seguir o modelo oficial de currículo, de programação e de seriação. A escola “A Chave do Tamanho” tem como frase slogan “Educação pela Inteligência” que faz referência diretamente à teoria de Piaget, enfatizando a estimulação do desenvolvimento mental que faz oposição à memorização. O funcionamento da escola é descrito da seguinte maneira:

- Na escola são feitas avaliações semanalmente como instrumentos pedagógicos e testes desenvolvidos que permitem identificar as noções de conservação, classificação, seriação, dentre outras, com a finalidade de verificar o nível de desenvolvimento do aluno;
- O método pensado para aplicação na escola consiste em adaptar cada atividade ao estágio de desenvolvimento em que cada criança se encontra, pois entende-se que para Piaget o desenvolvimento da inteligência depende da interação e cooperação. A inteligência se desenvolve experimentalmente.

Os testes são feitos das seguintes formas:

- Todo conteúdo é apresentado como uma situação-problema que deve ser resolvida pela criança;
- Toda situação-problema é resolvida, em grupo, para que as crianças se estimulem, mutuamente, e aprendam a cooperar (comportamento moral e afetivo);
- O aluno deve sempre tomar consciência dos mecanismos utilizados para realizar a atividade proposta (a tomada de consciência substitui o que se chamava de fixação da aprendizagem), permitindo ao aluno compreender como funciona seu pensamento:

---

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.jeanpiaget.com.br/p.php?p=escola>, onde está descrita toda infraestrutura da escola e todo funcionamento da escola até os dias atuais.

Piaget diz que pela maneira como uma criança manipula um objeto (mãos x pensamento) pode-se opinar sobre seu desenvolvimento mental é uma progressiva interiorização da ação. (LIMA, 1974, p.262)

- Os resultados são apurados após observar os mecanismos mentais usados pelos alunos e não os acertos, focando no comportamento do aluno durante todo processo;
- Caso exista a necessidade, o aluno é transferido de grupo conforme seu desenvolvimento. A proposta é acompanhar sistematicamente o desenvolvimento individual e a socialização deste aluno.

De acordo com o plano de ensino da escola, o método aplicado prepara seus alunos para enfrentar os mais diversos desafios. Atualmente, no blog da escola, está descrito o sucesso dos resultados de seus ex-alunos, que ingressaram nas mais diversas áreas do mercado de trabalho, com muito êxito em cursos superiores como: economia, administração, farmácia, arquitetura, medicina, literatura, filosofia, informática, artes, desenho industrial, robótica, biologia, esportes e projetos sociais, jornalismo, advocacia, entre outros.

O método psicogenético proposto por Oliveira Lima na escola consiste em uma metodologia baseada em atendimentos individualizados, trabalhos com grupos pequenos e com planejamento muito bem disciplinado. Relata-se que:

Nenhum professor entra em sala de aula sem um planejamento semanal verificado pela coordenação e com o planejamento diário montado com atividades que devem durar aproximadamente 10 minutos. Um planejamento semanal também é fornecido aos professores, que devem fazer adaptações para o nível do grupo específico com que vai trabalhar. O Planejamento Diário deve ser feito pelos professores, contendo os mínimos detalhes para as atividades, como por exemplo, as histórias que serão contadas, experiências científicas, técnicas de arte, músicas. (BETA, 2011)

- O planejamento do método de ensino faz parte dos estudos entre Oliveira Lima. Sendo orientado por Piaget, tem a proposta de planejar diariamente mais atividades do que aquelas estabelecidas para as horas formais de trabalho, pois alguma atividade inicialmente proposta pode não apresentar o resultado esperado pelo professor ou não ser bem-aceita pelo grupo, podendo ser substituída nessas circunstâncias;
- As atividades são aplicadas e avaliadas simultaneamente por um roteiro chamado fichas de aplicação diária aos alunos, onde são feitos os apontamentos sobre dificuldades, facilidades e socialização dos alunos, sendo essa a ficha que dá ao professor a visão global de seu grupo;

- As atividades realizadas devem ter bom aproveitamento por pelo menos 70% do grupo. Os professores são orientados a avaliar todas as atividades realizadas com conceitos como muito bom, bom, regular, insuficiente, não realizada ou substituída. Essa avaliação serve de esquema de assimilação para o próximo planejamento;
- Existe também uma ficha de observação diária que resulta em um sociograma que é realizado de 15 em 15 dias. A proposta é sempre trabalhar em dinâmica de grupo e os grupos são formados pelos professores considerando os sociogramas, feitos periodicamente;
- A organização de sala de aula são mesas coletivas com 3 a 4 crianças em uma disposição que todas as crianças ou adolescentes ficam próximos aos professores. O professor trabalha circulando em toda a sala de aula e sempre usando as bordas da sala para não ocorrer de dar as costas para os alunos. As mesas devem ficar no centro, não utiliza o quadro, com essa disposição de sala todas as crianças/adolescentes estão sempre juntos a seus educadores;
- Os professores da primeira fase do fundamental têm, diariamente, reunião com a coordenação para revisão do planejamento, orientação com relação às crianças, etc. Os professores da 2ª. Fase do Fundamental, que trabalham em várias instituições, têm em dois dias por semana uma reunião virtual com a direção e coordenação, onde discutem teoria, tiram dúvidas práticas e fazem observações sobre o desenvolvimento dos adolescentes.
- Em todos os níveis, o professor não dá aula expositiva usando quadro verde. São propostas atividades que devem ser ouvidas (ou lidas) e discutidas pelos alunos;
- Trabalham sempre em dinâmica de grupo e são criadas situações-problema para serem resolvidas com os alunos, estas atividades apresentam sempre uma dificuldade para que os alunos resolvam. São pensadas até as configurações dos grupos, que podem variar em cada tipo de atividade;
- Em todas as salas de aula os alunos têm regras a serem cumpridas por todo o grupo. Inicia-se por estas regras a compreensão da constituição do país.

Neste modelo de ensino Oliveira Lima fala sobre a construção da moral das crianças. O modelo pedagógico da Escola “A Chave do Tamanho”, com base no método psicogenético, é descrito da seguinte forma:

Tem como base a observação através de câmeras instaladas em todas as salas, para oferecer feedback a todos os professores. Oliveira Lima caracteriza a figura do professor como um técnico de time de futebol: não joga, deixa as crianças jogarem. E cada momento de interação é sempre de aproximadamente 10 minutos. A cada período desses, completa-se um ciclo. Mesmo na segunda fase do fundamental, quando as aulas têm 50 minutos, dividimos a aula em 5 atividades diferentes, para que as crianças/adolescentes tenham atenção e concentração no que estão fazendo. Por exemplo, o professor de história propõe um tema a ser discutido. Discussão 10 minutos, fazer uma linha do tempo mais 10 minutos, relatar escolhendo um do grupo para apresentar, mais 10 minutos, fazer um cartaz, mais 10 minutos e um resumo final do que foi aprendido. Todas as matérias têm o mesmo comportamento metodológico. (BETA, 2011)

Fundamentalmente, Oliveira Lima denuncia que novos processos didáticos, desenvolvidos a partir de descobertas científicas recentes em relação ao desenvolvimento humano, que foram baseados nos estudos do método psicogenético. Para o autor, esse é o grande problema da educação brasileira: a falta de uma didática que permita a formação adequada de indivíduos que serão capazes de planejar o futuro. Ele ainda afirma: “as disciplinas tradicionais do currículo, por mais bem administradas que sejam, não formam, por si mesmas, professores. A ‘formação’ resulta sempre de treinamento real” (LIMA, 1966, p. 54).

Pode-se dizer que a proposta de formação apresentada nos textos de Oliveira Lima ressalta o seguinte pensamento: que não basta um indivíduo estudar psicologia, sociologia, metodologia de ensino, filosofia da educação, para se tornar um profissional da área. É necessário que ele, na prática da aprendizagem, “viva situações profissionais, interpretadas e analisadas à luz destas disciplinas, para ganhar consciência e proficiência como mestre” (LIMA, 1966, p. 54). Pensamento que, pode ser centrado no desenvolvimento profissional em serviço com a proposta de construir o diálogo que falta entre a teoria, a prática e a formação do professor.

O método psicogenético avançou na concepção da criança como ser ativo, cujo interesse gera o desenvolvimento intelectual. O ponto de partida é entender o desenvolvimento da criança, em aspectos de evolução de cada nível (sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto, operatório formal). Ao avançar cada etapa acontece a “assimilação integrativa”, que é definida como:

A assimilação integrativa é feita, como vimos, por acomodação, em que o equilíbrio psicológico se refaz (momentaneamente), recompondo a estrutura, produzindo a sensação de organização interior. É o que chamamos em linguagem lógica de SÍNTESE: uma perfeita (ou aparente) adequação dos esquemas do indivíduo e o objeto assimilado. A síntese não é senão uma REORGANIZAÇÃO tanto mais complexa quanto mais superior tiver sido o processo assimilativo. (LIMA, 1976, p.430)

Então, para o autor, na linguagem lógica (em vez de, psicológica) a aprendizagem é o processo de assimilação-acomodação, que vai do sincrético (impacto indiscriminado e perceptivo com a realidade), pelo analítico (tateio assimilativo, tentativa de aplicação dos esquemas de assimilação) e termina quando o indivíduo encontra a forma de equilíbrio, sendo o modo sintético.

### 3.3 O teórico

Para entender todo o contexto da dedicação de Oliveira Lima, talvez nos perguntamos o que o levou a trilhar este caminho dedicado ao estudo de Piaget, o desenvolvimento do método psicogenético e a decisão de criar a escola. Em uma carta enviada a Vasconcelos em 1992 veremos algumas respostas:

*Prezado colega:*

*Faz mais de trinta anos que nos chegou às mãos em Fortaleza, um livrinho de um alemão (ex-discípulo de Jean Piaget, em Genebra) chamado Hans Aebli (Didactique Psychologique) obra já traduzida para o português. Na época vivíamos empolgados pelos problemas pedagógicos, tentando novas experiências a partir das ideias englobadas pela indignação da Escola Nova, obra de Lourenço Filho, inovador da instrução pública no Ceará (1922, orientado por Anísio Teixeira considerávamos papas da renovação, nos Estados Unidos J. Dewey e, na Europa, E. Claparède. Inútil citar as inúmeras experiências em curso, na ocasião, mundo afora, a partir da escola “selvagem” de Neil, em Sumerhill, na Inglaterra. Tentávamos a aplicação da “dinâmica de grupo” a partir de Roger Cousinet, pedagogo francês (trabalho por equipe). Com a leitura Hans Aebli, verificamos que, apesar de não ser pedagogo, J. Piaget era o desaguadouro de todos os inovadores, em pedagogia, sobretudo de Dewey e Claparède, com a vantagem de, pela primeira vez poderem ser dadas sólidas bases científicas aos processos pedagógicos (as escolas novas, criadas inicialmente para crianças excepcionais, tinham muito de idealismo romântico: eram consequências da descoberta de um novo ser chamado criança indivíduo, até então considerado um adulto em miniatura. Piaget foi o pioneiro absoluto na descrição dos estágios de desenvolvimento intelectual das crianças. Foi, também, o criador de uma nova ciência denominada epistemologia genética, que descreve como o conhecimento é gerado no organismo, precisamente o problema nevrálgico da didática (como se aprende). Estas ideias criaram em nós um deslumbramento. Aderimos imediatamente, ao grande epistemólogo suíço, tentando*

*transformar suas descobertas e teorias em processos didáticos. Piaget inclusive, justificava a atividade escolar em forma de dinâmicas de grupo (trabalho por equipe) que já adotávamos, afirmando que a interação (conflito, discussão, debate) era o melhor estímulo para “descongelar” o egocentrismo do pensamento infantil, transformando as puras intuições em operações mentais (bastava isso para provocar uma “revolução copernicana”, em educação, eliminando-se o professor-conferencista). Piaget refutou as duas teorias (empirismo e racionalismo), em que se baseava até então, a reflexão pedagógica. Negava a validade tanto do behaviorismo (universalmente difundido pelos norte-americanos e pela reflexologia de Pavlov), quanto do apriorismo kantiano (teoria das faculdades mentais ou psicológica dos dons). Para ele, o conhecimento era construído pelo organismo, em sua atividade de assimilação do meio. A partir destas afirmações de Jean Piaget, criamos o método psicogenético, inspirado nos estudos de desenvolvimento mental (a atividade didática modificando-se, de acordo com o nível do desenvolvimento da inteligência). Um grupo de professores cearenses, que foram apelidados de capita plana (cabeças chatas) aglutinou-se em torno da Inspetoria Seccional, que comandávamos na ocasião (1958). Começamos a divulgar o método que chamávamos de psicogenético, em Fortaleza, nos da CADES (MEC) e nas missões pedagógicas que fazíamos no interior do estado. O Ministério da Educação convidou na equipe para dar cursos em várias cidades do país. Foi uma espécie de “Coluna Prestes”: missão altamente inovadora, mais tremendamente hostilizada. Daí pra cá, escrevemos mais vinte livros sobre o método psicogenético e fizemos dois congressos internacionais a que comparecem os discípulos de Piaget de vários países, sobretudo de Genebra. Piaget autorizou-nos, em 1972, a fundar o Centro Experimental e Educacional Jean Piaget, no Rio de Janeiro, instituição que criou um modelo de escola piagetiana, hoje conhecida mundialmente, onde demos cursos e formamos professores (completou agora vinte anos de funcionamento). Finalmente, as ideias de Piaget, que eram repudiadas pela classe acadêmica, nas universidades (ver nosso artigo Piaget, o mal-amado), começaram a se tornar populares, agora como o nome de construtivismo. Não é fácil transformar a epistemologia genética de Piaget (construtivismo). Apareceu até um prédio escolar inspirado em Piaget, a exemplo do CIEP de Brizola e do CAIC do Collor. Mas não faz mal certa demagogia (o construtivismo até já se tornou bandeira de um partido político). O principal é que Piaget foi aceito começando a ser estudado nas faculdades, trinta anos depois da descoberta do livrinho de Hans Aebli..*

*Carta do Prof. Lauro de Oliveira Lima, intitulada “Finalmente Piaget.”<sup>28</sup>.*

---

28 Carta anexada em VASCONCELOS, M.S. A difusão das idéias de Piaget no Brasil. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.

Como ressalta na carta, o autor teve bases teóricas nos pensamentos de Dewey, Claparède, Lourenço Filho e Anísio Teixeira, que conclamava entre o grupo de estudos piagetianos à reflexão sobre técnicas pedagógicas (a partir desse momento, surge o grupo piagetiano em 1958, que resultou na obra *A Escola Secundária Moderna* em 1962). Oliveira Lima nos apresenta alguns autores que são fontes teóricas de seu pensamento:

Convencemo-nos – dentro da linha tradicional da pedagogia – com Dewey, Claparède, Declory, Montessori, Aguayo, Lourenço Filho, Makarenko, (levianamente postos de lado em favor de Morisson...) que toda aprendizagem é *autoatividade* e que didática é, simplesmente, a arte de *dirigir a aprendizagem* e conseguir esforço voluntário. Todo trabalho de investigação, portanto, deve, a nosso ver, ter por objetivo descobrir as técnicas que melhor suscitem a *atividade do aluno* (donde o título de *participação*<sup>29</sup> dado a este trabalho). (LIMA, 1976, p.9)

Partindo desta linha de raciocínio, o autor buscou reflexões em várias fontes de conhecimento, como por exemplo o pragmatista<sup>30</sup> John Dewey<sup>31</sup>, que propõe um pensamento educacional baseado nos princípios universais de escola moderna e democrática. Para Souza (2010, p.8), a filosofia deweyana é um pensamento que se percebeu na tentativa de conectar o pensamento reflexivo com os acontecimentos da experiência diária, que por sua vez caminha ao lado das propostas do nosso autor.

A pedagogia pragmatista posicionava-se a favor de uma sociedade democrática, em uma nova reconstrução da ordem social. Para Dewey, os alunos apreendiam mais os ensinamentos quando realizavam suas tarefas associadas ao que aprenderam; as atividades manuais exerciam o experimento em que desenvolviam o intelecto, a democracia e a liberdade, conceitos fundamentais para a conservação intelectual das crianças. Podemos associar o seguinte pensamento:

---

29 Para Oliveira Lima (1976, p.8) a palavra participação resulta da ênfase que desejávamos da a atividade autônoma do aluno em oposição à aula expositiva e à direção autocrática da escola.

30 Para entende o termo pragmatista analisamos o termo pragmatismo em uma visão ampla: “No pragmatismo... homem não é essencialmente um ser teórico ou pensante, mas sim um ser prático, um ser de vontade e de ação... A sua verdade consiste na congruência dos pensamentos com os fins práticos do homem, em que aqueles resultem úteis e proveitosos para o comportamento prático deste ( Hessen,1987, pág. 51)

31 John Dewey (1859 -1952) propôs uma epistemologia enquanto disciplina filosófica, que é uma reflexão contemporânea sobre educação e um modelo de Escola Moderna. Entre suas obras, indica-se a leitura de *Reconstruction in Philosophy, Democracy and education*.

Partindo do princípio de que *a educação é esforço orientado para levar o indivíduo imaturo à plenitude de sua autonomia*, baseamos todas as técnicas didáticas no princípio da autoatividade, considerando didática como a arte de levar o indivíduo ao máximo do esforço voluntário para alcançar, progressivamente, a autonomia do ser humano totalmente maduro e integrado em seu meio. (LIMA, 1967, p.9)

Oliveira Lima dá referência a frase de Dewey: “a memória é a grande simuladora de inteligência” (LIMA, 1971, p.13) e a parafraseia da seguinte forma: “a inteligência é a função que só se ativa diante de uma situação-problema. Diante das situações-problema, o autor assevera que quanto menos hábitos intelectuais fixos e mais poder de adaptação à situações novas, mais preparados estarão os jovens para a vida.

Apresenta-se, ainda, a posição à *Édouard Claparède* (1873/1940) neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil, que se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória. Com relação a alguns autores com quem Oliveira Lima dialogou acerca desses temas, Nassif e Campos (2005) citam sobre os estudos de Claparède através de método de análise de conteúdo, em que procedeu-se a uma investigação sobre os conceitos de interesse, afetividade e inteligência em um conjunto de textos de 1905 a 1938.

Neste momento o autor cita outra de sua obra de cabeceira por Claparède, autor de *A Escola Funcional – À escola sob medida*, asseverando que a pedagogia no que ela tem de mais sério e científico. Mas para Oliveira Lima, sua dedicação foi a Piaget e ao método psicogenético que se dedicou a aplicar. Os significados, as relações e funções desses conceitos de o qual encontra o papel da educação funcional, bem como maneira de se atrair o interesse das crianças através de jogos.

Outra relevante teoria onde Oliveira Lima baseia seus estudos é nas concepções de *Ovide Decroly* (1871/1932), pensador do final do século XIX. Era médico e psicólogo na Bélgica e fundador do Centro Experimental *Ecole del'Ermitage*, de reconhecido prestígio internacional. De acordo com Choprix, F. D. & Fortuny, M. (2014, p.1), a descrição da proposta pedagógica decrolyana propõe uma verdadeira educação para a ação. O método global forma a base da metodologia.

Inclui-se um vocabulário básico na pedagogia de *Decroly*, que tem como um de seus primeiros objetivos a formação de cidadãos para a democracia. *Decroly* advertia que o objetivo só pode ser alcançado através do exercício de uma prática escolar democrática: a escola deve educar para a vida, preparando homens e mulheres para se integrarem na sociedade, comprometendo-os a construir uma sociedade melhor.

Também citada por Oliveira Lima, Maria Montessori (1870/1952), italiana, médica e com experiência em neuropsiquiatria, resultou no interesse pela educação das crianças. Aranha (2006, p. 263) cita que Montessori, conciliando o espírito científico e misticismo, católica fervorosa, escreveu extensas obras, fundou a *Casa dei Bambini* que era a Casa das Crianças para atender filhos de operários. Empenhava-se na individualização do ensino e estimulava a atividade livre concentrada, com base no princípio de auto-educação. Aranha (2006) descreve:

Além disso, Montessori dava atenção prioritária à escrita, que, segundo ela, deveria proceder a leitura, já que esta última supõem maior abstração. Já a escrita começa com a preparação da mão e dos sentidos em geral, de modo que o desenvolvimento da psicomotricidade evite qualquer aprendizagem mecânica. (ARANHA, 2006, p. 264)

Outra importante citação de Oliveira Lima é o pedagogo soviético Anton Makarenko (1888-1939) que enxergava a educação como politização exercendo valores como disciplina e sentimento de dever. Seguiu na contramão das ideias escolanovistas devido ao ritmo dos trabalhos e às exigências com a disciplina. Aranha (2006, p.266) comenta sobre a educação de Makarenko: os alunos teriam condições de conhecer as bases científicas das atividades produtivas, pedagogia baseado no unir, pensar e agir e uma figura marcada pelo marxismo.

Outro autor citado foi Lourenço Filho (1897-1970). Cursou a Escola Normal de Pirassununga, transferindo-se para São Paulo, onde concluiu os dois últimos anos da Escola Normal da Praça. De acordo com Lopes (2007, p.182), ao cursar a Faculdade de Direito se dedicava ao magistério, lecionando pedagogia e psicologia na Escola Normal de Piracicaba. Lourenço Filho foi referência na psicologia experimental e criador do Teste ABC<sup>32</sup>. De 1932 a 1935 teve sua atuação no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1959 ABE.

---

32 Lourenço Filho criou os Testes ABC, que ofereciam a possibilidade de organizar essa população desordenada que chegava às escolas todos os anos. Tratava-se de oito testes que mediam a "maturidade" das crianças para o aprendizado da leitura e da escrita e cujos resultados distribuíam-se na forma de uma curva normal, a partir da qual era possível dividir a população em três grupos "homogêneos" de crianças: fortes, médias e fracas. Esses testes eram apresentados, portanto, como a possibilidade de estabelecer uma classificação inicial dos alunos ingressantes na escola primária. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000100016>, acessado em: 21 Jan 2019.

Dentre tantas fontes, Oliveira Lima teve seu marco em Piaget, onde iniciou-se com a leitura de Hans Aebli, que, com a obra *Didactique Psychologique*,<sup>33</sup> caminha para a primeira tentativa de aplicar a didática à psicologia de Piaget:

*Didactique Psychologique* de Hans Aebli a primeira tentativa de aplicar à didática a Psicologia de Piaget. Alertado por este pioneiro, descobrimos toda imensa riqueza da obra de Piaget, que, por coincidência, partira, também de Claparède, o autor que serviu de livro de cabeceira a quantos no Brasil, se dedicarem, nos últimos cinquenta anos à pedagogia no que ela tem de mais sério e científico. Depois de descobrimos Piaget, começamos a discutir os relatórios do Centro Internacional de Epistemologia Genética e experimentamos traduzir (como Piaget solicitou aos educadores do mundo), em termos de didática, as descobertas da Psicogenética. Pretensiosamente, talvez, chamamos às técnicas que aplicávamos de *Método Psicogenético*, e com esse nome começamos a divulgá-lo. (LIMA, 1976, p.9)

Hans Aebli era psicólogo com experiência no ensino primário e secundário, foi assistente de Piaget no Instituto de Ciência da Educação e trabalhou no laboratório de psicologia experimental. Vasconcelos (1996, p.69) cita que, como defensor do trabalho interdisciplinar, Piaget declarava-se apreensivo com a dificuldade dos psicólogos sobre as aplicações pedagógicas, e para os educadores a insuficiente formação em psicologia. Devido à experiência de Hans Aebli como professor e psicólogo, Piaget reconhecia a capacidade dele em desenvolver o trabalho do método psicogenético, pois era professor e conhecia a psicologia.

Asseverando ainda mais a importância de Oliveira Lima, Saviani (2007, p.19) descreve que, de fato, Piaget tinha avalizado as ideias de Hans Aebli no prefácio em 1970, dizendo as seguintes palavras: Ninguém estava mais qualificado que H. Aebli para escrever esta obra e extrair as aplicações pedagógicas das pesquisas que podemos fazer sobre o desenvolvimento das operações intelectuais da criança.

Em 1951, Hans Aebli publicou o livro *Didactique Psychologique: Application à la didactique de la psychologie de Jean Piaget*, editado em Genebra pelo Instituto de Ciências da Educação. Este livro fazia parte da coleção *Actualités Pédagogiques et Psychologiques*, que sela o interesse de Piaget por questões educacionais, como explica neste trecho:

---

33 As primeiras traduções de livros de Hans Aebli lançados no Brasil nos anos de 1970 foram: *Prática de Ensino* (1959) traduzido por Maria Terezinha de Oliveira Huland pela editora Vozes e com apresentação de Lauro de Oliveira Lima *A Evolução Mental da Criança* (1963) traduzido por Cláudio Benemann e publicado pela editora Vozes em 1975. (VASCONCELOS, 1996, p.73).

O próprio Piaget nos sugeriu que escrevêssemos este trabalho; suas observações e conselho foram para nós dos mais úteis durante todo decorrer de sua realização. Além disso, permitiu-nos chamar esse livro de uma aplicação de sua psicologia à didática. (AEBLI, 1971, p.23)

Saviani (2007) usa a referência de *Didactique Psychologique* de Hans Aebli, que foi norte para Oliveira Lima sobre os estudos piagetianos e a visão pedagógico-didática de método psicogenético, afirmando:

Quanto à Piaget, desde a década de 1960, Lauro de Oliveira Lima, estimulado pela leitura de *Didactique Psychologique* de Hans Aebli, [...] a primeira tentativa de aplicar à didática a Psicologia de Piaget (LIMA, 1976, p.9), Lauro se voltou para estudos piagetianos e passou a denominar a sua visão pedagógico-didática de “método psicogenético”, tornando-se um dos principais divulgadores de Piaget nas escolas brasileiras. (SAVIANI, 2007, p.19)

Saviani (2007, p.19) ainda complementa dizendo que o ano de publicação de *Didactique Psychologique* (1971) coincide, no Brasil, com o momento em que começam a ser implantados os programas de pós-graduação, em cujo o contexto a educação se desenvolvia para áreas afins das ciências humanas. Assim, passamos a entender melhor a valorização das ideias de Piaget nas quais elencaram o autor Oliveira Lima no período.

Vasconcelos (1996, p. 68) cita Hans Aebli e o otimismo em aplicar a teoria psicogenética à didática, pois a psicologia de Jean Piaget não se limitava a estudar as reações características do adulto ou de um período isolado da infância, mas analisava a própria formação das noções e operações durante o desenvolvimento da criança. Sendo assim, o conhecimento desses processos é absolutamente necessário ao professor.

Pois, descobrir ou inventar são duas formas básicas de atividade da inteligência. Só a criança pode indicar em que nível de desenvolvimento está, donde a necessidade de treinar o professor para diagnosticar o desenvolvimento mental. Vasconcelos (1996) cita Oliveira Lima e a sua atuação com o método psicogenético no país:

No entanto, em termos de difusão da obra de Hans Aebli e consequentemente das ideias de Piaget no Brasil, nada, até então, seria comparável a determinação com que o professor Lauro de Oliveira Lima encampou as ideias contidas na obra *Didática Psicológica*, para elaboração do *Método Psicogenético*, divulgado por ele em centenas de cidades brasileiras, nos anos sessenta e setenta. Houve quem chegasse a denominá-lo “Hans Aebli brasileiro”. (VASCONCELOS, 1996, p. 73)

Este período que o autor apresenta (1960/1970) foi o aquele em que Oliveira Lima atravessou o país com os trabalhos desenvolvidos como Inspetor Federal do Ensino Secundário, os quais ele apresenta na obra *A Escola Secundária Moderna*, que

promoveu estudos empenhados em renovação pedagógica da escola secundária brasileira, patrocinados pela CADES (Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, criada pelo decreto 34.638, de 17 de Novembro de 1953 por Anísio Teixeira, Jayme Abreu e Lauro de Oliveira Lima, entre outros). Na obra, Oliveira Lima apresenta o ensino secundário e seus problemas da educação brasileira.

É necessário deixar claro que, existe uma diversidade nas concepções apresentadas por Oliveira Lima. Ao longo da pesquisa e organização das ideias revelamos duas concepções distintas: a teoria piagetiana e a concepção tecnicista. A partir desta inquieta surge a necessidade de buscar as obras do autor.

### 3.4 As obras

Autor de 30 obras sobre educação que podem contribuir concretamente com o pensamento pedagógico brasileiro após a década de 1960 (foi a partir daí que iniciaram suas publicações). Suas obras foram relacionadas aos conceitos de educação, treinamento de grupo, teoria de Jean Piaget e pedagogia. São elas:

Quadro 1: Obras

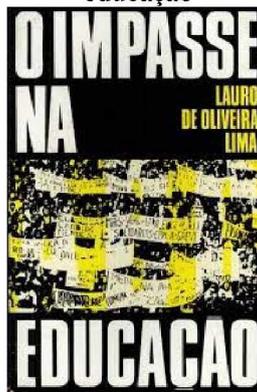
	<b>OBRAS</b>	<b>ANO</b>
<b>1</b>	Formação do Professor Primário	Não encontrado
<b>2</b>	Impasse na Educação	1968
<b>3</b>	Escola Secundária Popular	Não encontrado
<b>4</b>	Educar para a Comunidade	Não encontrado
<b>5</b>	Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho	1974
<b>6</b>	Pedagogia, Reprodução ou Transformação	1982
<b>7</b>	Conflitos no Lar e na Escola	1967
<b>8</b>	A Escola Secundária Moderna (ultrapassou 11 edições)	1962
<b>9</b>	Escola no Futuro (com sua primeira edição esgotada pela editora Vozes, logo publicado sua segunda edição pela editora José Olympio)	1974
<b>10</b>	Treinamento Em Dinâmica de Grupo no Lar na Empresa na Escola (4 edições)	1969
<b>11</b>	Mutações em Educação segundo McLuhan	1971
<b>12</b>	Enfant Sauvage de Illich numa sociedade sem Escola	1975

13	Mutaciones en Educacion según McLuhan	1976
14	Educación por la Inteligencia	1979
15	Tecnologia Educação e Democracia (quatro edições esgotadas)	1965
16	A juventude como motor da História	1980
17	Os mecanismos da Liberdade	1980
18	Piaget para Principiantes	1980
19	Crise no ensino: Brasília	Não encontrado
20	Revista: Educação pela Inteligência	Não encontrado
21	Uma Escola Piagetiana	1981
22	Introdução a Pedagogia	1983
23	Temas Piagetianos	1984
24	A construção homem segundo Piaget	1984
25	Na Ribeira do Rio das Onças	Não encontrado
26	Para que servem as Escolas?	1995
27	Piaget: Sugestão aos Educadores	1999
28	Por Que Piaget? A Educação pela Inteligência	1998
29	Dinâmica de Grupo na empresa, no lar e na escola	2005
30	Conceitos Fundamentais de Piaget(Vocabulário)	1980
31	Treinamento do Professor Primário: Uma nova concepção da escola normal	1966

O autor apresenta a nós uma grande coleção de obras relacionadas a educação que demonstrando dedicação a pesquisa em seu tempo. Durante a pesquisa tivemos contato com uma quantidade significativa de obras e para melhor entendimento deste autor. Vamos mostrar uma síntese das obras que conhecemos, não como análise, e sim para apresentação do conteúdo.

## O Impasse na Educação

Figura 8 - O impasse na educação



Fonte: Lima (1968).

*O Impasse na Educação: Diagnóstico, Crítica, Prospectiva*, publicado em 1968 pela editora Vozes. As palavras Diagnóstico, Crítica e Prospectiva ilustram valiosos exemplos dos questionamentos feitos pelo autor Oliveira Lima. A capa do livro é ilustrada com uma figura que descreve um protesto, com escritas grandes em cartazes onde diversas pessoas apontam ideias a serem reivindicadas. As palavras que conseguimos ler nitidamente são: ensino, povo, educação, solidários com a greve, luta, comum, o que nos referencia um movimento a favor da educação. Na dedicatória desta obra o autor a dedica aos estudantes: Aos estudantes brasileiros, “os poucos que sobrenadam no vasto oceano” (VIRGÍLIO, ENEIDA<sup>34</sup>). O autor trata de questões como: Quantos são os analfabetos?; Fechar as escolas primárias?; Ensino médio: Ponto de Estrangulamento; Universidade: Fábrica de Bacharéis; Prioridades e Eliminações; Geografia Pedagógica; O Brasil no Mundo da Educação; Público e Privado; Os Mentores da Juventude; Uma Política de Educação; Seletividade ou Universidade?; Imunidade do Sistema às críticas; Cultura Popular; Ideologização da Educação; Repensar a Educação.

---

34 Não encontramos referência.

## Educar para a Comunidade

Figura 9 - Educar para a comunidade



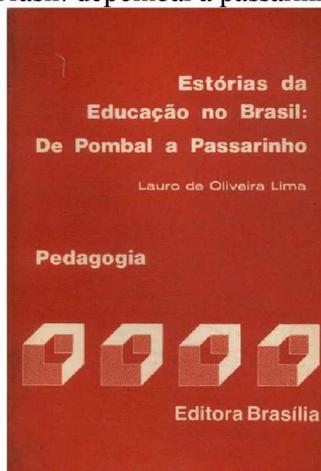
Fonte: Lima (1969).

Não encontramos o ano da primeira publicação da obra, apenas o ano da 4ª edição, que foi em 1969. Esta obra fez parte de uma coletânea de livros chamada “Educar para a vida”. Nesta coletânea de pequenos livros os assuntos abordados foram: 1-Como Educar nossos filhos?; 2- Educar para o cinema; **3- Educar para a comunidade**; 4- Conhecer para educar ; 5- Educação e planejamento; 6- Educar para um Mundo Novo; 7- Orientação e seleção de profissionais; 8- Educação e Ciência; 9- Cultura, Educação e Desenvolvimento; 10- Cultura e Universidade; 11- Psicopedagogia do Escolar.

O autor relata questões como: Educação e natureza humana; Educação e liberdade; Educação e sistema escolar; Educação e bem comum; Educação e treinamento; Educação e pessoa humana; Educação e hábitos; Educação e sociedade; Educação e estado; Educação e valores sociais; Educação e ajustamento; Educação e autorrealização; Educação e grupos; Proposta de solução.

## Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho

Figura 10 - Estórias da educação no Brasil: depombal a passarinho



Fonte: Lima (1974).

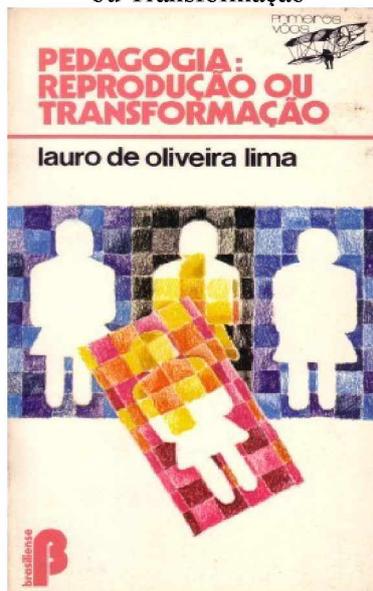
Estórias da educação no Brasil: de pombal a passarinho, publicado em 1974 pela editora Brasília, livro de capa vermelha que faz referência a pedagogia, em sua capa tem quatro cubos ambos faltando um pequeno pedaço. Talvez nos remete ao fato de que para construção desta obra o autor se sustenta na história, pegando partes de cada passagem histórica. Na dedicatória desta obra o autor a dedica aos filhos: A Beta, Didi e Frede – Algumas achegas desalinhas para completar as lacunas da História da Educação que ensinaram a vocês na Faculdade de Educação, oferece – O Velho.

A epígrafe da obra é uma frase de Rui Barbosa que faz uma crítica a ignorância: “... a chave misteriosa das desgraças, que nos afligem, é esta, e só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miséria”... “eis formidável inimigo, o inimigo intestino, que se asila nas entranhas do País. Para vencê-lo, revela instaurarmos o grande serviço da ‘defesa nacional contra a ignorância’” (RUI BARBOSA, X, I, p.121).

Nesta obra o autor trata de questões em duas partes: 1ª parte – “A colônia brasileira vista numa panorâmica histórica”, que trata de questões como educação nacional desde 1808 e questiona: o país dos trabalhadores?, você é aluno de Harvard?, Brasil-eiro: um gentílico merecido?; na 2ª parte – O movimento pendular das formas e reformas o autor faz os seguintes questionamentos: Existe mesmo um sistema educacional no Brasil?, sistema fora do sistema, sistema sem sistema, enquanto as diretrizes não vêm, a profissionalização: Lei nº 5.629 de agosto de 1971.

## Pedagogia, Reprodução ou Transformação

Figura 11 - Pedagogia, Reprodução ou Transformação

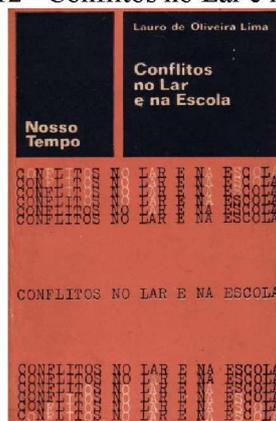


Fonte: Lima (1982).

Pedagogia, Reprodução ou Transformação, publicado em 1982 pela editora Brasiliense. O autor traz em sua introdução que, neste momento, dá-se um vigoroso alargamento deste período para baixo (pré-primário) e para cima (pós-graduação), sem se falar na “educação de adultos” e na “educação permanente”: chegamos, pois, à educação total. Assim, afirma: “chegou a hora de dizermos O QUE É PEDAGOGIA?”. A pedagogia é a prática que tem por objetivo interferir, intencionalmente, e de forma sistemática, no processo generativo do ser humano, com o propósito de criar condições para que se atualizem todas as possibilidades construtivas do código genético na pressuposição de que: a) a construção do indivíduo resulta de interações do genoma (hereditariedade e o meio ‘cósmico’, psicológico e sociocultural) e b) o indivíduo vai atuar dentro de um grupo sociocultural com determinado nível civilizatório, em transição, devendo não só assimilar as regras, valores e símbolos de seu grupo (reprodução da sociedade), como também atuar dentro dele para que prossiga sua evolução (história). Ao longo da obra ele apresenta o método psicogenético.

## Conflitos no Lar e na Escola

Figura 12 - Conflitos no Lar e na Escola

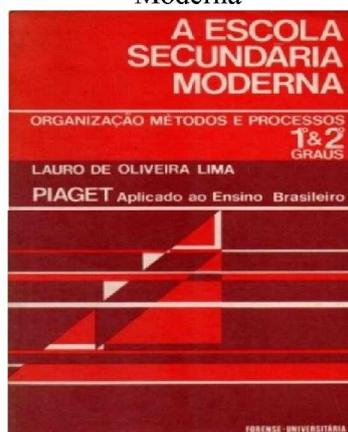


Fonte: Lima (1984).

Obra publicada em 1967, pela editora Vozes. O autor expressa, em sua introdução, que o desejo deste livro seria demonstrar a organização da escola moderna apoiando-se nas teorias de dinâmica de grupo, baseadas no princípio da liderança, os recursos de motivação e estímulo, a autodisciplina e o trabalho de grupo. Dividida em três partes: 1ª parte – O método psicogenético e a maturação psicológica segundo Piaget; 2ª parte – Maturação pelo grupo; 3ª parte – Organização da vida escolar. É interessante perceber como o autor aborda as questões que ele aponta como “conflitos”, esses conflitos são questões que partem desde as dificuldades na estrutura familiar, na estrutura escolar e todas as dificuldades que pais, filhos, professores enfrentam entre as duas instituições.

## A Escola Secundária Moderna

Figura 34 - A Escola Secundária Moderna



Fonte: Lima (1984).

A Escola Secundária Moderna: Organização, Métodos e Processos, publicada em 1962, é descrita como um manual pelo autor, uma junção de estudos resultado das atividades da Inspetoria Seccional de Fortaleza entre as missões pedagógicas de que o autor participava determinado pela CADES. Esta obra é resultado dos estudos do autor nas teorias de Jean Piaget e uma busca por apresentar uma nova teoria didática na época. Descreve, na introdução: “*A descoberta de J. Piaget no Brasil, recentemente, deve ter contribuído para manter atualizada uma obra de didática que tinha por fim pedagogizar sua psicologia e sua epistemologia genética*”. Esta obra vai ser melhor descrita no capítulo IV, no qual buscaremos apresentar várias características da obra.

Vasconcelos (1996, p.76) cita que foi a partir do contato com a obra de Hans Aebli e Jean Piaget que o professor consolidou a linha teórica e pedagógica que adotaria na obra A Escola Secundária Moderna em 1962 e nos anos subsequentes.

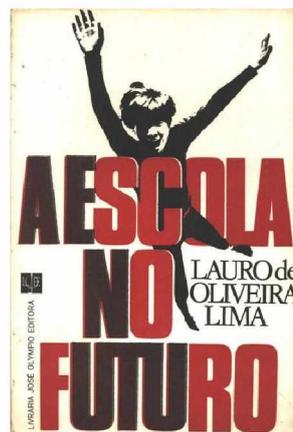
### Escola no Futuro

Figura 14 - Escola no futuro



Fonte: Lima (1984).

Figura 15 - A escola no futuro



Fonte: Lima (1974).

Esta obra, publicada em 1974, teve sua primeira edição esgotada pela editora Vozes. Sua segunda edição foi publicada pela editora José Olympio. A obra tem o título “Escola no Futuro: Orientação para os Professores de Prática de Ensino”. Traz duas capas interessantes, esta primeira remete o abandono das teorias tradicionais onde o aluno fica sentado na cadeira como um passivo receptor.

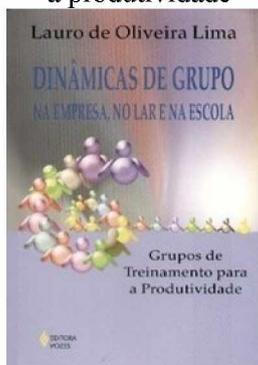
A próxima capa publicada nas edições posteriores, onde remete ao oposto da capa anterior. A criança está livre, livre na escola do futuro. Oliveira Lima (1974, p.267) crê que o conceito de liberdade está na educação para a participação, pois, afirma que quem não confia que os usuários da liberdade se autolimitem, no uso da liberdade,

para permitir a cooperação (conexão das liberdades de vários indivíduos), nega o conceito de liberdade.

Desta maneira, Oliveira Lima, trás nesta obra que através da dinâmica de grupo, os professores podem contribuir para criar o clima de responsabilidade pessoal e de respeito mútuo, permitindo que os jovens se auto organizem.

### **Dinâmica de Grupo na Empresa, no Lar e na Escola**

Figura 16 - Dinâmica de Grupo na Empresa, no Lar e na Escola: grupos de treinamento para a produtividade



Fonte: Lima (1984).

Esta obra foi publicada em 1969, com quatro 4 edições. Oliveira Lima desenvolveu o Treinamento em dinâmica de grupo e passa a viajar por todo o país, ministrando treinamentos para organizações de empresas, escolas e grupos interessados em criar equipes voltadas para a produtividade. Como fazer, por que fazer e o que esperar das dinâmicas de grupo? São algumas das perguntas que este livro busca responder, oferecendo informações importantes para as pessoas que procuram o desenvolvimento humano por meio das dinâmicas. Lauro de Oliveira Lima destaca-se como um dos principais nomes no assunto, isto fez com que o autor se tornasse um dos principais estudiosos das teorias de Jean Piaget e em teorias da educação.

## Mutações em Educação segundo McLuhan

Figura 17 - Mutações em Educação segundo McLuhan



Fonte: Lima (1971).

Esta obra foi publicada em 1971 e temos o registro de 18 edições. Oliveira Lima Lauro fez uma análise das ideias de McLuhan sobre perspectivas educacionais, tendo como objetivo mostrar o efeito que as mutações geradas pela tecnologia têm causado na sociedade e, visando essas mudanças, propor o modelo ideal de educação para lidar com essa nova realidade. Um livro pequeno, com 63 páginas. O autor afirma na introdução que todos os que estão fora do processo (sistema escolar) já identificaram as mudanças estruturais, enquanto as pessoas envolvidas insistem em manter o *status quo*.

Exemplifica dizendo que partiu de um artigo incluído no livreto *Mutation*<sup>35</sup>. Oliveira Lima descreve que “Enquanto *McLuhan* desconhece o homem na elaboração do processo histórico – a história, para ele, é o lento caminhar da tecnologia (confia, apenas, no desdobramento irrefreável das forças de infraestrutura que modificam a sociedade e os homens, independentemente, de qualquer intencionalidade)”<sup>36</sup>.

---

35 McLuhan, Herbert Marshall. *Mutation*, Coleção Medium, Mame, Paris, 1990.

36 Essa definição foi descrita em *O enfant sauvage de Illich numa sociedade sem escolas* (1975, p.35).

## O Enfant Sauvage de Illich numa sociedade sem Escolas

Figura 18 - O Enfant Sauvage de Illich numa sociedade sem Escolas

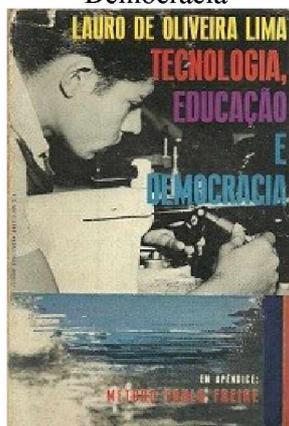


Fonte: Lima (1975).

Obra de 1975, O Enfant Sauvage de Illich numa sociedade sem escolas faz parte da Coleção Cosmovisão. Neste livro de bolso o autor apresenta de forma bem ilustrada a proposta de sociedade sem escolas. Oliveira Lima vai contra o então modismo de Ivan Illich, que apregoava uma sociedade sem escolas, afirmando que “Ivan Illich conhece apenas, o homem-senhor de todas as intenções – a história, para ele, é uma decisão pessoal em que o homem toma nas suas mãos o destino de evolução, caracterizando como um radical anti-dialético” (p.35). Nesta obra, o autor denuncia de maneira crítica a não valorização das ideias nacionais afirmando: “*se não é estrangeiro, não é científico*”(p.19).

## Tecnologia Educação e Democracia

Figura 19 - Tecnologia Educação e Democracia

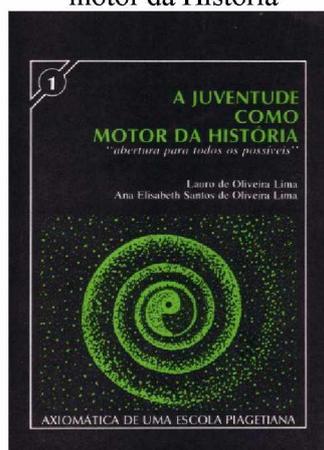


Fonte: Lima (1965).

Esta obra foi publicada em 1965, com quatro edições esgotadas. Oliveira Lima relatou o Método Paulo Freire relata neste livro Tecnologia, Educação e Democracia. De acordo com o jornal Diário de Notícias (RJ) na edição 13211 em 1965, esta obra é um estudo sobre a educação no processo de superação do subdesenvolvimento fazendo apêndice ao sistema Paulo Freire de alfabetização de adultos em Brasília pela Campanha de Mobilização dos Estudantes Secundários para a Erradicação do Analfabetismo. Em seu Anexo 1: Método Paulo Freire - processo de aceleração da alfabetização de adultos, ele faz uma exposição sistemática sobre a aplicação desse Sistema de alfabetização. Esta obra parte dos estudos num contexto de transição nacional, período marcado por movimentos sociais, políticos que foram influenciados pela Guerra Fria.

### A juventude como motor da História

Figura 20 - A juventude como motor da História



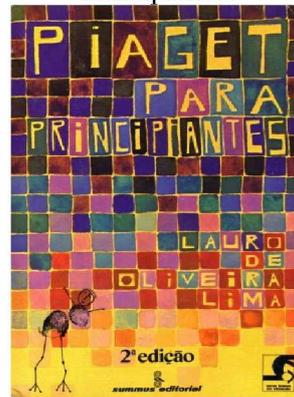
Fonte: Lima (1980).

O comportamento como motor da evolução – Jean Piaget, obra publicada em 1980, apresenta um modelo acabado de homem e de sociedade como meta da educação, mas na direção da maximização e da otimização do comportamento individual (sensório-motor, verbal e mental) e do comportamento coletivo (cooperação ou organização social e política da sociedade). É imprevisível (probabilismo) a forma que tomará o comportamento individual ou coletivo nos graus sucessivos de maximização e de otimização (majorância), pois tudo dependerá dos elementos em jogo. O que se sabe é que a progressão é um processo de autorregulação (equilíbrio), o que permite criar, artificialmente (intencionalidade), situações de desenvolvimento individual e de

evolução coletiva: a intervenção no processo consiste na desequilibração, precisamente o que ocorre no processo espontâneo.

### Piaget para Principiantes

Figura 21 - Piaget para Principiantes

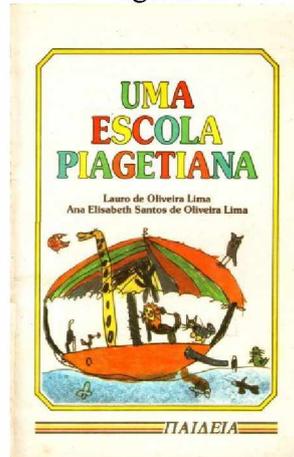


Fonte: Lima (1980).

Piaget para Principiantes, publicada em 1980, é uma obra em que o autor trata de assuntos que se referem à educação piagetiana, epistemologia genética, teoria de Piaget e psicologia infantil. Oliveira Lima argumenta que o seguinte questionamento: Para que mais uma interpretação de Piaget?, dizendo que “quase todas as ‘interpretações’ publicadas sobre a obra de Piaget, no Brasil e no estrangeiro, são meras compilações de do próprio Piaget, espécie de antologias, esta pitoresca maneira de fazer livros sem ter que escrever nada” (1980, p.11). Já nesta época o autor considerava que há mais de vinte anos estudava as teorias de Piaget e aplicava em seus cursos e afirmou que ainda levaria muitos anos para compreendê-lo integralmente, mesmo já tendo escrito neste período diversas obras sobre a epistemologia e a psicologia genética de Piaget, que tem como resultado o método psicogenético. Nesta obra o autor trata de questões como aprendizagem da democracia, os paradigmas da ciência e o desenvolvimento do homem, até se situar na interdisciplinaridade da epistemologia genética.

## Uma Escola Piagetiana

Figura 22 - Uma Escola Piagetiana



Fonte: Lima (1981).

Uma Escola Piagetiana, publicada em 1981, por Oliveira Lima e sua filha Ana Elizabeth Santos de Oliveira Lima, é uma obra para descrever a escola “A Chave do Tamanho”, fundada por Maria Elizabeth e Oliveira Lima. Foi escrita num período após a morte de Maria Elizabeth (1925-1980). Relatam sobre a escola “A Chave do Tamanho” que surgiu com a idealização do Centro Experimental e Educacional Jean Piaget.

Descrevem que a escola começou como uma tarefa puramente familiar: tínhamos um *Know-how* disponível que poderíamos oferecer as famílias que desejassem educar seus filhos de maneira diferente. Questionaram-se: Por que não fundarmos uma escolinha experimental? Pois já se dedicavam aos estudos de Piaget e tinham elementos suficientes para transformar em pedagogia (método psicogenético) as teorias que já estavam nas obras de Oliveira Lima. A oportunidade de aplicar na prática a teoria faz surgir o Centro Experimental e Educacional Jean Piaget. A obra tem aspecto descritivo da escola e funcionamento, com ilustrações de trabalhos feitos por alunos (desenhos, escritas), paralelamente alinhavados entre as atividades aplicadas na escola e a teoria de Jean Piaget.

## Temas Piagetianos

Figura 23 - Temas Piagetianos.

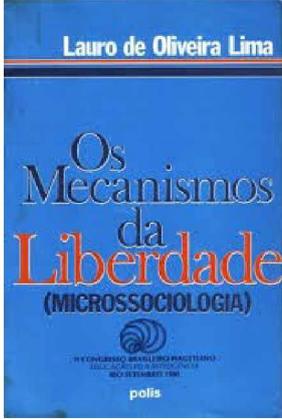


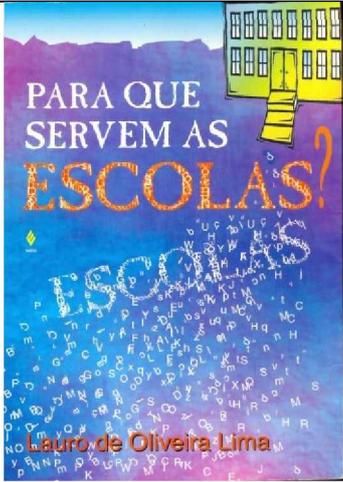
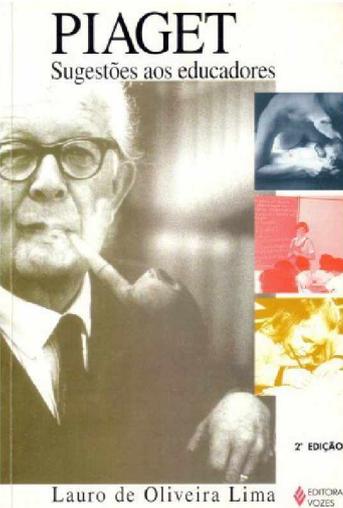
Fonte: Lima (1984).

Esta obra foi publicada em 1984, resultado de reflexões pedagógicas que foram feitas mensalmente para o *Jornal do Professor* do *Jornal do Brasil* durante um período de três anos, resultando em 30 artigos publicados neste livro. Nesse período Oliveira Lima já estava conhecido por sua dedicação exclusiva aos estudos sobre Jean Piaget e apresentava ideias como *o que um educador tem a tarefa objetiva a realizar, no dia a dia: promover o desenvolvimento das crianças que a sociedade lhe entregou para educar* (1984, p.1). Nesta perspectiva define que os educadores esperam da ciência a transformação em atividades pedagógicas, no qual se propunha a buscar no desenvolvimento do método psicogenético.

Entre todas as obras acima apresentadas, durante o período estimado pela pesquisa houve outras a que não tivemos acesso direto e outras que não foram encontradas. Faz-se muito importante salientar todos os índices e vestígios que ainda não tivemos acesso até o presente momento, porém a busca será insistente para continuar a compreensão das obras do autor.

Quadro 2: Obras a que não tivemos acesso

<b>Obras a que não tivemos acesso</b>	
<p><b>Os mecanismos da Liberdade</b> *Esta obra foi publicada em 1980</p>	<p>Figura 24 - Os mecanismos da Liberdade.</p>  <p>Fonte: Lima (1980).</p>
<p><b>Introdução a Pedagogia</b> * Esta obra foi publicada em 1983</p>	<p>Figura 25 - Introdução à Pedagogia.</p>  <p>Fonte: Lima (1983).</p>
<p><b>A construção do homem segundo Piaget</b> * Esta obra foi publicada em</p>	<p>Figura 26 – A construção do homem segundo Piaget</p>  <p>Fonte: Lima (1984).</p>
<p><b>Para que servem as escolas?</b> * Esta obra foi publicada em 1995</p>	<p>Figura 27 – Para que servem as escolas?</p>

	 <p>Fonte: Lima (1995).</p>
<p><b>Piaget: sugestão aos educadores</b> * Esta obra foi publicada em 1999</p>	<p>Figura 28 – Piaget: sugestão aos educadores</p>  <p>Fonte: Lima (1999).</p>
<p><b>Por que Piaget? A educação pela inteligência.</b> *Esta obra foi publicada em 1998</p>	<p>Figura 29 – Por que Piaget? A educação pela inteligência.</p>  <p>Fonte: Lima (1998).</p>
<p><b>Treinamento do professor primário:</b></p>	<p>Figura 30 – Treinamento do professor</p>

<p><b>Uma nova concepção da escola normal</b> * Esta obra foi publicada em 1966.</p>	<p>primário: Uma nova concepção da escola normal</p>  <p>Fonte: Lima (1966).</p>
--	--

Quadro 3: Obras pesquisadas e não encontradas

<p><b>Obras pesquisadas e não encontradas</b></p>	
<p>Formação do Professor Primário *Esta obra é citada em Temas Piagetianos (1984).</p>	<p>Não encontramos nada referente até o presente momento.</p>
<p>Crise no ensino: Brasília *Esta obra é citada em Temas Piagetianos (1984).</p>	<p>Não encontramos nada referente até o presente momento.</p>
<p>Revista: Educação pela Inteligência</p>	<p>Não encontramos nada referente até o presente momento.</p>
<p>Na Ribeira do Rio das Onças</p>	<p>Encontramos apenas uma imagem, nada além, até o presente momento. Figura 31– Na Ribeira do Rio das Onças</p> 
<p>Conceitos Fundamentais de Piaget (Vocabulário) - 1980</p>	<p>Não encontramos nada referente até o presente momento.</p>
<p>Educar para La Comunidad</p>	<p>Encontramos apenas uma imagem, nada além, até o presente momento. Figura 32 – Educar para La Comunidad</p>

	
<p>A Escola Secundária Moderna Popular</p> <p>*Esta obra é citada em Estórias da Educação no Brasil: De Pombal a Passarinho (1974). Entre as pesquisas referentes às obras, Oliveira Lima faz referência a uma obra nomeada como editada pela universidade do Ceará, na qual a primeira edição teria sido esgotada.</p>	<p>Encontramos apenas uma imagem, nada além, até o presente momento.</p> <p>Figura 33 – A Escola Secundária Moderna Popular</p> 

## 4 A ESCOLA SECUNDÁRIA MODERNA: CONTRIBUIÇÕES E CONTRADIÇÕES

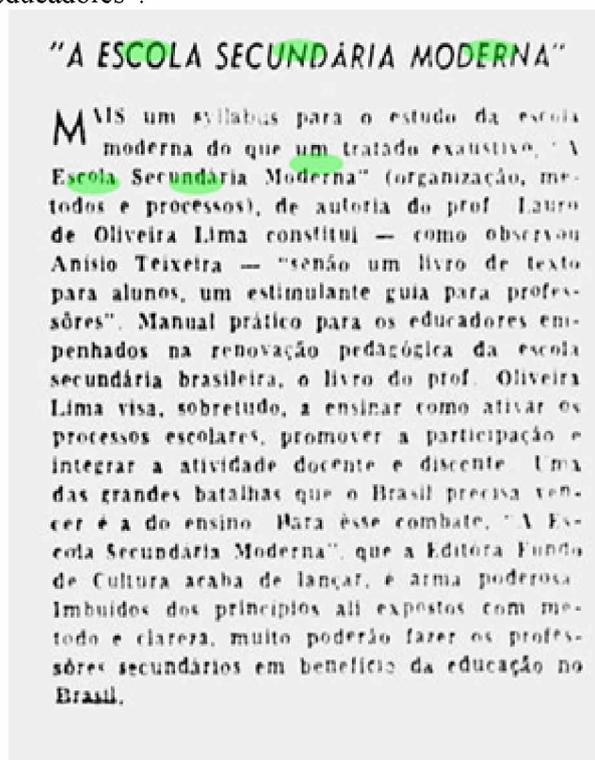
Entre o “ideologismo” da Escola Intelectualista e o “tecnologismo” da Escola Profissional, a escola média moderna optará pela objetividade reflexiva da Ciência. (Lima, 1976, p.21)

### 4.1 Materialidade

Neste momento do trabalho nos propomos a realizar uma análise do livro *A Escola Secundária Moderna: Organização, Métodos e Processos 1º e 2º Graus*, editora Forense Universitária/RJ. Publicada sua primeira edição em 1962, é um importante material para entendermos a visão do autor, que ultrapassou onze edições com o mesmo texto original. Está descrito na folha de rosto como: manual destinado às faculdades de filosofia e às escolas normais fazendo referência ao método psicogenético.

A obra foi distribuída como um “manual prático para educadores<sup>37</sup>”:

Figura 34 - Matéria de jornal “manual prático para educadores”.



Fonte: Diário de Notícias (1963).

"A ESCOLA SECUNDÁRIA MODERNA"

Mais um *syllabus*<sup>38</sup> para o estudo da escola moderna do que um tratado exaustivo. "A Escola Secundária Moderna" (organização, métodos e processos), de autoria do prof. Lauro de Oliveira Lima, constitui — como observou Anísio Teixeira — "senão um livro de texto para alunos, um estimulante guia para professores". Manual prático para os educadores empenhados na renovação pedagógica da escola secundária brasileira, o livro do prof. Oliveira Lima visa, sobretudo, a ensinar como ativar os processos escolares, promover a participação e integrar a atividade docente e discente. Uma das grandes batalhas que o Brasil precisa vencer é a do ensino para esse combate. "A Escola Secundária Moderna", que a editora Fundo de Cultura acaba de lançar é arma poderosa. Imbuídos dos princípios ali expostos com método e clareza, muito poderão fazer os professores secundários em benefícios da educação no Brasil.

37 Entre os anos 1960/1969 encontramos 16 ocorrências de reportagens sobre a obra vista. Entre os anos 1970/1979 encontramos 15 ocorrências de reportagens sobre a obra.

38 *Syllabus* significa programa de estudo.

Foi distribuída entre professores e no do título temos a frase: A problemática filosófica, administrativa e técnica da escola pré-universitária vista pelo método psicogenético (J. Piaget). Esta frase nos traz de início a inquietude vista dos problemas que a escola enfrenta sobre três problemas básicos: filosofia, administração e técnica, ou seja, três problemas que afetam todo o contexto social.

Este livro foi resultado de estudos patrocinados pela CADES. Ela patrocinava jornadas pedagógicas e cursos de aperfeiçoamento para professores, principalmente no interior dos estados brasileiros, promovidos pelas Inspetorias Seccionais empenhadas pela renovação pedagógica da escola secundária brasileira. Nunes (2000, p. 49) relata que este livro foi um grande sucesso de aceitação. No mês seguinte, já era publicada a segunda edição, e no início da década 1970 já era lido pelos alunos dos cursos de Pedagogia.

Neste momento, iniciou-se o grupo de estudo chamado *capita plana* (cabeça chata) que foi uma equipe de professores da CADES entre sessenta pessoas<sup>39</sup> que promoveram estudos que resultou na obra:

Assim, não podemos dizer que estes trabalhos sejam obra individual, mas desta equipe que os debateu e os reformulou, durante os últimos cinco anos e pretende continuar a fazê-lo até que as ideias e os princípios expostos aqui sedimentem em verdadeiro sistema pedagógico. (LIMA, 1976, p.10)

---

39 Professores da CADES: Lauro de Oliveira Lima, José Aloísio Aragão, Luís Alberto Santos Brasil, Raimundo Sobreira Gois de Oliveira, Isolda Castelo Branco, Almir Brasil Pires, Luísa Teodoro Vieira, Aldemir Silvério Reis de Souza, Zaira Maria Parente Vasconcelos, João Filgueiras Lôbo, Hipólito Peixoto de Oliveira, Francisco Assis Fernandes Bastos, Amaurillo Monteiro de Oliveira, Iracema Oliveira Santos, José Eduardo Ribeiro Pamplona, Eduardo Diatay Bezerra de Menezes, João Edson Rôla, Inácio Montenegro, Orlando Leite, Leticia Tarquínio Parente, Luselene Veras, Álvaro Menezes Craveiro, Idelzuite Tavares Carneiro, Roberto Carvalho Rocha, José Lúcio Melo, Pe. Marconi Montezuma, Almir Caiado, Evaristo Linhares Lima, Edgard Linhares Lima, José Marques Cavalcante, Elizabeth Oliveira Lima, Pe. Francisco de Assis Pitombeira, Raimundinha Maciel Medeiros, Francisco Ary Othon Sidou, José Gerardo Miranda Leão, Agerson Tabosa, Irmã Elizabeth Silveira, Zilma Duarte, José Silva Nogueira, Renato Rodrigues Mota, João Hipólito Campos de Oliveira, Irene Barbosa Arruda, Pe. Luísito Rodrigues, Manuelito Peixoto, Leônidas Cavalcante, Dom Francisco Austregésilo Mesquita Filho, Jaime Alberto Silva, Paulo Rouquayrol, Edilson Brasil Soárez, Maria José Fontes, Maria Salumita Bezerra, Maria Neodêmia Reis Martins, Manuel Lima Soares, Heloísa Maria B. Fiúza, Francisco de Assis Garcia, Ari de Sá Cavalcante, Fernando Maia Oliveira, José Rebouças Macambira, Otávio Terceiro de Farias, Walmiki Sampaio Albuquerque, Paulo Ribeiro Pamplona, Leônidas Magalhães. O autor pede desculpas pelas omissões involuntárias que, certamente, existirão nesta lista. (LIMA, 1976, p.11)

Figura 35 - Palestra do professor Lauro de Oliveira Lima



Fonte: Diário de Notícias (1964).

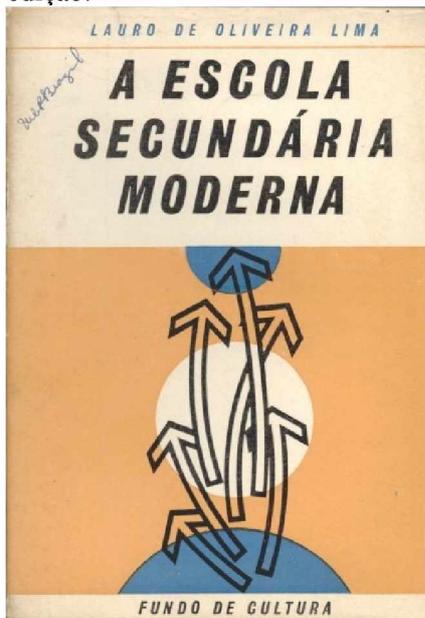
### Jornada dos diretores

Com uma palestra do professor Lauro de Oliveira Lima, diretor do ensino secundário do MEC, teve início ontem, em Brasília no Ministério da Educação e Cultura, a solenidade de instalação da Jornada de Diretores patrocinada pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). O prof. Oliveira Lima fez uma explanação sobre projeto dos Ginásios Modernos, modificarão radicalmente a estrutura do ensino secundário em nosso país, dando oportunidades aos estudantes para que, ao terminar o curso ginasial, estejam preparados para exercer uma atividade profissional, cujos conhecimentos lhes serão ministrados durante o tempo de estudos naquele ciclo. Após as palavras do prof. Oliveira Lima foram abertos os debates, quando diretores de diversos estabelecimentos de ensino de Brasília, oficiais e particulares, tiveram ensejo de apresentar sugestões para o plano de apresentado. A Jornada dos Diretores terá prosseguimento hoje com uma palestra do prof. Agostinho S. Silva sobre determinações da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Esta é uma ocorrência do Diário de Notícias de 1964 que, entre várias outras, confirma o que Saviani (2007, p.308) afirmava sobre a dedicação de Oliveira Lima em jornadas de estudos pela CADES, preparando material para jornadas, encontros, cursos, seminários e missões pedagógicas com diretores e professores. Oliveira Lima produziu textos que distribuiu nos cursos para uma grande parcela do professorado brasileiro.

Ao pegar o livro em mãos as primeiras palavras na aba são: “Todo o processo de re-visão da escola secundária moderna brasileira feito por Lauro de Oliveira Lima parte de sua própria indagação: Por que não adotar em educação uma **atitude científica**, vale dizer **experimental**?”. Desta forma, destacando as palavras atitude científica e experimental, começamos a trilhar no caminho que o referido autor nos apresenta. Encontramos outras duas imagens das capas das primeiras edições do livro:

Figura 36 - A Escola Secundária Moderna 1ª edição.



Fonte: Lima (1962).

Figura 37 - A Escola Secundária Moderna 2ª edição.



Fonte: Lima (1962).

É interessante perceber como visualmente as primeiras capas tinham uma ilustração mais básica que representava um livro didático e não chamavam a atenção para nenhuma forma geométrica, não representando nenhum símbolo de modernidade. Na primeira capa, da esquerda para direita, as setas remetem a atenção para o título que remetia o pensamento para que o conteúdo levasse para a modernização da escola secundária. Na segunda capa, da direita, a cor azul usada é associada à cor azul que representa conhecimento e alguns livros na capa demonstrava que este material continha conteúdo didático.

Como podemos perceber também, as primeiras edições foram feitas pela editora Fundo de Cultura (editora que faz publicações até os dias atuais) e as últimas foram pela editora Forense-Universitária. Outra questão relevante é que as duas capas anteriores não faziam menção a Piaget, talvez porque ao longo das publicações das análises sobre Piaget nas teorias apresentadas foi surgindo à necessidade de destacar o nome do estudioso na capa devido a propagação de suas ideias neste período, conforme Oliveira Lima (1976):

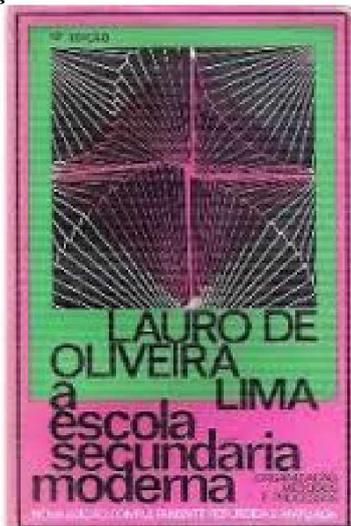
Ora, não se pode negar a profunda influência deste autor em todo mundo ocidental e até, de certa forma, na própria área dos países socialistas. A descoberta de J. Piaget no Brasil, recentemente, deve ter contribuído para manter atualizada uma obra de didática que tinha por fim *pedagogizar* sua psicologia e sua epistemologia. (LIMA, 1976, p.9)

Logo após o prefácio, quatro páginas escritas com título “Explicação Prévia” respondendo à seguinte interrogação: “Por que participação?” por Lauro de Oliveira Lima em 1962, Fortaleza/CE. Diante desta afirmação, caminhamos com clareza da dedicação de Oliveira Lima às pesquisas educacionais e a sua forte influência política em todo país, pois este manual levou diretamente seu próprio nome após um longo processo de seminários, debates e estudos e uma relação numerosa de pessoas que colaboraram na elaboração e discussão deste “instrumento de trabalho” assim descrito e que divulgaram estas ideias em cursos, seminários e encontros da CADES dentro e fora do estado do Ceará:

É possível, portanto, que se ressintam de falta de unidade, por um lado, e da insistência com que se repetem certas ideias básicas, por outro. Foram trabalhos, elaborados para debate, não podendo eximir-se de certo tom polêmico que se notará ao longo das proposições apresentadas para discussão dos grupos de estudo. Não é o destino que almejamos: nascidos e elaborados sob pressão de uma campanha de renovação de mentalidade, que continuem a suscitar mal-estar em uns e euforia em outros; jamais a neutralidade do assentimento “prudente” que mata e sepulta as ideias nascidas para dinamizar grupos sociais e criar um novo *status*. (LIMA, 1962, p.7)

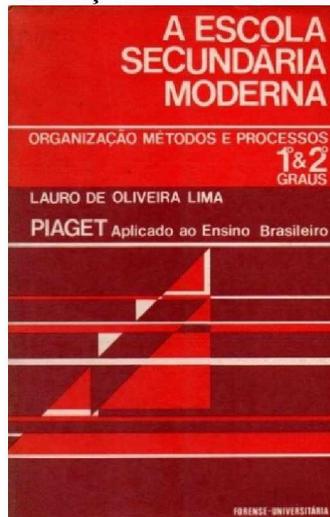
Este foi um trabalho resultante dos estudos feitos por todo o país, no qual os professores solicitavam material de estudo. O autor comenta a dificuldade de colocar um título que não parecesse pretensioso. Foram cogitados Tratado de didática, Técnicas de participação e, por fim, assevera que título escolhido não diz tudo que o livro contém e assim é colocado como guia prático para os educadores “empenhados na renovação pedagógica da escola secundária brasileira”, afirma Oliveira Lima (1962, p.8). Estas foram as duas últimas capas utilizadas nas últimas publicações:

Figura 38 - A Escola Secundária Moderna 10ª edição.



Fonte: Lima (1970).

Figura 39 - A Escola Secundária Moderna 11ª edição.



Fonte: Lima (1976).

Da esquerda para direita, a capa em tons de cor roxo e verde foi da décima edição utilizada. Na capa de tons vermelhos, a décima primeira traz o nome de Piaget já na capa, no qual o título é acrescentado: A Escola Secundária Moderna: Organização Métodos e Processos 1º e 2º Graus – PIAGET Aplicado ao Ensino Brasileiro. Ao longo de 11 edições o texto não foi reformulado, apenas anexados sumários ao fim de cada capítulo.

No início contempla um prefácio escrito por Anísio Teixeira em Agosto de 1962 na cidade do Rio de Janeiro. Anísio Teixeira escreve este livro como um estimulante guia para professores e finda sua escrita com a seguinte afirmação:

Possam ter esses professores, que irão usar, a cultura de Lauro de Oliveira Lima e a sua viva e procuradora inteligência, capaz de tornar os aforismos e notas do seu programa nos belos cursos que dá pelo Brasil afora. A sua obra é a de um pioneiro, que o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais tem toda a satisfação em honrar, colocando o livro na sua coleção de Guias para os professores. (PREFÁCIO)

Saviani (2007, p.308) cita em *História das Ideias Pedagógicas*, no capítulo X, sobre o prefácio escrito por Anísio Teixeira:

Foi também Anísio Teixeira quem prefaciou o livro de Lauro de Oliveira Lima, *A Escola Secundária Moderna*, publicado em 1962. Conforme esclarece o autor na “explicação prévia”, o livro surgiu da determinação da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino (CADES) às Inspetorias Seccionais. [...] Na condição de inspetor seccional do Ceará, Lauro de Oliveira Lima desenvolveu, na segunda metade de 1950, trabalhos junto a uma numerosa equipe da CADES preparando material para jornadas, encontros, cursos, seminários, missões pedagógicas com diretores e professores. Os textos que produziu para distribuição nos cursos e seminários não apenas em Fortaleza e no interior do Ceará, mas também em Manaus, Belém,

Parnaíba, em Recife, e no interior de Pernambuco, em Juiz de Fora e Londrina, Vitória e em Brasília, deram origem ao livro. (SAVIANI, 2007, p.308)

Saviani (2007, p.310) ressalva esta linguagem esquemática e prescritiva adotada, em que pese o caráter provocativo e a constante confrontação crítica com o ensino tradicional, não parece muito consentânea com o espírito do pensamento renovador, afirma o autor. Anísio Teixeira afirmou no prefácio da obra *é mais um programa de estudos do que a exposição completa da teoria e prática da escola moderna* (1976, p.5). Diante de seguinte afirmação, as características de uma linguagem esquemática e prescritiva não escaparam da astúcia de autor. Que afirmou também:

O método afirmativo e axiomático não deve ser entendido com dogmatismo, mas como formulação provocativa para estudo e debate. E a brevidade e o sumarismo de certos julgamentos não constituem pobreza mas indicações, notações, para a marcha do pensamento a ser desenvolvido e elaborado nas discussões das classes e do seminário. (LIMA, 1976, p.5)<sup>40</sup>

Diante desta afirmação, Saviani (2007, p.310) analisa que A Escola Secundária Moderna, a julgar pelas sucessivas reedições, teve ampla divulgação na década de 1960, ganhando uma sobrevida na década de 1970, quando operou como contraponto à visão behaviorista na orientação da prática docente sob a égide da pedagogia tecnicista. Para o autor, Anísio Teixeira justificou a obra como:

Mais, assim, um *syllabus* para o estudo da escola moderna do que um tratado exaustivo, devia e deve ser publicado, pois constitui se não um livro de textos para alunos, um estimulante guia para os professores. (Lima, 1976, p.5)<sup>41</sup>

Este manual apresenta ao leitor 670 páginas, distribuídas em 35 capítulos e 1.800 enunciados, contendo apenas dois apêndices ao final do livro. Os capítulos possuem os seguintes títulos:

- Capítulo 1: Diversificação Progressiva do Currículo Através do Tempo;
- Capítulo 2: Como Construir o Currículo de Uma Escola Não-Especializada;
- Capítulo 3: Como Fazer o Planejamento Global da Escola;
- Capítulo 4: Como Fazer Pesquisa Pedagógica;
- Capítulo 5: Análise da Função do Diretor;
- Capítulo 6: A Escola e a Comunidade;
- Capítulo 7: Como Fazer Funcionar o Círculo de Pais e Mestres;
- Capítulo 8: Como Planejar o Serviço de Orientação Educacional;

---

40 São palavras de Anísio Teixeira no prefácio da obra A Escola Secundária Moderna.

41 São palavras de Anísio Teixeira no prefácio da obra A Escola Secundária Moderna.

- Capítulo 9: Como Realizar na Escola Secundária o “Self-Government”;
- Capítulo 10: Como Planejar o Curso;
- Capítulo 11: Escolha e Uso do Livro Didático;
- Capítulo 12: Ativação dos Processos Didáticos na Escola Secundária;
- Capítulo 13: Como Agir em Classe;
- Capítulo 14: Máquinas de Aprender;
- Capítulo 15: Problemas de Disciplina;
- Capítulo 16: Como Motivar os Alunos;
- Capítulo 17: Auto-Orientação da Aprendizagem;
- Capítulo 18: A Escola como Processo de Socialização;
- Capítulo 19: Como Fazer Funcionar Dinâmica de Grupo;
- Capítulo 20: Técnicas de Direção de Grupos;
- Capítulo 21: Como Avaliar o Comportamento;
- Capítulo 22: Aplicação da Epistemologia Genética a Uma Didática Psicológica;
- Capítulo 23: Vantagens do Método Psicogenético sobre o Método Expositivo e Heurístico;
- Capítulo 24: Como Usar os Modernos Instrumentos de Informação;
- Capítulo 25: Passos Formais de um Período Letivo;
- Capítulo 26: Ficha de Apreciação de Aula de Acordo com estes Passos Formais;
- Capítulo 27: Como Fazer a “Apresentação da Matéria”;
- Capítulo 28: O Papel do Organismo na Aprendizagem;
- Capítulo 29: Os Processos Diretores da Aprendizagem;
- Capítulo 30: Graduação, Sequência e Sieriação da Aprendizagem;
- Capítulo 31: Aprendizagem com um Processo Analítico-Sintético;
- Capítulo 32: Como Aprender Teorias;
- Capítulo 33: Como “Fixar” a Aprendizagem;
- Capítulo 34: Como Julgar e Dar Nota;
- Capítulo 35: Como Orientar as Provas e Exames; (LIMA, 1962, 669)

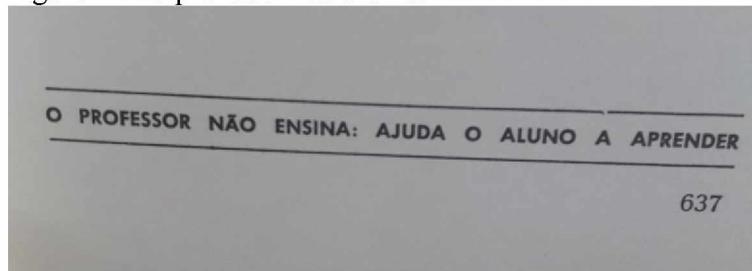
Para Saviani (2007, p.309) estes 35 capítulos são subdivididos em cinco partes: como estruturar a escola secundária; como ativar os processos escolares, promover a participação e integrar a atividade docente e discente; como organizar a comunidade escolar para o trabalho educativo; como orientar a aprendizagem; como utilizar os instrumentos de verificação do rendimento escolar.

É relevante para esta análise notar nos títulos o que o autor pretendia com a obra. As frases recorrentes são: como construir, como fazer, como planejar, como realizar, como motivar, como fixar, técnicas, apresenta fichas e formulários, fazendo com que o livro se aproxime de um livro de receitas a serem feitas e cumpridas para o professor obter êxito no trabalho pedagógico.

O livro contém uma quantidade significativa de imagens como quadros, figuras, gráficos, fotos e esquemas. Esta obra tem uma característica utilitarista com a tentativa de superação de uma educação centrada no sujeito para propor uma educação centrada no método, no como fazer e no sistema.

Sobre a organização da obra é interessante notar como o autor termina todos os capítulos usando sempre a mesma frase:

Figura 40 - O professor não ensina.



Fonte: A Escola Secundária Moderna (1976).

Diante do lema “o professor não ensina; ajuda o aluno aprender”, o autor propõe o estudo dirigido como ferramenta de avanço didático, pois, para ele, o professor não ensina o conhecimento, ensina a melhor conduta para que o aluno adquira o conhecimento, na qual afirma sobre a didática:

A didática é uma sistematização dos processos naturais de assimilação-acomodação usados pelo organismo e visa, sobre tudo, a criar “situações” que provoquem a “necessidade” de aprender, isto é, de restabelecer o equilíbrio desfeito pela situação. Em outras palavras, didática é um processo sistemático de pôr o organismo em atividade para adaptar-se a situações que exigem “estratégias de comportamento” cada vez mais complexas, até chegar aos sistemas de operações mentais, uma espécie de ápice de todas as equilibrações possíveis. (LIMA, 1976, p.231)

Esta concepção do autor foi amplamente difundida entre os professores durante a década de 1960, que é o período onde Oliveira Lima e a equipe piagetiana mais produziram estudos sobre técnicas pedagógicas. Na visão de Vasconcelos (1996, p.76) relatou que estes educadores refletiam sobre a atividade do aluno, conforme preconceitos liberais do escolanovismo e ressalva as relações entre ciência e pedagogia propostas por Oliveira Lima. Neste momento ele afirmava de forma enfática que “pedagogia sem ciência é macumba”.

Nesta perspectiva, o autor vem apontando diversos problemas na estrutura escolar e na formação de professores:

O mais grave problema do sistema escolar atual é, sem dúvida a falta de comunicação, mesmo porque os alunos veem no professor tradicional uma caricatura dos modernos instrumentos de comunicação de massa. O professor emissor (informante) é um triste arcaísmo dentro de um contexto de informação saturada. (1971, p.6)

Para ele o professor é um animador e aluno um pesquisador. A ideia de ensino para Oliveira Lima (1971, p.27) será substituída por uma autoaprendizagem, cabendo ao professor (animador) criar situações em que o aluno (pesquisador) se disponha a utilizar

a informação de que está prenhe o ambiente. Ora, utilizar a informação do ambiente, sendo pesquisar. Neste momento Oliveira Lima se expressava usando Piaget para exemplificar:

Piaget mostra que o futuro não é uma decisão semiótica, nem uma fatalidade tecnológica: é uma construção sequencial, de acordo com as possibilidades e os possíveis, por complexificação crescente, em que um a priori funcional determina a linha evolutiva das decisões, cuja equação contém a produção e a criação numa linha de normatização (operacionalidade progressiva: a priori funcional). Tendo estudado os mecanismos evolutivos do homem como espécie e da criança. (LIMA, 1971, p.27)

Na obra *Mutações em Educação*, Segundo McLuhan (1975), o autor se dirige a obra *A Escola Secundária Moderna* (1962) usando a frase “o professor não ensina, ajuda o aluno aprender” e delonga:

Hoje está suficientemente comprovado que o desafio é o processo didático para o desenvolvimento intelectual (QI). Ensinar é apenas desafiar, adequada e gradualmente. A memorização é o correspondente verbal do condicionamento da motricidade: ver Skinner (EUA) e Pavlov (URSS). Ora, condicionamento é processo arcaico (animal e infantil) de estruturação da experiência (anterior mesmo a qualquer estrutura de caráter simbólico). Como tal – aplicado em adultos normais - é uma tentativa de involução, por apelar para estruturas rígidas, sem reversibilidade, próprias de motricidade (ver a diferença piagetiana entre **ação** e **operação**). A “diminuição” observada do QI é apenas o desuso das funções hipotético-dedutivas e intuitivas abstrata, por culpa dos processos escolares. (LIMA, 1971, p.13)

Oliveira Lima faz uma crítica às ideias de Skinner e Pavlov afirmando que as ideias de técnicas de condicionamento tipo Pavlov (URSS) e Skinner (EUA) são de uma pobreza de educativa, que levam à especialização e à parcialização do comportamento, desconhecendo o poder integrador do cérebro humano.

Em 1972, Skinner publica o livro *Tecnologia de Ensino*, que o mesmo faz menção no capítulo XI que chama de “O Comportamento do Sistema” dizendo:

Embora uma tecnologia do ensino se ocupe principalmente com o comportamento do aluno, existem outras figuras no mundo da educação às quais se aplica uma análise experimental. Precisamos ter melhor compreensão não só dos que aprendem como também: 1) dos que ensinam; 2) dos que se empenham na pesquisa educacional; 3) dos que administram escolas e faculdades; 4) dos que estabelecem a política educacional e 5) dos que mantêm a educação. Todas estas pessoas estão sujeitas a educação como instituição. (SKINNER, 1972, p.370)

Esse pensamento se alimenta em uma reorganização da educação de modo que a instrução se efetue em conexão com a inteligente realização de atividades com um

escopo de um trabalho lento que em uma pedagogia pragmatista, que consiste em designar as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades políticas da educação.

As buscas de Oliveira Lima nas teorias de Jean Piaget são de questões sobre como motivar os alunos a aprender, sendo a motivação um estado psicológico que corresponde ao sentimento de uma necessidade, sendo necessário criar valores que norteiam a atividade. Vasconcelos (1996) cita:

A base de todo o processo é o jogo (atividade típica das crianças) de modo que o trabalho escolar se confunde com uma festa permanente para as crianças. O jogo é, precisamente, a composição de novas estratégias, é a melhor maneira de alcançar o objetivo. Ora, o desenvolvimento da inteligência consiste, estritamente, no movimento permanente de estratégias de ação (motora, verbal e mental). (VASCONCELOS, 1996, p.132)

Já os adolescentes têm maior interesse pela dinâmica de grupo, pois, o desejo da aprovação domina como força motivadora do crescimento psicológico. Prêmios e castigos são elementos de motivação, conquanto usados de maneira adequada. Oliveira Lima (1976, p.183) afirma que a dinâmica de grupo não deve ser utilizado como coação, seu papel é ter força impositiva maior que ameaças, deve usar o poder de persuasão.

O autor é um defensor da ideia de que o professor é um mediador. Propor diversas formas de organização de sala de aula e dinâmicas de grupo. Pois, para ele, o trabalho do professor é levar o grupo de maneira natural e espontânea. Cada integrante do grupo, que o mesmo chama de *psicogrupo*, tem o objetivo de relacionamento entre si e a condição do grupo todo, de maneira que ofereça autonomia e produtividade para o grupo todo, o *sociogrupo*, que tem como objetivo a tarefa a ser realizada. Esta é a essência da dinâmica de grupo proposta pelo autor.

Uma das técnicas propostas pelo autor é o trabalho com a dinâmica de grupo. No capítulo 20, explica-se de forma detalhada e essa dinâmica consiste em:

1

Prepara-se um instrumento de trabalho, como por exemplo:

- A) Uma situação-problema.
- B) A orientação da pesquisa (e estudo).
- C) Uma fase de trabalho INDIVIDUAL (preparação).
- D) Uma série de “aulinhas” individuais, etc.

2

Divide-se a classe em dois (2) GRUPOS:

GRUPO DE VERBALIZAÇÃO (centro da classe): (GV) é o grupo que vai discutir ou trabalhar num projeto.

- A) Este grupo discute o tema;

B) Tira conclusões que o professor ou um companheiro colocará no Q.N.

GRUPO DE OBSERVAÇÃO (ao longo das paredes da sala): (GO) é o grupo que vai julgar o trabalho realizada e a participação:

- A) Este grupo observará o comportamento do grupo de verbalização, através de fichas apropriadas.
- B) Prepara-se, mentalmente, para substituir o grupo que debate.
- C) Emite juízos sobre o grupo que trabalha.

3

Troca-se a posição dos grupos (na mesma ou em outra aula):

- A) O grupo de verbalização (GV) passa a grupo de observação (Preciso iniciar nova tarefa ou prosseguir na tarefa de GV anterior);
- B) O grupo de observação (GO) passa a grupo de verbalização (aproveitando para comparar o novo grupo anterior).

4

Resultado: o professor critica resultados obtidos pelos dois grupos, fazendo as correções e acrescentando o que julgar necessário. É a ocasião em que o professor fará sua exposição (*a posteriori* – quando a classe estiver altamente motivada pela discussão). O professor não deve imiscuir-se na atividade senão no final do trabalho para recolocar os problemas surgidos.

5

Papel do professor:

1ª fase: Propor a situação-problema e as fontes.

2ª fase: Orientar o trabalho de preparação (estudo individual).

3ª fase: Constituir os grupos: GV e GO.

4ª fase: Obrigar<sup>42</sup> todos do GV a se pronunciarem e evitar que os membros do GO participarem da discussão.

5ª fase: Fazer a crítica. Final da discussão. (LIMA, 1976, p.385)

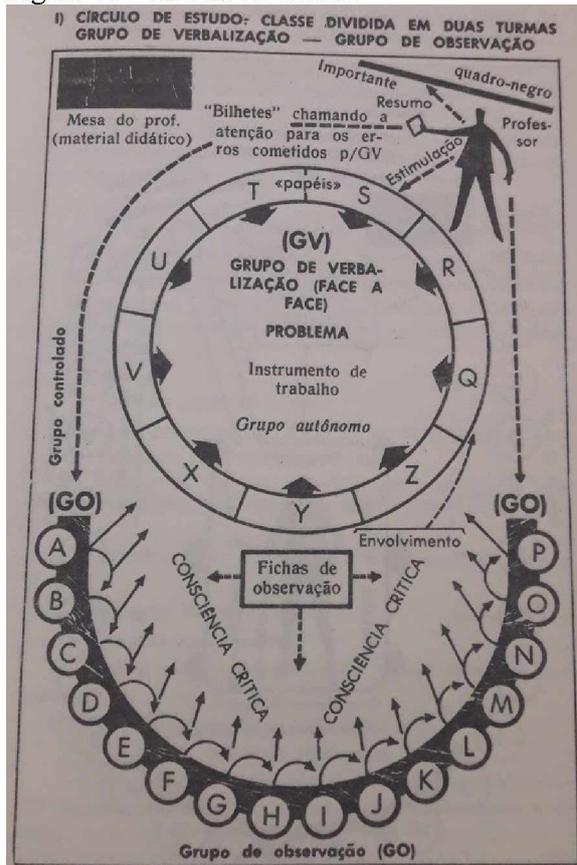
Substituição da aula expositiva por dinâmicas de grupo, transformação das aulas em atividades lúdicas, aulas somente em grupo com professores de diversas áreas trabalhando as notícias do momento, inserção das tecnologias no ambiente escolar, escola de portas abertas para a comunidade, professor como instigador do autodidatismo, foram propostas defendidas pelo autor no auge da escola tecnicista em obras com caráter técnico.

Nesta linha de raciocínio, na obra ele ilustra de forma prática as diversas maneiras pensadas para o trabalho em grupo:

---

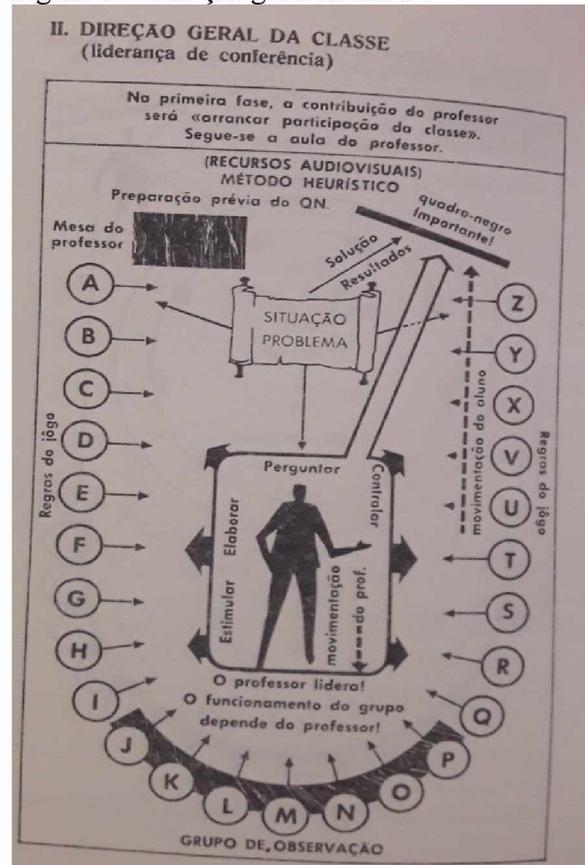
42 O autor usa esse termo, porém devemos levar em consideração que este texto foi escrito em 1960.

Figura 41 - Círculo de estudo.



Fonte: Lima (1976).

Figura 42 - Direção geral da classe.



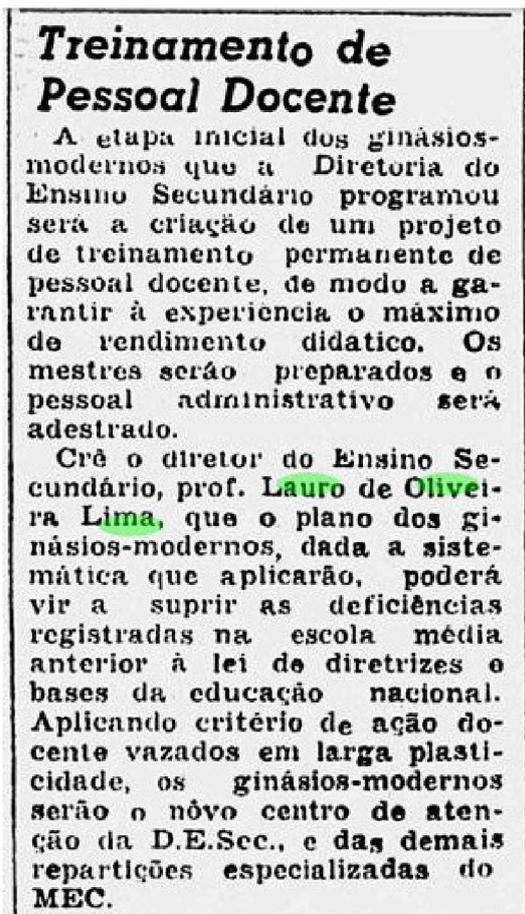
Fonte: Lima (1976).

Desta forma, o autor propõe métodos de forma didática para orientar os professores, passo a passo, sobre como se organizar, como por exemplo, frente à sala de aula. No método psicogenético a dinâmica de grupo como Oliveira Lima define é uma ordenação afetiva que diante de uma situação-problema. O professor é responsável pela ordenação intelectual do método, sendo o mediador das situações.

Este processo de dinâmica de grupo associa-se com a ideia de criar um ambiente prático que faz relação com a ideia de Perrenoud (2002, p. 18), que afirma que é importante a formação inicial, criar ambientes de análise da prática, ambientes de partilha das contribuições e de reflexão sobre a forma como se pensa, decide, comunica e reage em uma sala de aula. Desta maneira, pensar em dinâmica de grupo se faz um importante meio de reflexão.

Com bases na visão de formação de professores o autor começa a se dedicar à formação dos professores e aplicar seu pensamento pedagógico moderno em jornadas de formação docente:

Figura 43 - Treinamento de pessoal docente.

**Treinamento de pessoal docente**

Fonte: Correio da Manhã (1963).

Nesta ocorrência, se afirma sobre o projeto de “treinamento permanente de pessoal docente, de modo a garantir à experiência o máximo de rendimento didático”. Para exemplificar, a afirmação que nos leva a seguinte definição do autor:

Os educadores, muita vez, esquecem que o *treinamento para o uso da liberdade* é uma das principais metas da educação democrática e um princípio de filosofia cristã. É falso e irracional supor que o treinamento para submissão (obediência) cria nos jovens capacidade de liderança. (LIMA, 1976, 179)

Para Oliveira Lima, o processo educativo é um fenômeno de vida que se constitui como variável e dinâmico, não podendo ser contido em preconceitos estabelecidos, sendo toda uniformização de conduta imposta de fora é uma violação da personalidade. Esta é a visão que o autor apresenta na proposta de escola secundária moderna, que afirma ao longo de toda a obra.

A etapa inicial dos ginásios modernos que a Diretoria do Ensino Secundário programou será a criação de um projeto de treinamento permanente de pessoal docente, de modo a garantir à experiência o máximo de rendimento didático. Os mestres serão preparados e o pessoal administrativo será adestrado.

Crê o diretor do Ensino Secundário, prof. Lauro de Oliveira Lima, que o plano dos ginásios modernos, dada a sistemática que aplicarão, poderá vir a suprir as deficiências registradas na escola média anterior à lei de diretrizes e bases da educação nacional. Aplicando critério de ação docentes vazados em larga plasticidade, os ginásios-modernos serão o novo centro de atenção da D.E.Sec.\*\*, e das demais repartições especializadas do MEC.

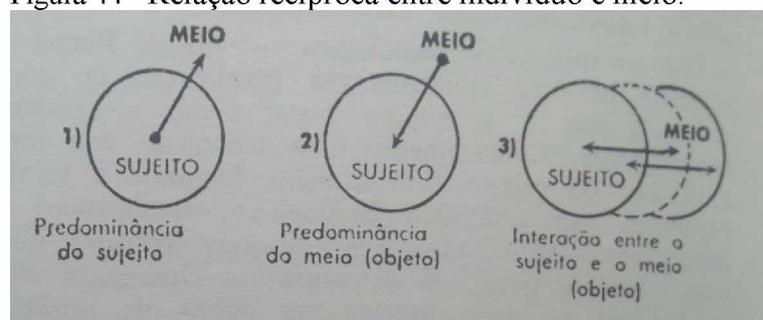
\*\*Não encontramos o significado da sigla.

## 4.2 Trechos Importantes

Neste momento vamos apresentar alguns trechos que ressaltamos importantes na obra, que dão características específicas do pensamento do autor e atributos do pensamento pedagógico que estamos dispostos a entender, de maneira a compreender, como por exemplo, a visão que o autor pensava as relações entre sujeito e meio. Para o autor pensar na didática, associa-se as teorias do conhecimento, para Oliveira Lima (1976, p.352) seria as teorias psicológicas: teorias do comportamento.

Na obra, A Escola Secundária Moderna, o autor ilustra 3 posições básicas da teoria do comportamento:

Figura 44 - Relação recíproca entre indivíduo e meio.



Fonte: Lima (1976).

Esta é uma situação de relação recíproca entre indivíduo e meio.

Na figura 1, descrita por Oliveira Lima como inatismo, existe a predominância do sujeito sobre o meio (o sujeito que define o meio), ou seja, o meio é resultado da consciência do ser humano.

Na figura 2 o autor descreve como posição psicológica de aprendizagem, o sujeito é aquilo que o meio o determina, ou seja, há o predomínio do meio sobre o sujeito.

Na figura 3, para o autor, há o interacionismo, última compreensão de que entre o sujeito e o meio há uma interação, não havendo predominância do sujeito sobre o meio e nem do meio sobre o sujeito. A compreensão desta relação entre o homem e o mundo faz com a compreensão da necessidade que a didática teve de acompanhar este processo.

É importante entender essas relações sociais para compreender afirmações como a de que a iniciação do jovem no contexto das sociedades varia de povo, podendo ser, para o autor, uma transição suave ou violenta, podendo gerar conflitos ou não. Sobre esse raciocínio o autor delonga:

A escola média reflete rigorosamente essas posições, podendo aparecer como estímulo à autonomia e à criatividade ou como rigoroso treinamento para a conformação aos padrões sociais vigentes. Se a sociedade é estratificada em camadas, temos uma escola média diversificada de acordo com a origem socioeconômica dos alunos. Se é sociedade homogênea, a escola média tende à unidade mais ou menos polivalente. Mas, em ambos os casos, metodologicamente, a escola pode ser crítica ou conformista e transmissora. (LIMA, 1976, p.23)

Nesta linha de pensamento o autor faz uma crítica a intelectualidade brasileira, afirmando que o problema está na concepção de sociedade, que seria um problema sociopsicológico, que reflete na metodologia. Para Oliveira Lima (1976, p.24), verifica-se que o problema não é de conteúdo, mas de forma; o mesmo material pode ser abordado como automatização e como reflexão, o que revela, mais uma vez que a dicotomia não é pedagógica, mas sociológica.

O autor propõe esta ficha para servir que o professor reconheça a autocrítica do próprio aluno, para análises de equipe, para julgamento individual do professor ou conselho de classe. O autor ressalta que o professor deve deliberar entre os jovens valores como:

Figura 45 - Valores intelectuais a serem propostos.

VALORES INTELECTUAIS A SEREM PROPOSTOS A DELIBERAÇÃO DOS JOVENS		
1. Capacidade de crítica	4. Persistência no trabalho	7. Capacidade de pensamento abstrato
2. Capacidade de análise e investigação	5. Capacidade de julgamento	8. Exatidão e precisão no trabalho
3. Capacidade de síntese	6. Capacidade de estabelecer relações	9. Capacidade de estabelecer comparações, descobrir semelhanças, diferenças, etc.

Fonte: Lima (1976).

Enfatizar estes valores é muito importante, pois estamos enxergando que talvez alguns termos que o autor usa podem parecer, atualmente a nós, inapropriados, enquanto outros termos refletem a concepção à frente a seu período. O autor faz muitas fichas de análises para oferecer subsídios à proposta de escola moderna que proponha, como este modelo de ficha de avaliação do comportamento geral do aluno no trabalho escolar:

Figura 46 – Ficha de avaliação do comportamento geral do aluno no trabalho escolar.

FICHA DE AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO GERAL DO ALUNO NO TRABALHO ESCOLAR						
Turma	Série	Turno	Curso	Equipe	Data	
Disciplina			Professor			
Aluno						
ASPECTOS ANALISADOS			SIM	sim	NÃO	não
1. Autenticidade, brio, lealdade, veracidade						
2. Desejo de auto-superação, esforço, aplicação, diligência						
3. Método de trabalho, exatidão, continuidade						
4. Desejo de participação, interesse, autodisciplina						
5. Altruísmo, interesse pelos companheiros, solidariedade						
6. Capacidade de julgamento autônomo, senso crítico						
7. Liderança, iniciativa e poder de estimulação						
8. Interesses gerais pelos problemas da comunidade						
9. Originalidade, imaginação, poder criador, invenção						
10. Integração no espírito da escola e da classe						

Fonte: Lima (1976).

Mesmo estando em plena década de 1960, Oliveira Lima se preocupava com as relações e a autonomia no processo de ensino e aprendizagem escolar, alunos como atores desta relação, buscando afirmar a importância de romper com as velhas estruturas aristocráticas da escola. Nesta tabela o autor leva em consideração os seguintes pontos de vista: 1-Professor como pessoa humana; 2- Professor como incentivador da aprendizagem; 3- Professor como especialista em sua disciplina; 4- Professor como planejador; 5- Professor como técnico em didática; 6- Professor como perito em diagnosticar o rendimento escolar.

Para isso, ressaltava de antemão a importância das atitudes do professor fazendo reflexão sobre as seguintes perguntas:

Figura 47 - Aspectos psicológicos e didáticos observados.

FICHA DE APECIAÇÃO DA ATITUDE DO PROFESSOR  
(Julgamento feito pelos alunos)

Estabelecimento: .....  
Curso: .....  
Turma: .....  
Nome do professor: .....  
Disciplina: .....

ASPECTOS PSICOLÓGICOS E DIDÁTICOS OBSERVADOS					
<b>I. O Professor como Pessoa Humana:</b>					
	SIM	sim	DUV.	não	NAO
1. Você gosta dele como pessoa humana?					
2. Parece realizado e feliz em sua função de professor?					
3. Parece gostar de conviver com os jovens?					
4. É acessível e humano quando você tem problemas?					
5. É verdadeiro educador (mentor da juventude)?					
<b>II. O Professor como Incentivador da Aprendizagem:</b>					
	SIM	sim	DUV.	não	NAO
6. Anima-o e incentiva-o como a um amigo?					
7. Está realmente interessado em seu progresso intelectual?					
8. Trata-o como "pessoa jovem", mas que merece respeito?					
9. É leal, não exigindo de você mais do que pode dar?					
10. É justo e criterioso ao julgar seu esforço?					
<b>III. O Professor como Especialista em sua Disciplina:</b>					
	SIM	sim	DUV.	não	NAO
11. Sabe, realmente, a disciplina que ensina?					
12. Tem, realmente, uma visão ampla e global da matéria?					
13. Perde-se em detalhes e minudências de especialistas?					
14. É capaz de descer ao nível dos alunos em suas aulas?					
15. Dá aula como quem se compraz com a própria sabedoria?					
<b>IV. O Professor como Planejador:</b>					
	SIM	sim	DUV.	não	NAO
16. Segue planejamento rigoroso e objetivo?					
17. Informa-o sobre etapas de desenvolvimento do programa?					
18. O planejamento está de acordo com a capacidade da classe?					
19. É homem mentalmente organizado, coerente e lúcido?					
20. Dá volume de matéria impossível de assimilar?					
<b>V. O Professor como Técnico em Didática:</b>					
	SIM	sim	DUV.	não	NAO
21. Você diria dele que "este sabe dar aula"?					
22. Você precisa esforçar-se para prestar atenção à sua aula?					
23. Parece preocupado apenas em "recitar" o programa?					
24. Adota, invariavelmente, o mesmo método?					
25. É destes que "mantêm a matéria na cabeça do aluno"?					
<b>VI. O Professor como Perito em Diagnosticar o Rendimento Escolar:</b>					
	SIM	sim	DUV.	não	NAO
26. As arguições, tarefas e provas visam apenas memorização?					
27. Os alunos realmente inteligentes destacam-se em sua aula?					
28. Exige que você reproduza textualmente o que ele diz?					
29. Exige que você saiba coisa que ele não ensinou?					
30. É leal em respeitar os critérios de julgamento?					

Fonte: Lima (1976).

Aspectos psicológicos e didáticos observados.

I. O professor como pessoa humana:

1. Você gosta dele como pessoa humana?
2. Parece realizado e feliz em sua função de professor?
3. Parece gostar de conviver com os jovens?
4. É acessível e humano quando você tem problemas?
5. É verdadeiro educador (mentor da juventude)?

II. O professor como incentivador da aprendizagem:

6. Anima-o e incentiva-o como a um amigo?
7. Está realmente interessado em seu progresso intelectual?
8. Trata-o como "pessoa jovem", mas que merece respeito?
9. É leal, não exigindo de você mais do que pode dar?
10. É justo e criterioso ao julgar seu esforço?

III. O professor como especialista em sua disciplina:

11. Sabe, como, realmente a disciplina ensina?
12. Tem, realmente, uma visão ampla e global da matéria?
13. Perde-se em detalhes e minudências de especialista?
14. É capaz de descer ao nível dos alunos em suas aulas?
15. Dá aulas como quem se compraz a própria sabedoria?

IV. O professor como planejador:

16. Segue planejamento rigoroso e objetivo?
17. Informa-o sobre etapas de desenvolvimento do programa?
18. O planejamento está de acordo com a capacidade da classe?
19. É homem mentalmente organizado, coerente e lúcido?
20. Dá volume de matéria impossível de assimilar?

V. O professor técnico em didática:

21. Você diria dele que "este sabe dar aula"?
22. Você precisa esforçar-se para prestar atenção à sua aula?
23. Parece preocupado apenas em "recitar" o programa?
24. Adota, invariavelmente, o mesmo método?
25. É destes que "mantêm a matéria na cabeça do aluno"?

VI. O professor como perito em diagnosticar o rendimento escolar:

26. As arguições, tarefas e provas visam apenas memorização?
27. Os alunos realmente inteligentes destacam-se em sua aula?
28. Exige que você reproduza textualmente o que ele diz?
29. Exige que você saiba coisa que ele não ensinou?
30. É leal em respeitar os critérios de julgamento?

Esta ficha demonstra uma visão técnica de trabalho, usando tabela e fichas. Mas o autor afirma propor uma forma de conscientização, esta consciência exige reforma de atitudes. Para Oliveira Lima (1976, p.244), há quem ache inconveniente solicitar aos alunos um “juízo do professor”, podendo quebrar o respeito, porém ele é enfático em dizer que alunos já julgam os professores. O questionário visa saber o que estão pensando. O instrumento do questionário pode ser usado para despertar a consciência entre alunos e professores.

Segundo o autor (1976, p.246), a classe moderna é uma oficina e não um auditório, é um local onde se trabalha sob orientação de um mestre. A estimulação é sua arma fundamental, acompanhada da capacidade de criticar e orientar, a necessidade de antes de qualquer coisa, é trabalhar a consciência de avaliação, o autor propõem trabalhar semanalmente, concomitantemente ao processo de aprendizagem do conteúdo as reflexões sobre avaliação.

Para Oliveira Lima, o uso de fichas, tabelas e questionários exige muito cuidado e preparação, em rodas de conversa e o trabalho da empatia para com o outro são antecedentes a sua aplicação. O professor propõem para os alunos um trabalho colaborativo de auto-aprendizagem estimulando a capacidade de observar o outro de forma orientada. Que para o autor, funciona da seguinte maneira:

Se o professor sabe, realmente, estimular e tem capacidade de empatia, por exemplo, não precisa ser grande especialista na disciplina. O método de auto-aprendizagem corrige suas deficiências de conteúdo. Um treinador em salto de altura não precisa ser um saltador. Um técnico de futebol não precisa ter sido um grande craque no esporte bretão. A estimulação é sua arma fundamental, acompanhada da capacidade de criticar e de orientar. (LIMA, 1976, p. 245)

Desta maneira, é proposto também uma ficha de auto avaliação do aluno que semanalmente o próprio aluno deve se julgar. Os professores darão nota de aproveitamento para o aluno, o próprio aluno julgado e as decisões tomadas serão por unanimidade.

Figura 48 - Ficha de autoavaliação do rendimento.

**E) FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO**

Equipe \_\_\_\_\_ Turno \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_ Curso \_\_\_\_\_  
 Nome do aluno: \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

Semanalmente, a equipe dará uma nota de aproveitamento em cada um de seus membros a fim de orientar o professor no julgamento. O próprio aluno julgado deve participar da avaliação e as decisões serão sempre por unanimidade.

Convenções: A. Mau / B. Sofrível / C. Regular / D. Bom / E. Ótimo

DISCIPLINAS	Aspectos que devem ser ponderados
1. Português	1. A melhoria da expressão oral e escrita
2. ....	2. Aptidão especial para a matéria
3. ....	3. Bibliografia que manipulou
4. ....	4. Trabalho extraclasse
5. ....	5. Rendimento apresentado
	6. Esforço especial demonstrado
	7. Capacidade de recuperação

Fonte: Lima (1976).

É interessante notar como o autor cria fichas para sistematizar o trabalho do professor. A relação com o qual enxerga o ensino como técnico como nos revela o enunciado do capítulo 14 é: máquinas de aprender (ensino programado). Oliveira Lima (1976, p.249) descreve que a tecnologia emprega um dispositivo conhecido como máquina de aprender para apresentar uma série, cuidadosamente graduada, de problemas e que prevê uma “recompensa” imediata ou reforço para as respostas do estudante.

#### 4.3 Análise do pensamento de Oliveira Lima

Neste tópico apresentaremos trechos que consideramos importantes para entender o pensamento do autor durante nossos estudos. No auge da década de 1980, onde a denominada revolução cognitiva sobre os meios de ensino e as mudanças nas concepções sobre aprendizagem o autor escreve estes dez mandamentos que considera importantes para educação:

1. Não ensine: provoque a atividade da criança (algo parecido com a brincadeira tradicional de “adivinhação”).
2. Leve as crianças a discutirem entre si a situação proposta e respeite suas conclusões, mesmo que “erradas” (a solução dada pelas crianças corresponde a seu nível mental);
3. Não trabalhe na base da linguagem (sendo produto social assimilado por imitação, a linguagem nada diz sobre o verdadeiro nível de desenvolvimento da criança);
4. Não prestigie a memorização: o melhor resultado é o que demonstrar capacidade de inventar e descobrir (mesmo que, do ponto de vista do professor, a solução seja errada);
5. Comporte-se como o técnico de time de futebol: estimule, sugira, critique, mas não jogue (o jogo é das crianças);
6. Use como “material” o que existir no mundo da criança (seja ela de uma favela ou de um bairro grã-fino);
7. Sempre que a criança superar um patamar, complexifique a situação (sem isto, a criança se “especializa” na solução obtida);
8. Na alfabetização utilize as marcas e logotipos que estão espalhados pela cidade e são utilizados no dia a dia da família (não se prenda às cartilhas);
9. Organizar as crianças em grupos (pode-se até tomar como modelo inicial o escotismo), deixando que elas criem as regras de convivência (educação moral e cívica é democracia);
10. Leve as crianças a compreenderem o que fizeram (“tomada de consciência”), quer a atividade seja motora, verbal ou mental (incluindo, aí, os atritos surgidos entre as crianças). (LIMA, 1984, p.70)

Momento marcado pelo auge do construtivismo, notamos entre ambos mandamentos a forte características de, rompimento e avanço das teorias que o autor se dedicava a estudar. Estes dez mandamentos demonstram um avanço das ideias do autor em relação ao contexto histórico vigente, período da década de 1980 onde as teorias pedagógicas ainda engatinhavam para se estabilizar-se no cenário rompendo com a pedagogia tradicional. Por exemplo, mandamento quarto rompe com a característica de memorização que era forte característica do tecnicismo.

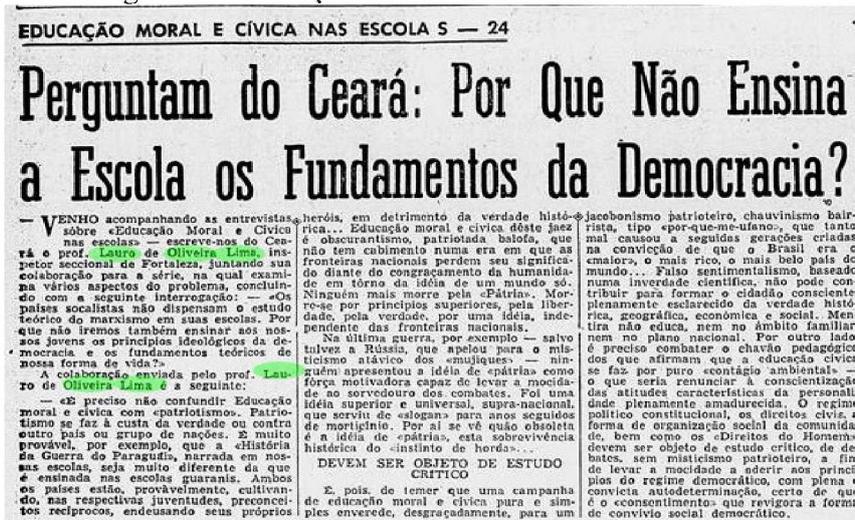
Em um ambiente, onde emergiram de um período ditatorial, no mandamento segundo propõem discutir e entre professor e alunos situações propostas e oferecer abertura para os alunos colocarem pontos de vistas, questionarem e respeitar as conclusões de ambos. Décimo mandamento propõe trabalhar questões motora, verbal e mental e a compreensão de cada fase e características, mandamento que surge da epistemologia genética.

No nono mandamento, propõem organizar as crianças em grupos deixando que elas criem as regras de convivência tem a proposta de educação moral e cívica que para Oliveira Lima resulta em democracia.

Na tomada de consciência da atividade grupal, o professor deve incluir a *avaliação do comportamento* (emocional e intelectual) de cada participante: desta forma a formidável força psicológica denominada “pressão do grupo” é utilizada na correção dos comportamentos antissociais e das distorções intelectuais (é preciso, contudo muito cuidado para que a “pressão do grupo” não passe a funcionar como instrumento de conformismo. (LIMA, 1981, p.48)

Localizamos esta ocorrência que ilustra a fala do autor que afirma “é preciso não confundir educação moral e cívica com patriotismo”, vejamos:

Figura 49 - Educação moral e cívica nas escolas.



Fonte: Diário de Notícias (1961).

### Perguntaram no Ceará: Por que não ensina a escola os fundamentos da democracia?

- Venho acompanhando as entrevistas sobre “educação moral e cívica nas escolas” — escreve-nos do Ceará o prof. Lauro de Oliveira Lima inspetor seccional de Fortaleza, juntando sua colaboração para a série, na qual examina vários aspectos do problema, concluindo com a seguinte interrogação: - “Os países socialistas não dispensam o estudo teórico do marxismo em suas escolas. Por que não iremos também ensinar aos nossos jovens os princípios ideológicos da democracia e os fundamentos teóricos de nossa forma de vida?”

A colaboração enviada pelo prof. Lauro de Oliveira Lima é a seguinte:

- É preciso não confundir educação moral e cívica com patriotismo. Patriotismo se faz à custa da verdade ou contra outro país ou grupo de nações. É muito provável, por exemplo, que a ‘História da Guerra do Paraguai’, narrada em nossas escolas, seja muito diferente da que ensinada nas escolas guaranis. Ambos os países estão, provavelmente, cultivando nas respectivas juventudes preconceitos recíprocos, endeusando seus próprios heróis, em detrimento da verdade histórica... Educação moral e cívica desde já é obscurantismo, patriotada, balofa, que não tem cabimento numa era em que as fronteiras nacionais perdem seu significado diante do congaçamento da humanidade em torno da ideia de um mundo só. Ninguém mais morre pela pátria. Morre-se por princípios superiores, pela liberdade, pela verdade, por uma ideia, independente das fronteiras nacionais.

Na última guerra, por exemplo — salvo talvez a Rússia, que apelou para o misticismo atávico dos “mujiques” — ninguém apresentou a ideia de pátria como força motivadora capaz de levar a mocidade ao servedouro dos combates. Foi uma ideia superior e universal, supra-nacional, que serviu de *slogan* para anos seguidos de morticínio. Por aí se vê quão obsoleta é a ideia de “pátria”, esta sobrevivência histórica do “instinto de horda”...

#### DEVEM SER OBJETO DE ESTUDO CRÍTICO

É, pois, de temer que uma campanha de educação moral e cívica pura e simples enverede, desgraçadamente, para um jacobismo patrioteiro, chauvinismo bairrista, tipo “por-que-me-ufano”, que tanto mal causou a seguidas gerações criadas na convicção de que o Brasil era o ‘maior’, o

mais rico, o mais belo país do mundo... Falso sentimentalismo, baseado numa inverdade científica, não pode contribuir para formar o cidadão consciente, plenamente esclarecido da verdade histórica, geográfica, econômica e social. Mentira não educa, nem no âmbito familiar, nem no plano nacional. Por outro lado, é preciso combater o chavão pedagógico dos que afirmam que a educação cívica se faz por puro “contágio ambiental” – o que seria renunciar à conscientização das atitudes características de personalidade plenamente amadurecida. O regime político constitucional, os direitos civis, a forma de organização social da comunidade, bem como os “direitos dos homens”, devem ser objeto de estudo crítico, de debates, sem misticismo patrioteiro, afim de levar a mocidade a aderir aos princípios do regime democrático, com plena e convicta autodeterminação, certo de que é o consentimento que revigora a forma de convívio social democrático.

Esta ocorrência descreve-nos de forma clara a proposta que o autor sugere em trabalhar na escola com organizar as crianças em grupos (pode-se até tomar como modelo inicial o escotismo), porém, superar a ideia de patriotismo deixando que elas criem as regras de convivência. Afirma que educação moral e cívica é democracia sendo que “ninguém mais morre pela pátria. Morre-se por princípios superiores, pela liberdade, pela verdade, por uma ideia, independente das fronteiras nacionais”.

Para Oliveira Lima(1981, p.48), leva-se também em consideração o pensamento de Piagetiano, assiciando que “não há gênese sem estrutura, nem estrutura sem gênese”, isto é, tudo está em construção, o professor deve levar os educandos a encararem a realidade como um processo construtivo que se pode chamar de crescimento, história e evolução.

Para Piaget “a inteligência é uma adaptação. Para apreendermos as suas relações como a vida, em geral, é preciso, pois, definir que relações existem entre o organismo e o meio ambiente. Com efeito, a vida é uma criação contínua de formas cada vez mais complexas e o estabelecimento de um equilíbrio progressivo entre formas e o meio” (LIMA, 1981, p.49). Oliveira Lima transcreve esta fala de Piaget com base em seus estudos para a formulação do método psicogenético. Considera Piaget o Einstein da psicologia moderna, porém, entende que era desamado, repellido e sabotado pelos psicólogos brasileiros.

A psicologia ficou reduzida ao estudo dos reflexos condicionados (J. Watson, Pavlov, Skinner) só se considerando “experimental”, “científico”, “sério” o que pudesse ser medido, quantitativamente, e submetido ao aparato das análises estatísticas. Com isto, eliminou-se da pesquisa a *vida mental* (os estados de espírito, a criatividade, a reflexão racional), isto é, adaptou-se o fenômeno ao método de pesquisa, como hoje se adapta o fenômeno ao método de pesquisa, como hoje se adapta a educação ao computador (no vestibular não há redação).

Diante das críticas apresentadas, nos deparamos com contradições, por exemplo, a ocorrência a seguir, que trás o pensamento do autor sobre o ensino secundário:

Figura 50 - Como selecionar

Quarta-feira, 18 de Março de 1964

DIRETOR DO ENSINO SECUNDÁRIO:

Exame Vestibular é Cilada. Seleção Deve Ser Feita ao Longo do Curso Colegial

CIRCULAM rumores de que o presidente da República deseja baixar decreto suprimindo o exame vestibular como forma de ingresso nas universidades. Não se conhecem ainda os detalhes da medida, mas trata-se de um assunto destinado a provocar vivos debates e controvérsias nos meios educacionais.

Numa primeira abordagem do problema resolvemos ouvir a palavra do prof. Lauro Oliveira Lima, diretor do Ensino Secundário, já que a escola secundária, principalmente no curso colegial, é a agência especializada em encaminhar para as universidades os

ESVAZIAMENTO DO COLEGIAL

A propósito da atual situação criada pela exigência do exame vestibular, assim se manifestou o prof. Lauro de Oliveira Lima: «A partir da quarta série ginasial (digo isto baseado numa pesquisa feita entre 1.500 estudantes), o aluno começa a abandonar as disciplinas que não entram no vestibular. Os cursinhos que proliferam por todos os

cantos da cidade, polarizam toda a atenção e estorço dos estudantes, reduzindo o curso colegial a mera formalidade legal que deve ser preenchida sem que o aluno tenha que despendir muita energia. E o «cursinho», especializado nas matérias que constam do vestibular, que interessa. Que fazer? Acabar, simplesmente com o vestibular? Mas, como? Desistindo ad seleção? É lógico que não! O próprio curso colegial deve ser usado, como principal deve ser usado como processo seletivo. A Universidade criaria um grupo de observadores orientadores, que daria assistência aos cursos colegiais, criaria condições materiais (laboratórios) de ensino e submetteria os alunos a uma continuada e insistente observação para selecioná-los a longo prazo», não apenas em vista da Química ou da Física que sobressemas, mas também em vista da capacidade geral demonstrada».

VESTIBULAR E' CILADA

Continua o diretor do Ensino Secundário: «Quais são, hoje, as relações da Universidade com seus futuros alunos? De vigilância? De prevenção? De assistência? Não! Os cursos superiores nenhuma preocupação demonstram com a formação de seus futuros quadros, limitando-se a armar uma cilada, à porta da Universidade, chamada vulgarmente de Exame Vestibular. Que é mais racional, lógico e científico: preparar convenientemente os jovens para entrar na escola superior, selecioná-los a longo prazo, incentivá-los durante anos, por à sua disposição todos os recursos de estudo, ou esperar, passivamente, a descoberta, em um boqueirão chamado «vestibular», num violento processo de seleção sem nenhuma validade científica? Admira que pessoas de alto gabarito intelectual ainda defendam esse processo anacrônico de seleção quando a Psicologia Aplicada e a Orientação Educacional dispõem de modernos recursos de diagnóstico, recuperação, seleção e encaminhamento.

COMO SELECIONAR

Disse mais o prof. Lauro de Oliveira Lima: «Considerando que só devem entrar nos cursos superiores os indivíduos bem dotados, já que os titulados destinam-se a nível intelectual, a Universidade deveria introduzir um novo processo de seleção — aperfeiçoamento que se denominou Ano Vestibular. Durante um ano, um grupo de alunos-candidatos ao ensino superior será adestrado, selecionado, observado e encaminhado através de estudos em profundidade feito por psicólogos, assistentes-sociais e professores-orientadores. Tudo isto será ótimo se seus planejadores não cometerem o erro fatal de permitir que

alunos ainda matriculados no curso colegial possam, ao mesmo tempo, preparar-se para o ano vestibular. Se isto acontecer, estarão selecionados os famigerados «cursinhos» que deformam os alunos pela especialização precoce e que deformam os conteúdos gerais da escola secundária, de caráter formativo, para que as Universidades não tenham capacidade para receber os concluintes da escola secundária cabíveis, no interior do próprio país, escolher os melhores, do ponto de vista do nível mental, e complementá-los os conhecimentos indispensáveis ao ingresso nos cursos superiores».

QUE FAZER?

Concluindo suas declarações, enumerou o prof. Lauro Oliveira Lima os pontos essenciais para a superação das falhas do atual vestibular: 1) prolongar a seleção ao longo de todo o curso colegial, vez que todos os alunos matriculados neste curso têm uma única aspiração: o curso superior; 2) procurar diminuir desde cedo — com os próprios recursos psicopedagógicos — os hem-dotados e dar a condições sociais de aproveitamento; 3) atrair para o processo de observação e seleção todos os professores do curso colegial; 4) manter, junto aos cursos colegiais, assessores orientadores designados pelas Universidades, a fim de acompanhar a seleção progressivamente se fosse possível; 5) aplicação de testes de baterias de testes de capacidade intelectual, de aptidão e de temperamento, ao longo de todo o curso colegial; 6) sistema de recuperação dos deficientes dentro do próprio curso colegial, de modo que todo aluno que se atrasasse fosse imediatamente submetido a regime especial de estudo orientado para alcançar seu grupo; 7) encaminhamento ao longo do curso colegial dos que não mostram capacidade de recuperação, para escolas técnicas de nível médio; 8) extinguir o exame vestibular.

INDEPENDENTES

Filosofia de Campo Grande

DIRETORIO ACADEMICO AEDO CARVALHO Edital de Convocação - O Dr. Aedo Carvalho convoca todos os alunos para que compareçam em dia 15 às 16 horas, na Avenida Benedito Cardoso, 335, em Caspary, imperivelmente, a fim de tratar de assunto decisivo e inadiável.

ASSOCIAÇÕES CULTURAIS E CIENTÍFICAS

Centro Regional de Estudos do Hospital Estadual Sousa Aguiar - Para realizar, no próximo dia 19, quinta-feira,

DA GUANABARA

nosso Centro demonstra sobejamente a Unidade Existencial do nosso curso. Venham votar para que possamos cumprir o nosso lema: «Fato conhecido da nossa realidade».

Comunicado aos Vestibulandos Reprovados - O Diretório Acadêmico La-Fayetta Cortes, supracitado com um imprevisto ponto facultativo no dia 15 p.p., durante o qual foi avisado não seriam abertos os portões da Faculdade, não pôde imediatamente realizar a reunião marcada com os candidatos, conforme foi anunciado. Comunica, entretanto, que nova reunião está programada para o próximo dia 20, às 13h30m. Convidamos, portanto, os futuros colegas a um encontro de maior importância, a se realizar na sede do Diretório, no dia 18 (hoje), às 13h00m. Na ocasião procurar o colega Luis Augusto.

Ciências Médicas

CENTRO ACADEMICO SIR ALEXANDER FLEMING

Membras do DA - Moisés dos Reis Amaral, presidente do CASAF, resolve, baseado nos seus direitos estatutários, convocar reunião da diretoria para o próximo dia 20, às 13h30m, na sede do Diretório. Representantes de Turma - Moisés dos Reis Amaral, presidente do CASAF, convoca reunião dos Representantes de Turma para a próxima segunda-feira, dia 23 de março, às 13h30m, na sede do CASAF. Chefes de Departamentos - Luis Roberto Tenorio, secretário-geral do CASAF, convoca reunião dos Chefes de Departamentos para a próxima terça-feira, dia 24, às 13h30m, na sede do CASAF. Atividades Culturais - Departamento Cultural - Em maio próximo será realizado um curso sobre Práticas Funcionais Hepáticas, ministrado pelo dr. Fernando Guerra Alvariz, do Setor de Gastroenterologia, do HCPE. As aulas serão às quartas e sextas-feiras, no horário de 20h20m. Local: Antiquário do Centro de Estudos do HCPE. Revista do Plantão - Já estamos preparando o terceiro número de nossa revista científica, porém há grande falta de a presença de trabalhos de alunos. É necessário desenvolver o espírito de pesquisa na PCM e a revista científica é um ótimo estímulo. Envie seus trabalhos à sede do CASAF, de qualquer modo em espaço dois. Semana Interna de Debates Científicos - Prêmio Protenix - Estamos entrando em contato com o Laboratório Protenix no sentido do patrocínio da II Semana de Debates Científicos, a realizar-se no segundo semestre. Os trabalhos vencedores serão premiados pelo referido Laboratório e participação na Semana Brasileira de Debates Científicos (SABD). Jornal do Plantão - Solicitamos a colaboração dos colegas no sentido de que escrevam artigos para o mesmo jornal. É inamovível que a primeira iniciativa planejada revista a um pequeno grupo de colegas. Acompanhem em abril o próximo número.

Fonte: Diário de Notícias (1964).

Esta ocorrência afirma as contradições, pois o autor considerava que a Universidade deveria ser reservada a poucos, aos “bem-dotados”. O texto revela uma visão tecnicista em relação à educação e de que a educação não é um bem para todos. Tema controverso, em especial num período em que o país buscava ampliar os níveis de ensino. No entanto, o crescimento do ensino superior não contemplava a população menos favorecida.

A atuação do autor, além de questões pedagógicas, denunciava questões como atuação dos educadores e gestores da educação:

Figura 51 – Corrupção numa secretaria da educação

está tornando um mercado apreciável para os nossos autoveloculos. Vencidas umas tantas dificuldades, será um grande mercado.

**CORRUPÇÃO NUMA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO**

A Secretaria da Educação do Ceará, informou em artigo o sr. Lauro de Oliveira Lima, tornou-se um caso de polícia, tal a corrupção clamorosa, que lá impera. Escapou inteiramente ao controle dos técnicos. Está totalmente dominada por uns tantos políticos inescrupulosos. O sr. Oliveira conta fatos simplesmente vergonhosos. Como não há economia sem educação, como o que se passa na Secretaria da Educação do Ceará é um caso de polícia, tal a corrupção em que se encontra, como a própria Universidade do Ceará, parece estar ameaçada, se é que a corrupção por lá ainda não chegou, não ficaremos à margem do caso vergonhoso. Dedicaremos um tópico todas as semanas, à Secretaria da Educação do Ceará, transcrevendo trechos do sr. Oliveira Lima. Estaremos assim, também, combatendo muito eficientemente o comunismo. E o Ministério da Educação que corta todas as verbas que entrega a Secretaria da Educação do Ceará. São desviadas em sua quase totalidade, diz o sr. Oliveira Lima. As informações são mentirosas. As estatísticas, falsas. A corrupção atingiu o inconcebível.

Decididamente a Secretaria da Educação do Ceará não merece crédito. Se tem razão o sr. Oliveira Lima. Atingiu o fundo do vale. Passaremos a analisar, detalhadamente, o que se passa na Secretaria da Educação do Ceará a partir do próximo domingo. É pavoroso pensar que enquanto uns tantos se locupletam, o analfabetismo campela no Ceará. Há miséria. Há fome crônica. Para quem apelar ante a gravidade da conjuntura? Será que o Governo Federal não pode por um termo a isto? Não é possível cruzar os braços. Talvez a Igreja Católica possa intervir. A Igreja quer combater o comunismo. Combater a corrupção é uma das mais eficientes formas de combater o comunismo. Faz-se mister, porém, extirpar a corrupção que infelizmente domina a Secretaria da Educação do Ceará.

**CONFERÊNCIA DA UVA E DO VINHO**

Realizou-se, em Porto Alegre, a 1 Conferência da Uva e do Vinho. Os resultados foram excelentes. Abrem-se novas

Fonte: Diário de Notícias (1962).

### Corrupção numa secretaria da educação

A Secretaria de Educação do Ceará, informou em artigo o sr. Lauro de Oliveira Lima, tornou-se um caso de polícia, a tal corrupção clamorosa, que lá impera. Escapou inteiramente do controle dos técnicos. Está totalmente dominada por uns políticos inescrupulosos. O sr. Oliveira Lima conta fatos simplesmente vergonhosos. Como não há economia sem educação, como o que se passa na secretaria da educação do Ceará é um caso de polícia, tal a corrupção em que se encontra com a própria Universidade do Ceará, parece estar ameaçada, se que a corrupção por lá ainda não chegou, não ficaremos a margem do caso vergonhoso. Dedicaremos um tópico todas as semanas, à secretaria de educação do Ceará, transcrevendo trechos do sr. Oliveira Lima. Estaremos assim também, combatendo muito eficientemente o comunismo. E o ministério da educação que corta todas as verbas que entrega a Secretaria da Educação do Ceará. São desviadas em sua quase totalidade, diz o sr. Oliveira Lima. As informações são mentirosas. As estatísticas são falsas. A corrupção atingiu o inconcebível.

Decididamente a Secretaria de Educação do Ceará não merece crédito. Se tem razão o sr. Oliveira Lima. Atingiu o fundo do vale. Passaremos a analisar detalhadamente o que passa na secretaria de educação do Ceará a partir do próximo domingo. É pavoroso pensar que enquanto uns tantos se locupletam, o analfabetismo campela no Ceará. Há miséria. Há fome crônica. Para quem apelar ante a gravidade da conjuntura? Será que o governo federal não pode por um termo a isto? Não é possível cruzar os braços. Talvez a igreja católica possa intervir. A igreja quer combater o comunismo. Combater a corrupção é uma das mais eficientes formas de combater o comunismo. Faz-se mister, porém, extirpar a corrupção que infelizmente domina a Secretaria da Educação do Ceará.

Denunciados por Oliveira Lima atos de corrupção no estado do Ceará. O autor publicou várias notas de repúdio denunciando a corrupção e ressaltando o pensamento que “a igreja quer combater o comunismo. Combater a corrupção é uma das mais eficientes formas de combater o comunismo”.

Com conceitos referentes a técnicas de ensino: técnica, método, metodologia, processo, procedimento, estratégia, tática, recurso, instrumento, atividades tais conceitos se revestem diferentemente de distinções fluidas e ambíguas. Desta maneira propondo transformar a escola que ainda sofre com a educação atual.

Os fragmentos acima indicam pouco da prática e atuação de Oliveira Lima, que teve importante contribuição para a educação, desde os estudos sobre Jean Piaget até ao desenvolvimento de práticas pedagógicas e uma atuação como gestor educacional. Desta forma, podemos compreender o autor como um educador que atuou na teoria e na prática da educação brasileira, que de certa forma contribuiu também para a implementação do tecnicismo educacional, que chega ao Brasil em meados do século XX e se estabelece até hoje.

Compreendemos que Oliveira Lima transitou por questões que geraram polêmicas sobre sua atuação, até mesmo cassado pelo regime cívico militar, mas contraditoriamente serviu ao Regime com a produção de seu material didático de cunho tecnicista, conforme já demonstrado nos escritos acima. O autor teve atuação importante na educação nacional, reconhecidamente um intelectual da educação, com grande produção de material didático e pedagógico para a escola no Brasil.

Compreendemos que apesar das contradições postas no seu currículo, trata-se de um autor com atuação e produção significativa para o desenvolvimento da educação moderna, com raízes no pragmatismo filosófico, no positivismo, no tecnicismo e numa educação voltada para os interesses do novo tempo, o do capitalismo moderno que se instalou no Brasil nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Compreende-se, ainda, sua contribuição para o campo de estudo sobre os intelectuais da educação brasileira e manuais da educação, bem como, sua contribuição para a história da educação brasileira.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre educação não se desvinculam dos aspectos sociais, políticos, filosóficos, históricos e econômicos. Nossa pesquisa tentou buscar sustentação teórica e interpretação das ideias do autor Lauro de Oliveira Lima, educador que nos motivou a assumir a tarefa de buscar o fio condutor das explicações de fatos históricos que não se resumiram em uma cronologia, mas sim em elementos significativos para a construção do nosso trabalho, buscando contribuir nos estudos sobre educação, em especial, na história da educação e no pensamento educacional.

O cenário do século XX foi marcante para todo o contexto histórico. A história da educação em sua essência abriga diversos acontecimentos que nos inquietam. Buscar entender o pensamento de um autor não é um desafio fácil, pois lidamos com história, a qual não presenciamos e não podemos nos teletransportar até lá. No entanto, nos é dado o desafio de usufruir do material que nos restou de herança.

Resultado de um período marcado por um cenário político e econômico minado com os interesses da revolução industrial. Diante de um cenário desafiador, Oliveira Lima, nos estudos pedagógicos, tem-se demonstrado claramente como uma preocupação de caráter econômico e político.

Ao estudar Oliveira Lima, observamos que seu pensamento propõe a reorganização do contexto escolar com recursos conceituais e métodos que têm uma sociologia e organização de trabalho e uma proposta de ciência da educação que firma a busca por uma educação para a ciência. Oliveira Lima contribuiu de forma significativa para educação brasileira, tanto no aspecto de metodologia e da organização escolar.

Estudamos e refletimos sobre todo o trabalho de Oliveira Lima, que dedicou-se aos estudos da psicogênese proposta por Jean Piaget, considerado um epistemólogo da educação, aplicando na escola “A Chave do Tamanho” o método psicogenético no Brasil, uma experiência sobre a implementação do “Centro experimental e Educacional Jean Piaget”. Concomitante a este projeto, Oliveira Lima se dedicou a autoria de materiais sobre o método psicogenético, a formação de professores e materiais sobre educação moderna.

Este autor se dedicou ao estudo do ensino em contexto escolar propondo recursos conceituais e metodológicos. Juntando o estudo das teorias de Piaget e a aplicação no centro epistemológico, podemos definir que o autor se dedicou à pesquisa empírica. No texto de Tardif (2008, p.8), podemos refletir sobre a pesquisa empírica a

fim de juntar a rica colheita de fatos numa teoria mais ampla e mais consistente que, somente ela, pode garantir o desenvolvimento ulterior desse campo.

Acreditamos, assim, que realizamos uma pesquisa que valorizou a visão dos princípios da teoria behaviorista, da década de 1970, dada às formas práticas em que tentou aplicar as teorias, principalmente pela sua aproximação ao tecnicismo educacional que se instalou no Brasil durante a industrialização.

Identifica-se certa contradição em sua trajetória, isso se deu devido à versatilidade do autor em meio à sua ação na educação. Ora, o autor tem cunho político, relatando sobre a educação com uma vertente técnica, usando o como fazer, como ensinar, como pensar, como ajudar o aluno aprender. A frase que revolucionou a carreira do autor, “o professor não ensina: ajuda o aluno aprender”, nos remete a um encorajamento diante a docência, sobre o ato de ensinar. Para o autor, a grande chance dos países subdesenvolvidos talvez seja a mutação de seu processo escolar.

Buscamos concluir que no âmbito das sociedades modernas a preocupação com o pensamento pedagógico é uma atividade social fundamental. Nas obras de Oliveira Lima consideramos a importância que o autor vê nas atividades e a construção de modelos teóricos tirados de estudos de outras esferas do trabalho como a importância do técnico, a comunicação e outras fundamentações.

Percebe-se uma contradição na postura do autor sobre a educação dependendo da época e do período das publicações. Nas obras produzidas na década de 1970, baseado em estudos de Piaget, direcionando à pedagogia, existe um impasse ainda entre reprodução e transformação. O autor faz as seguintes afirmações: “pode-se, comparando mal, dizer que o sistema escolar não foi ainda ‘industrializado’, continuando com base ‘artesanal’”. (1971, p.6)

Sendo assim, ao longo dos anos, Oliveira Lima foi alguém que se adapta a modernização da educação brasileira caminhando na esteira do discurso do tecnicismo e profissionalização da educação.

O salto propulsor de Oliveira Lima foi claramente quando o autor passa a ter conhecimento das obras de Piaget, por Hans Aebli, no livro *Evolução Mental da Criança*. A partir de então o cenário começa a ser transformado, onde o próprio autor afirma na carta intitulada *Finalmente Piaget*:

Piaget também provocou “mudança de paradigma” nas ciências do homem, ou melhor, nas ciências da vida, que abalou os fundamentos atuais da psicologia, psicanálise, antropologia, etologia, sociologia, biologia, política... Como a educação baseia-se nestas ciências, Piaget (mesmo sem querer, pois não é pedagogo) provocou uma significativa mudança nas práticas educativas vigentes há mais de mil anos (LIMA, 1974, p.61)

Após este período Piaget começou a ser estudado nas faculdades, trinta anos depois da descoberta do livro de Hans Aebli por Oliveira Lima. Assim, ele avança em termos de pensamento. Está claro a nós, que Oliveira Lima defende a educação como a liberdade de agir, como configura brilhantemente nas propostas de dinâmica de grupo.

Entendemos que a educação é oriunda da pesquisa, sempre colocada em discussão em forma de debate de uma forma pensada e organizada. O objetivo deste exercício é fazer com que o ato intelectual seja repensado de maneira significativa, do ponto de vista didático, as características da dinâmica de grupo desempenham o papel mais importante de exercício.

Oliveira Lima já era preocupado com o currículo escolar, o que na época chamava de “currículo moderno”, e acreditava que os adolescentes deveriam terminar a escola média com condições de ganhar a própria vida e afirmava que “não são as disciplinas do currículo que determinam se uma escola serve à maturação geral do educando, mas a metodologia com que são manejadas” (1976, p.48). Neste currículo o autor pensa na dinâmica de grupo que promove atividades reflexivas e o uso da tecnologia.

O papel da tecnologia e os desafios da implementação, as dificuldades na sua aplicação são questões importantes que não foram superadas até os dias atuais. O autor já dizia: “a complexidade da era tecnológica em que vamos mergulhando, cada vez, mais fundamente, exige instrumento de enculturação uma escola de nível superior ao da escola primária” (1976, p.44). Assim, a aplicação da tecnologia no currículo escolar e a formação de professores, se tratando que um dos maiores desafios é a conscientização dos professores.

O autor afirmava que “numa democracia não podemos fazer duas escolas: a secundária, para as elites, e a profissional, para o povo. O problema de preparar para a universidade é menos da escola média que da própria universidade” (1976, p.51), diante do fato que na construção das escolas secundárias cercaram de todos os cuidados para que não popularizassem que apesar de dizer em movimento de democratização, estava impregnado o sentido seletivo.

Conquanto tenhamos nos preocupado em assumir uma postura metodologicamente rigorosa, não consideramos este trabalho acadêmico como um projeto acabado. Mas, apesar de todas as dificuldades tentamos juntar todo o material disponível para apresentarmos de forma clara neste texto.

Este trabalho nos trouxe amadurecimento intelectual e aprendizagem no campo dos estudos dos intelectuais, dos manuais da educação e da história da educação. Da pesquisa empírica e da leitura à construção do texto, nos modificamos influenciados pelo autor. Ganhamos sabedoria e maturidade intelectual, aprendemos mais sobre educação.

Percebemos que este intelectual da educação considerando a grande quantidade de produções e referências do período em que viveu. Autor foi estudioso de Piaget e se dedicou ao estudo de seu método psicogenético contribuindo de fato com sua divulgação científica. Diante disso, consideramos sua importância com a ação enquanto educador sempre se dedicando ao ato de ensinar, como intelectual contribuindo com a leitura de Piaget, implementando grupos de estudo passando a ser uma referência na divulgação científica.

Contraditório, adapta produz o tempo que está vivendo, se adapta ao discurso tecnicista, profissionalização e institucionalização, passou a oferecer cursos para professores com o viés técnico. Revela também, não ser um autor socialista. Sua postura burocrata é revelada, pois, sua preocupação não era o ingresso e manutenção do indivíduo na educação, sua preocupação era na forma de desenvolvimento da inteligência e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ARAPIRACA, J. O. **A USAID e a educação brasileira**: um estudo a partir de uma abordagem crítica do capital humano. 1979. 300 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Instituto de estudos avançados em educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1979.

ARAÚJO, J. C. S. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. *In*: VEIGA, I. P. A. (org.). **Técnicas de ensino**: Porque não? Campinas: Papirus, 2002.

AZEVEDO, F. **No tempo de Petrônio**: ensaios sobre a Antiguidade Latina. 3. ed. rev e ampl. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

BETA. Uma escola piagetiana: a chave do tamanho. *In*: BETA. Blog da Beta. Rio de Janeiro. 6 abr 2011. Disponível em: <http://beta-escoladepais.blogspot.com/2011/04/uma-escola-piagetiana-chave-do-tamanho.html>. Acesso em: 13 fev 2019.

BERMAM, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. MÓISES, C.F. São Paulo: Editora Scharcz, 1986.

BLAUG, Mark. **Introdução economia da educação**. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.

BIOGRAFIA. *In*: Blog Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro. Rio de Janeiro. [2011]. Disponível em: <https://laurodeoliveiralima.blogspot.com/p/biografia.html>. Acesso em: 13 fev 2019.

BIBLIOGRAFIA. *In*: Blog Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro. Rio de Janeiro. [2011]. Disponível em: <https://laurodeoliveiralima.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 13 fev 2019.

CENTRO EXPERIMENTAL E EDUCACIONAL JEAN PIAGET. A escola. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.jeanpiaget.com.br/p.php?p=escola>. Acesso em: 13 fev. 2019.

CHOPRIX F. D.; FORTUNY. M. **La escuela Decroly de Bruselas**. Disponível em: <http://www.ugr.es/~fjjrios/pce/media/7-LaEscuelaDECROLY.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2019.

CUNHA, N. **A revolução e a educação**. Campinas: Editora Autores Associados, 2003.

CUNHA, M. V. **John Dewey e o pensamento educacional brasileiro**: a centralidade da noção e movimento. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n17/n17a06.pdf>. Acesso em: 29 Jul. 2018.

CUNHA, L. A. **A universidade reformada**: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CURY, C.R. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Editora Autores Associados, 1989.

FARIA FILHO, L. de. **Dos pardieiros aos palácios**: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UPF, 2000.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica de aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRAMSCI, A. Carta 11. *In*: GRAMSCI, A. **Cartas do cárcere**. [S. l.]: Estaleiro Editora. 2011.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. Ana Maria Bernardo et. al. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Trad. Antônio Correia. Coimbra-Portugal: Aménio Amado, 1987.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. *In*: LIBÂNEO, J. C. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

LIGUORI, G. Le edizioni dei Quaderni di Gramsci tra filologia e política. *In*: **Dizionario gramsciano 1926-1937**. Roma: Carocci, 2009.

LIMA, L. O. **A escola secundária moderna**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária 1976.

LIMA, L. O. **Mutações em educação segundo McLuhan**. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1975.

LIMA, L. O. **O impasse na educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1969.

LIMA, L. O. **Treinamento do professor primário**: uma nova concepção da escola normal. Belo Horizonte: Editora do Professor, 1966.

LIMA, L. O. **Piaget para principiantes**. São Paulo: Editora Summus, 1980.

LIMA, L. O. **O enfant sauvage de illich numa sociedade sem escolas**. São Paulo: Editora Vozes Ltda, 1975.

LIMA, A. E. S. O. ; LIMA, L.O. **Uma escola piagetiana**. Rio de Janeiro: Editora Paidéia, 1981.

LOPES, S. C. Anísio Teixeira e Lourenço Filho no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1935). **Revista Brasileira de História da Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, maio/ago. 2007. Disponível em: <file:///D:/Desktop/louren%C3%A7o%20filho.pdf>, Acesso em: 21 Jan 2019.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, P. C. M. Conservadorismo, educação e tomismo no império brasileiro. **Revista brasileira de história das religiões**. Maringá, ano 1, n.3, Jan. 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf2/texto%2013.pdf>. Acesso em: 26 Jul. 2018.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

MELO, C. M. **A Concepção de Homem no Behaviorismo Radical e suas implicações para a Tecnologia do Comportamento**. 2009. Tese (Doutorado em filosofia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

MELLO, J. L. P. **Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Clube dos autores, 2010.

MOTTA, R. P. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NASSIF, L. E. ; CAMPOS, R. H. F. Édouard Claparède (1873-1940): interesse, afetividade e inteligência na concepção da psicologia funcional. **Memorandum**, n. 9, 91-104. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/nassifcampos01.pdf>. Acesso em: 20 Jan 2019.

NUNES, C. O velho e bom ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, 2009. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a04](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a04). Acesso em: 15.05.17

PERFIL. *In*: Blog Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro. Rio de Janeiro. [2011]. Disponível em: <https://laurodeoliveiralima.blogspot.com/p/perfil.html>. Acesso em: 13 fev 2019.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

RIBEIRO, M.L.S. **História da Educação Brasileira: a Organização Escolar**. 6. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1986.

SÁ, A. Lauro de Oliveira Lima. *In*: UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ. Grupo de pesquisa de história e memória social da educação e da cultura. **História&Cultura: temas variados de história, cultura e educação**. Sobral, 12 Mar. 2013. Disponível em: [http://historiaecultura.blogspot.com/2013/03/lauro-de-oliveira-lima\\_12.html](http://historiaecultura.blogspot.com/2013/03/lauro-de-oliveira-lima_12.html). Acesso em: 13 fev. 2019.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetórias, limites e perspectivas.** 6ª ed., Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** 1. ed. São Paulo: Cortez editora, 1983.

SOUZA, R. A. A Filosofia de John Dewey e a Epistemologia Pragmatista. **Revista Redescrições**, [S. l. ], ano 2, n. 1, 2010. Disponível em: [http://gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/ano2\\_01/4\\_souza.pdf](http://gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/ano2_01/4_souza.pdf). Acesso em: 25 Maio 2017.

SOUZA, V. F. M.; LARA, A. M. B. Lauro de Oliveira Lima: A Questão de Universidade Brasileira na Década de 1960. **Cadernos de História da Educação.** Uberlândia, v.12, n.2, jul./dez. 2013.

SOUZA, T. S. ; RIBEIRO, B. O. L. Educação Escolar e Modernização no Interior Paulista (Franca – Década de 60). **Cadernos de História da Educação.** Uberlândia, n.7, jan./dez. 2008.

SCHULTZ, E. Theodore. **O Valor Econômico da Educação.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

TARDIF, M. ; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Trad. João Batista Kreuche. 4. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

TEIXEIRA, A. Meia vitória, mas vitória. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Rio de Janeiro, v. 37, n. 86, p.222-223. abr./jun. 1962.

TEIXEIRA, A. Prefácio. *In*: MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico.** São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972. 390p.

TODOROV, J. C. **A psicologia como estudo de interações.** [S. l.]: Walden 4, 2012. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=FQNtDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=behaviorismo+comportamento&ots=TtTwOLh2UI&sig=zkrscvu4mLnJMrmULGIRa3TTt\\_A#v=onepage&q=behaviorismo%20comportamento&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=FQNtDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=behaviorismo+comportamento&ots=TtTwOLh2UI&sig=zkrscvu4mLnJMrmULGIRa3TTt_A#v=onepage&q=behaviorismo%20comportamento&f=false). Acesso: 18 Jan 2019.

VASCONCELOS, M. S. **A difusão das idéias de Piaget no Brasil.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

VEIGA, C.G. **História da Educação.** São Paulo: Editora Ática, 2007.

VIANNA, L. W. **A revolução passiva: Iberismos americanismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Revan, 1997.

VÍDEO raro do educador Lauro de Oliveira Lima sobre Epistemologia Genética de Jean Piaget. Publicado pelo professor Marcos L Souza. [ *S. l.: s.n.*], 2017. 1 vídeo (10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xL3Sf8d6boA>. Acesso em: 12 fev. 2019.

VIEIRA, C. E. História intelectual e história dos intelectuais: diálogos acerca da escrita da história da educação. *In*: STRANG, B. L. S.; OSINSKI, D. R. B. (org.). **História intelectual e educação**: trajetórias, impressos e eventos. Jundiaí: Paco editorial, 2011.

**JORNAIS PESQUISADOS**

Correio da manhã Ano 1963\Edição 21416

Correio da manhã Ano 1974\Edição 16093

Diário de notícias Ano 1960\Edição 11523

Diário de notícias Ano 1961\Edição 11835

Diário de notícias Ano 1961\Edição 11907

Diário de notícias Ano 1962\Edição 12230

Diário de notícias Ano 1962\Edição 12244

Diário de notícias Ano 1963\Edição 12503

Diário de notícias Ano 1963\Edição 12531

Diário de notícias Ano 1963\Edição 12537

**ANEXO A - Lista com 20 bibliotecas digitais pesquisadas**

- 1- Acervo Digital de Cordeis da Biblioteca de Obras Raras de Átila de Almeida/UEPB;
- 2- Arquivo Público do Estado de São Paulo;
- 3- Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (1810 a 2005) – FEUSP;
- 4- Bibliomania;
- 5- Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin/USP;
- 6- Biblioteca da Universidade Nacional de Córdoba;
- 7- Biblioteca da Universidade Nacional de La Plata;
- 8- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD);
- 9- Biblioteca Digital da Escola de Música da UFRJ;
- 11- Biblioteca Digital da Unicamp;
- 12- Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano;
- 13- Biblioteca Digital do Museu Nacional;
- 14- Biblioteca Digital do Supremo Tribunal Federal;
- 15- Biblioteca Digital e Sonora;
- 16- Biblioteca Digital IBM;
- 17- Biblioteca Digital Paulo Freire;
- 18- Biblioteca Mundial Digital;
- 19- Biblioteca Nacional da Colômbia;
- 20- Biblioteca Nacional Digital Brasil;